



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL**



JOSÉ AUGUSTO SOUZA DOS SANTOS

**DA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO ÓDIO CONTRA DOCENTES À INVASÃO
DE COMPETÊNCIA: CONSIDERAÇÕES PANDÊMICAS A PARTIR DA
ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023**

JOSÉ AUGUSTO SOUZA DOS SANTOS

**DA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO ÓDIO CONTRA DOCENTES À INVASÃO
DE COMPETÊNCIA: CONSIDERAÇÕES PANDÊMICAS A PARTIR DA
ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal de Sergipe como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos;

Linha de pesquisa: Linguagem,
identidades e práticas sociais.

Professora Orientadora: Dra. Taysa
Mercia dos Santos Souza Damaceno.

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe

JOSÉ AUGUSTO SOUZA DOS SANTOS

**DA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO ÓDIO CONTRA DOCENTES À INVASÃO
DE COMPETÊNCIA: CONSIDERAÇÕES PANDÊMICAS A PARTIR DA
ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal de Sergipe como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: ____/____/_____.

Banca Examinadora:

Professora Dra. Taysa Mercia dos Santos Souza Damaceno
(Presidente – Universidade Federal de Sergipe – UFS)

Professor Dr. Paulo Sérgio da Silva Santos
(Membro EXTERNO AO PROGRAMA – DEDI/UFS)

Professor Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos
(Membro INTERNO – PPGL/UFS)

A meu querido pai (*in memoriam*) e à minha amada mãe por sempre acreditarem em mim, me apoiarem e incentivarem durante cada etapa dos meus estudos e ao longo de toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, guia dos meus caminhos, visão e causa suprema de todas as coisas boas que acontecem em minha vida, sendo o meu porto seguro, minha razão de existir.

A toda minha família, em especial meus pais, João e Zefinha, e irmãos pelos exemplos de caráter e apoio em minha caminhada, responsabilidade e confiança dada naturalmente à minha pessoa. A Meu pai (*In memoriam*) um agradecimento muito especial: ele sempre acreditou que eu iria vencer pela educação, tinha um orgulho muito grande da pessoa e profissional que me tornei.

Aos meus amigos, em especial Leoni, Cecília (eu e eles nos consideramos as “Vozes do SUL”...rsrs), fomos e somos coluna de sustentação um do outro, nesse processo de conhecimento. Gratidão à querida Vitória Régia, um anjo acolhedor que tanto me ajudou a seguir em frente, leu meus textos, sugeriu ajustes essenciais em algumas partes, fortalecendo meu processo de escrita. Suzane Napolitano e Rita Ferreira, por tantas vezes acolherem minhas emoções com palavras de incentivo e que me fizeram acreditar em meu potencial. Agradeço também à minha amiga pessoal e de profissão, Andreia Moreira, que me escutava nas horas de aperreio... rsrs. Estas pessoas passaram a fazer parte de minha história. Elas possuem uma simplicidade capaz de demonstrar o quanto o ser é superior ao ter e o quanto é maravilhoso superar desafios.

À Universidade Federal de Sergipe, esse agradecimento institucional para mim é de grande importância, pois foi um local de descobertas, criticidade e contato com diferentes pesquisadores comprometidos com a causa social.

À orientadora, professora Dra. Taysa Damaceno, que compartilhou os seus conhecimentos, colocando em minhas mãos as ferramentas com as quais abri os meus horizontes rumo à satisfação plena de meus ideais profissionais, humanos e afetivos.

À professora Dra. Cleide Pedrosa, por ter dado os primeiros passos na minha orientação e por me apresentar com muita propriedade a linha de pesquisa Análise Crítica do Discurso (ACD).

A todos os professores que contribuíram para minha formação educacional, da educação infantil ao superior, profissionais competentes, humildes e capazes de traduzir num simples olhar social a relevância do pesquisador numa sociedade multifacetadas, que busca incansavelmente por justiça social para os desvalidos. Hoje, sou um professor e pesquisador que luta por justiça social, preocupado com as causas minoritarizadas e encontrei aporte teórico na linha de pesquisa da ACD. Muito obrigado!

Meus heróis morreram de overdose
E meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
Ideologia
Pra viver.
(Ideologia, Cazuza, 1987)

RESUMO

Ano civil de 2020 – Pandemia do Coronavírus Covid-19. Ano letivo de 2020 – interrupção abrupta do ensino presencial, a partir do mês de março. A grande propagação da pandemia gerou uma série de medidas restritivas e a educação foi apenas uma das muitas áreas atingidas. Os sistemas educacionais e seus profissionais precisaram adequar-se às novas alternativas de ensino: escolas fechadas, professores e estudantes em suas respectivas residências e as aulas virtuais interligando a todos. Essa mudança, no cenário escolar, pode ter sido o estopim para que viesse à tona o ódio ao trabalho do professor, que foi bombardeado nas mídias sociais, por discurso de ódio, pois havia a ideia, que aliás foi alimentada por determinado partido político, que os docentes estavam se aproveitando do contexto pandêmico para não trabalhar. Nessa direção, este estudo analisou a construção de sentido em recortes de discurso de ódio que, durante a pandemia do COVID-19, veiculados na mídia social Facebook, especificamente na página Mídia Ninja (2021; 2022). Objetivo da pesquisa a investigação sobre o discurso de ódio contra professores orientar-se-á no aporte teórico basilar de investigação concentrada nos pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD), assumindo uma postura decolonial para desnaturalizar as ações que ocasionam os discursos de poder (Chouliaraki e Fairclough, 1999; Fairclough, 2008; Dijk, 2008; Pedrosa, 2013; Resende, 2019; Wodak, 2003), como também trabalhamos o conceito de ideologia a partir das leituras em Thompson (2011). Os caminhos metodológicos seguiram os passos de uma pesquisa qualitativa-interpretativista (Pardo, 2015; Pedrosa, 2014, 2016). A metodologia abordou especificamente os discursos evidenciados na mídia de massa e os usos dos discursos midiáticos (Dijk, 1985). O *corpus* foi constituído com 24 fragmentos que contemplam o objetivo geral e específicos. Para as análises dos discursos coletados, utilizou-se o sistema de avaliatividade (Halliday, 1985). Com essa categoria de análise desenvolvida para analisar o discurso das aprovações ou desaprovações, analisamos os eventos de comunicações produzidas pelos atores sociais ou falantes envolvidos nos discursos. O acontecimento de julgamento ocorre porque os usuários de uma língua, em contato com seus interlocutores, expressam como se sentem em relação aos eventos de comunicação e pessoas neles envolvidos, mesmo que esta expressão esteja disfarçada em meio ao discurso (Martin, 2003).

Palavras-chave: discurso de ódio; ideologia; invasão de competência; análise crítica do discurso; pandemia, escola pública.

ABSTRACT

Calendar year 2020 – Covid-19 Coronavirus Pandemic. 2020 academic year – abrupt interruption of in-person teaching, starting in March. The widespread spread of the pandemic generated a series of restrictive measures and education was just one of the many areas affected. Educational systems and their professionals needed to adapt to new teaching alternatives: closed schools, teachers and students in their respective homes and virtual classes connecting everyone. This change, in the school scenario, may have been the trigger for the hatred towards the teacher's work to surface, which was bombarded on social media, by hate speech, as there was the idea, which was actually fueled by a certain political party, that teachers were taking advantage of the pandemic context to not work. In this sense, this study analyzed the construction of meaning in clippings of hate speech that, during the COVID-19 pandemic, were broadcast on the social media Facebook, specifically on the Mídia Ninja page (2021; 2022). Objective of the research the investigation into hate speech against teachers will be guided by the basic theoretical contribution of research concentrated on the assumptions of Critical Discourse Analysis (CDA), assuming a decolonial stance to denaturalize the actions that cause discourses of power (Chouliaraki and Fairclough,1999; Fairclough, 2008; Dijk, 2008; Pedrosa, 2013; Resende, 2019; Wodak, 2003), as well as working on the concept of ideology based on readings in Thompson (2011). The methodological paths followed the steps of qualitative-interpretative research (Pardo, 2015; Pedrosa, 2014, 2016). The methodology specifically addressed the discourses evidenced in the mass media and the uses of media discourses (Dijk, 1985). The corpus was made up of 24 fragments that cover the general and specific objectives. To analyze the collected speeches, the evaluative system (Halliday, 1985) was used. With this category of analysis developed to analyze the speech of approvals or disapprovals, we analyze the communication events produced by social actors or speakers involved in the speeches. The judgment event occurs because users of a language, in contact with their interlocutors, express how they feel about the communication events and people involved in them, even if this expression is disguised in the discourse (Martin, 2003).

Keywords: hate speech; ideology; invasion of jurisdiction; critical discourse analysis; pandemic, public school.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conexões de objetivos e propostas da Análise Crítica do Discurso.....	30
Quadro 2: Conexões da ASCD	47
Quadro 3: Metafunções.....	54
Quadro 4: Pré-análise sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional	57
Quadro 5: Conexão entre questões de pesquisa e objetivos.....	86
Quadro 6: Articulação da pesquisa com a ASCD.....	91
Quadro 7: Temática Discursiva.....	95
Quadro 8: Modos de operação da ideologia.....	107
Quadro 9: Temáticas discursivas.	113

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: ACD nas dinâmicas de Poder e Ideologia.....	35
Figura 2: Estratificação.....	55
Figura 3: Disseminação do discurso de ódio	63
Figura 4: Fluxograma das etapas de seleção dos discursos utilizados.....	93
Figura 5: Desafio da volta às aulas presenciais.....	100
Figura 6: Professora Ensina Matemática nos Azulejos da cozinha	110
Figura 7: Educação delivery	110
Figura 8: Educação à flor da pele	136

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACD – Análise Crítica do discurso
AD – Análise do Discurso
ADTO – Análise do Discurso Textualmente Orientada
ASCD – Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso
ATO – Análise Textualmente Orientada
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CEE – Conselho Estadual de Educação
CMS – Comunicação para a Mudança Social
CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
CNV – Comunicação Não-Violenta
COVID – Doença do Coronavírus
EAD – Ensino a Distância
EC – Estudos Culturais
ECD – Estudos Críticos do Discurso
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
GSF – Grátimca Sistêmico - Funcional
LC – Linguística Crítica
LR – Luta por Reconhecimento
LSF – Linguística Sistêmico-Funcional
MN – Mídia Ninja
OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
OMS – Organização Mundial de Saúde
ONU – Organizações das Nações Unidas
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SAMS – Sociologia Aplicada à Mudança Social
SINPRO – Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul
SMS – Sociologia para uma Mudança Social
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFMG – Universidade de Minas Gerais
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: TRAÇANDO O PERCURSO TEÓRICO. 23	
2.1 Para início de conversa: um breve passeio na linguística crítica	23
2.2 A história do surgimento da ACD e suas contribuições sociais	25
2.3 Objetivos e propostas da ACD.....	29
2.4 A análise crítica do discurso nas dinâmicas de poder e ideologia	32
2.5 Um giro decolonial da ACD na América Latina	37
2.6 ACD no Brasil e suas influências	42
2.7 Abordagem sociológica e comunicacional do discurso: epistemologia do Sul do Sul	45
2.8 As contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional – LSF.....	51
3 LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA: VOZES CONVERGENTES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS CRÍTICAS.....	59
3.1 O impacto do discurso social na vida profissional do professor no Brasil pandêmico	59
3.2 A construção discursiva do ódio contra o professor das escolas públicas brasileiras	65
3.3 Da romantização do trabalho docente à invasão de competência do professor da escola pública.....	69
3.4 Vulnerabilidades da classe docente e os discursos de controle	75
3.5 O discurso violento e suas consequências na vida do professor	78
4 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	82
4.1 Justificativa	83
4.2 A problematização e os objetivos	84
4.3 Abordagem da pesquisa	87
4.4 Geração de dados	92
4.5 Percursos de análise	101
4.6 Caracterizações da construção discursiva do discurso de ódio contra professores .	103
5 VOZES DA VIOLÊNCIA: MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA, CONSTRUÇÃO DISCURSIVA E NATURALIZAÇÃO DO ÓDIO AOS DOCENTES	105
5.1 Análise crítica dos discursos de ódio	108
5.1.1 Hegemonia.....	116
5.1.2 Segurança sanitária.....	120
5.1.3 Estigma ideológico.....	123

5.1.4 Invasão de competência	126
5.2 Vulnerabilidade social e protagonismo docente: análises do caminho decolonial ..	129
5.3 Mudança social em percurso: perspectiva docentes pós-pandemia.....	131
5.4 Novas vozes em contextos de ódio	135
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS.....	143
ANEXOS.....	155
Anexo A – Corpus – Grupo: Hegemonia.....	156
Anexo B – Corpus – Grupo: Segurança Sanitária	159
Anexo C – Corpus – Grupo: Estigma ideológico	161
Anexo D – Corpus – Grupo: Invasão de Competência.....	163

1 INTRODUÇÃO

Primeiro trimestre do ano de 2020, inícios das atividades letivas em quase todas as regiões do Brasil, exatamente 18 de março, as aulas foram abruptamente interrompidas em razão da pandemia do coronavírus Covid-19. A educação foi uma das muitas áreas atingidas por este vírus de alta contaminação. As escolas fecharam suas portas, mas outras foram abertas, mesmo que de forma improvisada. Milhares de professores fizeram de sua sala de estar, seu quarto, quarto das crianças ou copa suas salas de aulas. Assim, continuaram fazendo da educação uma prioridade para a transformação social.

Os professores que se dedicaram, mesmo sem estrutura tecnológica, para desenvolver suas aulas remotas começaram a sentir suas identidades profissionais e pessoais atacadas por discursos de ódio que circularam nas mídias digitais sociais, os quais jogaram a classe docente à margem da sociedade, tornando-os parte de grupos vulneráveis.

A pandemia jogou luz em várias questões de ordem social, e a educação foi um desses setores (re)descobertos. Além de jogar luz na desigualdade social dentro da escola, vimos também esse setor se transformar em um problema de saúde pública, em questão de semanas, após confirmação do primeiro caso do Coronavírus aqui no Brasil.

A grande propagação desta pandemia, por todo o mundo, gerou uma série de medidas restritivas, incluindo o *lockdown*. Com o intuito de conter a proliferação e o número de óbitos resultantes de diversos fatores, foi necessário o distanciamento social, principalmente por não se ter, à época, um tratamento adequado para a doença, levando em consideração suas singularidades. Ante esse contexto, os sistemas educacionais precisaram adequar-se às novas alternativas de ensino a distância (EAD), visando à continuidade do ano letivo e à interação com os estudantes da educação básica e também superior.

Para que os milhares de estudantes brasileiros continuassem a estudar, a classe trabalhadora de professores passou a lecionar nas salas de aula virtuais: professores e estudantes, em suas respectivas casas, reunindo-se remotamente, como previsto pela Resolução CEE/SC nº 009, de 19 de março de 2020. Essa nova maneira de ensinar e de aprender foi uma inovação necessária. Contudo, diversas questões negativas surgiram: estudantes sem acesso à internet que precisavam se deslocar até a escola para receber a atividade impressa disponibilizada pelo professor; professores que não sabiam usar a tecnologia para ministrar aulas e tiveram que aprender da noite para o dia; dificuldades para separar o trabalho da família e a família do trabalho.

O tema central desta pesquisa será a análise da construção discursiva do ódio contra a classe dos professores disseminado nas mídias digitais sociais durante a pandemia, o que foi possível implicar diretamente na vida emocional e social dos docentes. Em relação a escolha da problemática, a proposta nasceu pelo fato de que, na condição de professores, sempre nos inquietamos por aspectos da realidade docente, uma vez que a prática docente é nosso objeto de estudo e campo de atuação social. Aliás, sempre nos provocou agressões das mais diferentes formas contra o professor, que muitas vezes é questionado e não compreendido por boa parte da sociedade.

Durante nossa atuação docente, já sofremos e presenciamos discursos de ódio, manifestados em agressões verbais e físicas contra nosso trabalho pedagógico. Nós, particularmente, já fomos vítimas das duas manifestações, as quais, entretanto, não nos fizeram desistir de ser professor, pelo contrário, nos instigaram a continuar defendendo o magistério e, por meio desta pesquisa, buscamos possibilitar a compreensão de todos a respeito desse cenário agressivo que já existia e que, hoje, se perpetua com muita intensidade, principalmente, com as atividades remotas motivadas pelo tempo pandêmico.

Outra situação que nos instigou a pesquisar sobre a problemática, foram as mudanças abruptas no trabalho docente e como isso mudou a vida pessoal e profissional dessa categoria. Com as aulas remotas surgiram muitos desafios impostos ao professor, um deles foi lidar com a tecnologia. A docência foi transformada pela pandemia e nessa transformação foi desvelada uma educação profunda e multifacetada. Além disso, a tendência de agregar funções ao papel do professor se intensificou desde o início da pandemia em março de 2020, a partir daí inúmeros desafios de várias naturezas foram impostos.

Esta constatação se confirma por meio de uma pesquisa¹ gerida pelo Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, em parceria com a UNESCO do Brasil e com o Itaú Social, movida por uma equipe de pesquisadores que buscaram a visão dos professores sobre a educação escolar em tempos de pandemia. A pesquisa ouviu 14.285 professores em todas as 27 unidades da federação, em sua maioria mulheres, que lecionam no ensino fundamental. Esta pesquisa foi realizada nas semanas iniciais da pandemia entre março e abril de 2020. Ao mostrar os dados, a pesquisa nos aponta

¹Educação escolar em tempos de pandemia - Informe n.1 | FCC. Acesso em: 04 de março. 2023.

que 81,9% dos alunos da educação básica deixaram de ir à escola, aproximadamente 39 milhões de pessoas.

Esses números apontam para o início do desafio que os professores enfrentariam durante a pandemia: um deles foi lidar com a tecnologia para atender a esses 81% dos alunos que deixaram de frequentar as instituições. Grande parte deles é afetada pela desigualdade social, razão por que o professor teve que rever seus planejamentos e metodologias para atender aos estudantes que não tinham acesso à internet. De acordo com nosso estudo, entendemos que é partir dessa e de outras pesquisas relacionadas à pandemia, educação e o impacto do contexto pandêmico na vida dos professores e professoras, que emergiu com existência efetiva o discurso de ódio, objeto de nossa pesquisa.

A finalidade para esta coleta de dados da pesquisa foi averiguar como os docentes das redes públicas e privadas do Brasil estavam realizando suas atividades nas primeiras semanas de isolamento social, adequando o trabalho de sala de aula com a vida particular. O estudo nos mostra dados importantes para a presente investigação sobre o trabalho docente no contexto pandêmico.

Assim, potencializamos um estudo acreditando que este trabalho irá contribuir linguística e socialmente para a compreensão de como se estabelecem as relações discursivas na sociedade. Por ser uma pesquisa crítica, acreditamos que será possível abrir um caminho para uma construção reflexiva acerca do trabalho docente perante a sociedade. Esta julga por uma lente que oprime e estigmatiza. Que nosso trabalho faça essa mesma sociedade enxergar a atividade dos profissionais da educação por uma lente mais humana e solidária, que esse sentimento de solidariedade nasça para fortalecer, valorizar a identidade e que a sociedade perceba a importância que esses atores sociais têm na construção de uma sociedade mais igualitária trilhada pela justiça social (Pedrosa, 2020).

Para materializar esta pesquisa, foi escolhida uma página virtual específica para a coleta dos dados: coletivo Mídia Ninja, uma Fanpage que se considera com uma abordagem de militância sociopolítica e identitária, e declara ser uma alternativa à imprensa tradicional, objetivando não competir manchetes, mas encorajar pessoas para também se tornarem transmissores de notícias, por meio de trabalho colaborativo e independente, produzido por atores sociais imparciais capazes de informar e transformar a sociedade por intermédio de textos, ou seja, das notícias independentes (Torturra, 2019). Dessa forma, os objetivos desse espaço democrático se coadunam com nossos objetivos de pesquisa, como também com os objetivos da abordagem, ACD/ASCD, que orientam nossa pesquisa e, aliás,

também defende a bandeira das questões que afligem a sociedade, preocupando-se com os socialmente desvalidos que incentiva surgir, a partir do texto, sujeitos socialmente ativos e transformadores (Pedrosa, 2012).

O coletivo Mídia Ninja ganhou repercussão internacional na transmissão dos protestos no Brasil em 2013. Atualmente, o MN acumula aproximadamente 8,2 milhões de seguidores em suas plataformas virtuais, no Facebook, ambiente virtual escolhido para montar o *corpus* da nossa pesquisa, o grupo acumula 4,5 milhões de seguidores.

Nota-se, a partir de postagens da plataforma Facebook, página Mídia Ninja², a defesa das classes minoritizadas e a preocupação em formar sujeitos ativos e capazes de transformar a sociedade, por isso, justifica-se essa escolha. Com esse cenário de um viés contributivo à nossa pesquisa, traremos para o centro da discussão, especificamente, as declarações na rede social Facebook, juntamente com o preconceito e as hostilizações expressadas em mensagens e publicações, referentes aos professores, tanto pela forma de ensino quanto pelo retorno das aulas presenciais, mesmo em situação pandêmica. Acima de tudo, as polarizações que, muitas vezes, são os motivos das formações dos ideais destes usuários, bem como os chamados “discursos de ódio”, evidenciados por uma série de publicações desse gênero.

Partindo dessa discussão e embasados nos estudos da Linguagem, faremos análises acerca desses discursos de ódio dos usuários, manifestados nas mídias digitais sociais, retirados da página Mídia Ninja, de acordo com as correspondentes características linguísticas abordadas no contexto escolar pelo professor. Para isso, a pesquisa será orientada a partir da Linguística Sistêmica-Funcional (LSF), Halliday (1994). À luz da ACD será analisada uma corpórea de 24 enunciados (inserir nota de rodapé, indicando a rede) que tentam deslegitimar a identidade pessoal e profissional dos professores, gerando o discurso de desamor contra essa classe, foco da nossa pesquisa.

Para as análises dos enunciados coletados, utilizamos o sistema de avaliatividade, desenvolvida por Martin e White (2005) categoria que vem sendo estudado ao longo dos anos por pesquisadores e seguidores de Michael Halliday. Essa é uma categoria de análise desenvolvida para analisar o discurso das aprovações ou desaprovações nos eventos de comunicações produzidas pelos atores sociais ou falantes envolvidos em um

² Mídia Ninja é uma rede de mídia com atuação em mais de 250 cidades no Brasil. Sua abordagem é conhecida pela militância sociopolítica, declarando-se ser uma alternativa à imprensa tradicional. O grupo ganhou notoriedade internacional na transmissão dos protestos no Brasil em 2013. Atualmente acumula 8,2 milhões de seguidores em suas redes sociais.

discurso. Esse acontecimento de julgamento ocorre porque os usuários de uma língua, em contato com seus interlocutores, expressam como se sentem em relação aos eventos de comunicação e pessoas neles envolvidos, mesmo que esta expressão esteja disfarçada em meio ao discurso (Martin, 2003).

A fim de responder aos questionamentos ou, pelo menos, seguir uma direção para um debate que ajude a compreender as problemáticas sociais que rodeiam a vida pessoal e profissional do professor em tempo de pandemia, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a construção de sentido em recortes de discurso de ódio que, durante a pandemia do COVID-19, foram veiculados na mídia social Facebook, especificamente na página Mídia Ninja, a partir de categorias da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso. Além disso, a pesquisa perpassa, ainda, por outros objetivos específicos, a saber: 1. Empreender análise discursiva crítica de ataques aos docentes durante a pandemia covid-19, delineando a invasão de competência de saberes. 2. Apresentar panorama de práticas discursivas de ódio aos professores e professoras durante a pandemia de Covid-19, à luz da Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso: 3. Analisar a materialidade linguística de discursos veiculados em rede social a partir do uso, posicionamentos e categorias de estigma e sanção social de professores.

Em termos de metodologia, destacamos que o caminho adotado para o desenvolvimento metodológico deste estudo foi por meio de uma pesquisa qualitativa-interpretativa (Pardo, 2015). O procedimento para a coleta de dados se pautará na busca em banco de dados digitais, os quais disponibilizam estudos empíricos e de revisão de literatura sobre o tema abordado no presente estudo. Os procedimentos adotados foram realizados com base na seleção e leitura em Análise Crítica do Discurso (ACD) e suas correntes de pesquisa na América Latina e aqui no Brasil, como terrenos férteis que dão campo de pesquisa à Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), de acordo com Cunha (2021).

O arcabouço teórico foi orientado pela ACD. Sabendo que um dos objetivos da ACD é analisar e desvelar a função social do discurso na reprodução da dominação, analistas, por sua vez, devem se concentrar não somente nas elites e nas estratégias que estas colocam em funcionamento para a manutenção da desigualdade, mas, principalmente, nas estratégias de resistência observadas no cerne das relações de poder e dominação (Pedro, 1997). Para isso, nos orientamos nos desígnios da ACD por assumir uma postura decolonial para desnaturalizaras ações que ocasionam desigualdades sociais e discurso de poder

(Chouliaraki e Fairclough, 1999; Fairclough, 2008; Djik, 2008; Pedrosa, 2013; Resende, 2019; Wodak, 2003).

Tomando como aporte na abordagem teórico-metodológica da ACD (Chouliaraki; Fairclough, 1999) na tentativa da recontextualização dessa propositura posta, apresentamos os capítulos desta dissertação como caminho teórico e metodológico para chegar à nossa pesquisa. Por isso, a constituiremos em 6 capítulos, que serão, agora, discriminados. Na introdução, apresentamos a proposta de pesquisa, a partir da relação entre vida e profissão dos atores sociais (participantes da pesquisa), expondo o envolvimento do autor com o tema e a justificativa da questão motivadora, incluindo brevemente o trajeto que o estudo percorreu.

O capítulo 2 se configura como a base teórica do estudo, principalmente da vertente de Análise Crítica do Discurso cunhada por Fairclough (2001; 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999) em diálogo com as contribuições teóricas advindas das Ciências Sociais Humanas Críticas e decoloniais e suas correntes a exemplo da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD). No capítulo 3 são apresentados o crescimento do ódio e a construção de seu discurso aos docentes, para isso tem-se, como os conceitos dos principais tópicos abordados na elaboração deste estudo, a sociologia crítica, contextualizando com o que é apresentado à luz da literatura, para que seja possível apontar a importância desta temática no meio acadêmico e perante a sociedade. Para tanto, buscou-se autores que trouxessem em seu histórico descritores como: violência, sociologia, o papel do sociólogo enquanto crítico social, discurso de ódio, docente, valorização e reconhecimento profissional da classe docente.

No capítulo 4, em sua discussão metodológica, traz-se o caminho de construção do estudo da pesquisa, trazendo para o conjunto da dissertação os percursos que o estudo percorreu para configurar seus resultados. Este capítulo representa também a base teórico-metodológica do estudo. Nele, mostramos as conjecturas da abordagem multimetodológica operacionalizada por meio de uma pesquisa qualitativa-interpretativa de cunho etnográfico crítico. E no capítulo 5, são apresentadas a organização dos caminhos de análises dos discursos coletados, a partir das vozes de violência que atingiram os professores. Mostrando também o modo de análise dos momentos da prática discursiva a partir da Linguística Sistêmico-Funcional com um viés de análises linguísticas e interdiscursivas e análise das práticas sociais.

É importante reiterar o posicionamento crítico na construção deste trabalho em

forma de dissertação, que apresenta de forma reflexiva o poder que o discurso tem na construção que visa a uma mudança social. Os alicerces ontológicos e epistemológicos da vertente de ACD orientadores de todo o processo de construção desta pesquisa e todo o percurso de investigação pautam nas questões sociais, como também se relacionam ao modo como nos posicionamos, como compreendemos o mundo e as maneiras de construção de acesso a ele.

Como em toda pesquisa socialmente comprometida, pretende-se que este estudo possa instigar e estimular outros igualmente engajados com um olhar crítico para as questões sociais, que se pautem para as inúmeras ações de resistência na conjuntura educacional para não apenas compreender as estratégias empregadas, mas colocá-las em ação com uns objetivos voltados para uma mudança social que prime por justiça social, solidariedade e igualdade e que seja capaz de fomentar práticas decoloniais na luta por uma sociedade mais justa que respeite e reconheça o trabalho do professor como um peça chave na construção de um mundo melhor.

Por fim, é apresentado o capítulo 6, que consta com as considerações finais, onde em caráter não conclusivo, este estudo visa, para além dos aspectos já citados, contribuir para os estudos sobre educação e práticas decoloniais, de modo geral, podendo seu *corpus* ser ampliado em pesquisas futuras.

2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: TRAÇANDO O PERCURSO TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo traçar um diálogo teórico sobre o percurso da Análise Crítica do Discurso (ACD) e suas correntes de pesquisa. Ele está dividido em oito seções que apresentam a trajetória teórica basilar do estudo em ACD, parte do arcabouço teórico desta pesquisa. Cada seção tem a incumbência de mostrar a ACD, com base em Fairclough (1999, 2001) e em Chouliaraki e Fairclough (1999) e suas correntes como uma abordagem de estudos críticos sobre o funcionamento da linguagem em sociedade, a exemplo da Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso (Pedrosa, 2012). Além disso, o capítulo traz, ainda, um panorama teórico sobre a pesquisa em ACD e suas nuances no estudo da linguagem como prática social. Situa o leitor com as bases transdisciplinares da ACD, mostrando as possíveis áreas das ciências humanas e sociais com as quais há maior diálogo e como fazer análise em ACD. Segundo Pedrosa (2013, p. 16) “Fazer Análise Crítica do Discurso (ACD) é estar na busca constante de outros diálogos, de se estabelecer interação com novos conhecimentos e estabelecer o novo a partir de olhares de lugares que de onde nunca se olhou antes.”

2.1 Para início de conversa: um breve passeio na linguística crítica

A Linguística Crítica (LC) surgiu nos anos 70, como uma proposta que se evidenciou no contexto das formações sociais e análise dos movimentos dessas formações em sociedade. É um campo interessado no uso do discurso em sociedade e suas diferentes incorporações. A LC incide em todas as manifestações e práticas sociais que são ajustadas por um sistema de valores, desafia o senso comum e faz releitura de representação de atos de falas, por isso ela está conectada no meio social, apontando outras formas de significados de algo que poderia ser representado por diversas maneiras de manifestações diferentes. Nesse sentido:

A eficácia da Linguística crítica, se pudesse ser medida, seria vista primordialmente em sua capacidade de equipar leitores para fazer leituras desmistificadoras de textos ideologicamente marcados (assim, a atividade principal da linguística crítica está inevitavelmente localizada dentro do sistema educacional (Fowler, 1979, p. 212).

A LC não pode ser medida justamente pelo amplo espaço que alçou no campo

acadêmico. É funcional porque ganhou vitalidade no espaço social para analisar os discursos como prática social. Ela não funciona apenas para desmitificar textos, mas sua funcionalidade permite essa expansão ideacional que parte de sua atividade principal, que é estar dentro do sistema educacional e ganhar espaço no contexto social.

A LC, ao trabalhar com o discurso, adquire identidade, visto que é uma área interessada nos estudos da linguagem no meio social, evidenciando a crítica e o comportamento do sujeito em sociedade. Dessa forma, a LC é sistêmica (organizada) e funcional (viva), por isso a sua importância para se compreender a Linguística Sistêmico-funcional (LSF) que influenciou a própria LC no campo de análise social, por esse fato, ela pode ser considerada como uma linguística instrumental. Ela é uma ferramenta importante e muito útil para o pesquisador, uma vez que orienta o linguista crítico a adotar uma atitude mais responsável em relação ao que irá analisar (Fowler, 2012).

Na sua atuação no campo social, podemos notar que sua funcionalidade é diversificada. Por exemplo, ela é utilizada para fazer crítica de jornais, propagandas, documentos oficiais, entre outros. Hoje, mais do que nunca, percebemos sua grande importância no meio social: nos possibilita ler as críticas que há nas charges, as quais são utilizadas para analisar e criticar situações sociais, ou seja, está posta para ajudar na leitura de textos multimodais.

A LC e a ACD nascem do mesmo berço sistêmico e ontológico. Elas têm grande importância na construção e análise do discurso na sociedade, orientando o pesquisador a seguir por uma conscientização socialmente discursiva e crítica. A LC nos mostra que todas as representações são orientadas e garantem ao pesquisador da linguagem uma postura reflexiva e questionadora (Rajagopalan, 2004). Assim:

Quando me refiro à Linguística Crítica, quero, antes de mais nada, me referir a uma linguística voltada para as questões práticas. Não é a simples aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que nosso trabalho tem que ter alguma relevância. Relevância para as nossas vidas, para a sociedade de modo geral (Rajagopalan, 2003, p. 12).

A partir desse conceito de LC, nota-se uma concepção de uma virada linguística engajada em questões sociais e questionadora preocupada com os problemas sociais, vemos a incorporação da prática. Sabemos que não é fácil conceituar com exatidão o que seja a linguística crítica. Porém, pensando na LC voltada para as questões em sociedade, pode-se

compreender que o que torna a Linguística Crítica é seu engajamento social, esse aspecto crítico faz com que o linguista molde sua postura ao analisar os problemas sociais, a partir do controle de poder que a LC propõe no advento de seu surgimento.

A LC tem sua contribuição no surgimento e no trabalho da ACD, pois com sua proposta de trabalhar o discurso como uma prática social, nos possibilita fazer uma relação entre ambas de maneira social e discursiva. Ela trata os textos como tipo de prática social, como também propõe a linguagem como uma interação social. Logo, a relação entre ambas é que a ACD tem sua completude por conta do sentido de crítica que a LC traz em seu contexto histórico.

2.2 A história do surgimento da ACD e suas contribuições sociais

A ACD teve seu nascimento potencializado a partir de um encontro, em 1991, em Amsterdã. Iniciou-se como estudo da linguagem e poder, numa perspectiva transdisciplinar, que estabeleceu uma nova concepção de linguagem, poder e sociedade. Nasceu, portanto, mostrando sua contribuição social, objetivando almejar e investigar criticamente como a desigualdade social é expressa e constituída, com um olhar sensível e crítico à questão de grupos minoritários. Por uma lógica de discussão, a ACD objetiva entender e esclarecer como se estabelece o sentido de um texto e como esse texto dialoga com a história e a sociedade que o produziu, ou seja, a ACD surgiu com uma visão de preocupação voltada para os problemas sociais, assim, tece sua análise com um olhar crítico no texto e outro na sociedade que o produz.

A ACD foi gestada a partir de uma junção de ideias que dialogam, tendo, entre seus precursores - Fairclough, Van Dijk e Wodak, cada um com seu campo de análise. Fairclough, visando o social, concebe a linguagem como prática social e, a partir dessa visão, notamos a preocupação desse campo de estudo com os problemas sociais. Van Dijk, com a corrente sociocognitiva, se volta especificamente para os estudos da relação constitutiva que se estabelece entre discurso, sociedade e cognição, dessa maneira, o linguista se dedicou à estrutura mental a partir de uma percepção social da circulação dos discursos na sociedade e da maneira como produzimos esses textos. Wodak nos apresenta a ACD encaminhada na corrente histórica-discursiva, ela estuda de forma profunda a relação ACD e contexto histórico, comparando os acontecimentos ao longo de determinado percurso no tempo. Por essa análise, considera o contexto de uso da linguagem como um elemento importante na

pesquisa em ACD, dentro de um contexto histórico-discursivo, já que sua abordagem se ocupa em apresentar para os estudos dos discursos subsídios da história para compreender as práticas discursivas na sociedade. Embora os estudiosos ‘seguissem’ a partir da ACD por abordagens diferentes, mas sempre em diálogo em conexão, a proposta da ACD surgiu como um cunho de análise voltado para os estudos e análises da linguagem como uma prática social de maneira transdisciplinar (Wodak, 2013).

A ACD é um campo de pesquisa transdisciplinar que se importa com o social. A partir daí, trabalha por um caminho abrangente de pesquisa, analisa o discurso num momento de uma prática social e possibilita um posicionamento do sujeito, capaz de agir e ser um agente transformador por meio do discurso, considerando-o um construtor ativo de desnaturalização das questões assimétricas de poder, a partir do discurso contra-hegemônico, capaz de contribuir para mudar realidades. Tendo como ponto de partida o campo de pesquisa que ACD propõe, o objeto desta pesquisa trabalhará com discursos hegemônicos contra professores durante o curso da pandemia. Ela nos ajudará a jogar luz nas questões assimétricas de poder que tenta silenciar os professores, afetando seu lado profissional e pessoal.

Esta pesquisa será embasada também pela Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso. A presença dessa corrente, neste estudo, traz uma importância socialmente discursiva, uma vez que o caráter transdisciplinar propicia estudos que dialoguem com as esferas e constituições de espaços e práticas discursivas em mudança social, a partir do estudo de posicionamento de sujeitos discursivos

Essa conexão se justifica quando Pedrosa (2012), afirma que o sujeito pode ser agente de transformação da sociedade por meio do discurso, almejando uma mudança social numa relação discursiva. “A ASCD assume alguns conceitos e algumas categorias como essenciais para uma pesquisa crítica do discurso em sua transdisciplinaridade” (Pedrosa, p. 20). Nosso estudo à luz da ASCD se reconhece como uma pesquisa alicerçada em um discurso transdisciplinar sustentado por categorias de análises que assumem uma postura reflexiva e crítica da linguagem na sociedade.

A ACD, como uma área transdisciplinar, mostra a visão holística da linguagem que aponta vertentes que surgiram a partir dela e a ajuda a compreender o discurso como prática social e de poder. O contexto para a ACD é de grande importância, pois é nesse contexto de prática que se efetiva sua força social, por isso Wodak (2013) considera o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial. Essa conjuntura é importante para

a ACD dentro de uma prática que circula na sociedade, porque evidencia sua força de mudança social por intermédio do discurso, visto que o contexto em ACD tem a capacidade de moldá-lo.

Um dos objetivos maiores da ACD, segundo nosso ponto de vista, identificamos na citação seguinte: “A ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída.” (Wodak, 2013). Logo, vemos a preocupação da ACD voltada para as causas sociais. Quando a ACD aportou teoricamente na América Latina, encontrou espaço solidário, uma vez que a desigualdade social e a questão minoritária são acentuadas na parte latina do continente americano. No Brasil, a ACD encontrou campo de pesquisa e ativou um de seus principais objetivos: estreitar laços de pesquisas entre o social e a linguagem, rompendo fronteiras epistemológicas com um olhar nos problemas sociais, a partir da linguagem (Resende; Ramalho, 2006).

Para a ACD, o poder do texto se constitui por meio da prática que se faz da linguagem, mas esse poder só se efetiva a partir do controle de uma situação social, que parta de um campo, no caso, o texto. O poder não somente se efetiva no interior do texto, por meio de formas gramaticais, mas, também, no controle que uma pessoa é capaz de exercer numa situação social, por intermédio do texto, ou seja, o poder não está na linguagem, mas na forma como as pessoas se comportam (Wodak, 2013).

A linguagem, por ser um fenômeno social, mantém a língua viva, pois favorece a interação entre os atores sociais (Kress, 1989). Podemos, a partir desse enunciado, sinalizar que esse fenômeno social da linguagem mostra as contribuições sociais da ACD, por um viés interativo dos sujeitos em sociedade. Essa interação contribuiu para que os sujeitos desenvolvam, a partir dessa língua viva, uma luta por uma sociedade mais justa e solidária, já que essa corrente de estudo da linguagem objetiva problematizar, reivindicar, questionar e identificar maneiras de superar obstáculos sociais, obstáculos esses que fazem com que o poder hegemônico afete a vivência social da minoria que luta por uma sociedade igualitária e socialmente mais justa.

As contribuições sociais da ACD são muitas, segundo defende Gambetta (2017). Ela aponta, em sua tese, algumas contribuições da ACD: desmitifica as ideologias que são utilizadas para ocultar o abuso de poder que tem o objetivo de excluir grupos minoritarizados; proporciona uma perspectiva crítica nas transformações sociais por meio do discurso; provoca mudança social; a compreensão da relação dialética entre linguagem e sociedade, como sustenta (Fairclough, 2001, 2003) e o desvelamento dos discursos de prática

hegemônica.

A proposta de Análise Textualmente Orientada (ATO) para o social da ACD, como contribuição de Fairclough, emerge do fundamento funcionalista como proposta científica que se contrapõe ao estruturalismo. Essa proposta consiste em analisar e apontar o que o pesquisador precisa enxergar no discurso, dessa forma, apresenta e instiga em seu bojo de discussão e análise um novo jeito social de pensar mudança social. Isso posto:

Os funcionalistas concebem a linguagem como instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – motivação para os fatos da língua (Furtado, 2011, p. 157).

A ACD está interligada com os fundamentos do funcionalismo crítico, como citamos anteriormente, assim como a corrente funcionalista também trabalha a linguagem como instrumento de interação social e de poder, quando é provocada socialmente. A ACD não pesquisa a linguagem como um sistema de signos e nem a linguagem isolada: pesquisa contexto discursivo como prática social em ação (Ramalho; Resende, 2011).

A vertente de ACD baseada em Fairclough (2001, 2003) e em Chouliaraki e Fairclough (1999) traz algumas propostas, dentre elas, segundo Fairclough (2008), ampliar a consciência de como a linguagem coopera para a dominação de umas pessoas por outras. Desenvolver essa consciência é um dos principais passos para a emancipação social do sujeito. Essas propostas são inerentes ao social, porque, de maneira transdisciplinar, elas alinham estudo analítico da linguagem na sociedade e articulação entre Linguística Sistêmico-Funcional e Sociologia.

Para o autor, carece da necessidade de uma teorização e análise crítica da sociedade moderna que aponte ações visando a melhoria da vida humana, e a ACD se inclui nesse cenário emergente como um projeto de pesquisa crítica transdisciplinar que coloca em diálogo diferentes teorias para uma investigação da relação entre linguagem e sociedade, por meio de diferentes textos e suas representações. Por isso, o termo texto é utilizado por Fairclough (2003) em um sentido mais abrangente que engloba a linguagem verbal, não-verbal e outras maneiras de semiose, como efeitos de som, imagens visuais.

2.3 Objetivos e propostas da ACD

A ACD nasceu com um olhar para o social, com uma proposta de mudança em suas pesquisas que atendessem os grupos minoritários. Ela possibilita investigar as transformações sociais com dois olhares, um para o texto, outro para o social, como nos orienta o modelo tridimensional, tendo, como um de seus objetivos, a preocupação voltada para a mudança social (Fairclough, 2003). Essa análise social deve partir do texto para o social ou do social ao texto, de modo que essa análise busque uma transformação que se efetive e se afirme em prol de uma coletividade minoritarizada.

Partindo desse olhar investigativo da ACD, entendemos os objetivos como um caminho para a descoberta do objeto de conhecimento, uma situação de pesquisa mais ativa, mais prática e didática, com propósito bem definido capaz de gerar uma mudança social afirmativa.

Para reafirmar nossa discussão proposta desta análise, endossados nas leituras em Fairclough (2008); Dijk (2018); que consideramos importantes para alargar a proposta deste trabalho como refletir criticamente maneiras de como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais amplas, de poder e dominação; identificar maneiras de superar obstáculos sociais; analisar criticamente como a desigualdade social é expressa e constituída (Wodak, 2013).

Esses três objetivos nos apontam as verdadeiras intenções sociais da ACD para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, traduzem um olhar social para a linguagem e mostram caminhos capazes de desnaturalizar os discursos hegemônicos, como também estreitar laços entre o que é social e o que é linguístico, segundo Wodak (2003).

Logo abaixo, apresentamos uma tabela que explanará essa questão com mais propriedade, já que nela trataremos os objetivos e as propostas desta da análise proposta por este estudo de maneira ampliada e imbricadas com as propostas da ACD. As propostas seriam uma descrição analítica do objeto de conhecimento que é investigado por meio de recursos e instrumentos específicos, a fim de detalhar pormenores de sua existência, ou seja, a descrição da função social da linguagem para a compreensão dos processos históricos sociais e políticos contextuais da sociedade.

Nos estudos das práticas sociais, temos a linguagem como ordens do discurso (Resende, 2010). Os estudos das práticas sociais orientados pela ACD nos permitem dizer que as análises discursivas passeiam entre a linguagem em ação no meio social, que só é

possível graças a essas ordens que são importantes na geração de conhecimento sobre como funciona a linguagem no meio social. Nesse sentido, podemos tomar como caminho umas das propostas da ACD: a linguagem como uma prática social. Essa prática é muito importante para o funcionamento dos mecanismos linguísticos-sociais e seus efeitos na vida em sociedade de um sujeito, uma vez que permite estudar a relação de poder no meio social dentro de uma pesquisa.

Outra proposta da ACD é possibilitar que utilizemos a língua como um sistema aberto e o discurso como um dos elementos das práticas sociais, que geram mudanças a partir de um evento social (Ramalho; Resende, 2011). Nessa perspectiva, podemos perceber como o discurso é primordial nas ações e interações; o discurso nos identifica e nos mostra a sua importância no processo de mudança social (Wodak, 2013). E, portanto, nos veste de poder social e esse poder nos permite avançar em termos de posicionamentos politizados. Por esse olhar, dialogamos com mais uma proposta da ACD: a característica decolonial. O contexto social da América Latina vai ao encontro das propostas e objetivos sociais da ACD, porque os países que a compõem sofrem com as opressões. Desse modo, a ACD põe em prática e discussão sua principal proposta e objetivo: cuidar dos menos favorecidos, dando voz por dar ouvidos (Resende, 2019).

A seguir, reproduziremos a tabela que nos mostra os principais objetivos e propostas desta pesquisa.

Quadro 1: Conexões de objetivos e propostas da Análise Crítica do Discurso

Objetivos	Propostas
Propor diferentes modos de teorização da linguagem no campo social.	Destaca a necessidade de um trabalho transdisciplinar, numa perspectiva de compreensão adequada do modo como a linguagem opera na sociedade.
Refletir criticamente maneiras como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais amplas, de poder e dominação.	Preocupa-se com as questões sociais visando à minoria, quebrando barreiras epistemológicas.
Identificar maneiras de superar obstáculos sociais.	Adota uma postura decolonial dos estudos da Análise Crítica do Discurso.
Investigar criticamente como a desigualdade social é expressa e constituída.	Permite estudar a relação de poder e concebe a linguagem como força social.
Estudar e analisar a linguagem como prática social.	Propõe desmitificar os discursos de maneira a decifrar as ideologias.
Visar o desvelamento dos conflitos da vida social a partir das práticas sociodiscursivas.	Estudo das mudanças sociais e culturais por meio da linguagem na convivência social.

Contribuir para a transformação social a partir das relações de poder na sociedade, em busca de justiça social em prol da minoria.	Mudanças nas relações de poder e dominação unindo o social e o linguístico.
Analisar as mudanças sociais a partir do discurso sociológico do sujeito ativo e transformador.	Transformação social por meio do discurso.
Considerar abordagens sociais no campo da ontologia, epistemologia e metodologia.	Análise crítica do discurso de modo interdisciplinar.
Promover mudança social visando à mudança de atitude nas práticas sociais.	Compreensão das práticas sociais na concepção dialética do discurso e como esse discurso afeta o sujeito e sua identidade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro apresenta objetivos e propostas da ACD e suas relações de conexão. Os objetivos são propostos da ACD que numa releitura crítica estão teoricamente imbricadas. Nesse sentido, podemos analisar como uma simbologia de conexão entre teoria e prática. Os objetivos foram produzidos com base em leituras orientadas por Fairclough (2008) e Pedrosa (2012, 2005, 2020, 2016). As propostas foram elaboradas a partir de nossa experiência com a pedagogia de projeto de sala de aula. Assim como a ACD, a pedagogia de projeto reposiciona o sujeito no papel de protagonista.

Por esse estudo, notamos a importância de o professor articular os objetivos da ACD em sua prática de sala de aula. Os objetivos da ACD não se distanciam dos que traçamos em um projeto de intervenção, porque ambos, projeto pedagógico de sala de aula e ACD, projetam a mesma meta: buscar uma mudança para uma realidade socialmente mais justa, mudar algo para o social, visto que a função social da escola é transdisciplinar, por esse motivo seus objetivos também são transdisciplinares.

As propostas, nesse caso, são ações que partem dos objetivos/metaspas de maneira solidária e participativa, evolutivas, interculturais e decoloniais da ACD. Analisando a tabela, podemos constatar que a ACD não é um método, mas ela propõe métodos, a fim de desvelar problemas sociais, e esses procedimentos, que ela propõe problematizar, estão entrelaçados nos objetivos, como também nas sugestões de análises de práticas sociais. “(...) análise do discurso em si não é um método; antes, constitui um domínio de prática acadêmica, uma transdisciplinar distribuída por toda as ciências humanas e sociais” (Dijk, 2008, p. 11). Nesse contexto, entendemos que a ACD é teoria, é engajamento social, ela é dialética relacional, pois assume diálogo com outras ciências para viabilizar e encorajar engajamento social.

2.4 A análise crítica do discurso nas dinâmicas de poder e ideologia

Compreendemos ideologia como um espaço de vários caminhos, uma união de ideias, de convicções defendidas por certos grupos que remetem aos seus interesses, sejam eles políticos, econômicos ou sociais. Nesse contexto, a ACD concebe a ideologia como uma concepção crítica, pelo fato de considerar que esta atua como uma iniciativa pedagógica transformadora, por meio do discurso, do convencimento e não da força física. Segundo Dijk (1998), ideologia é um fenômeno complexo que requer uma abordagem multidisciplinar. Como sistema, as ideologias constituem uma forma de cognição social. De forma concomitante, Thompson (2011) afirma que toda configuração simbólica que seja para instalar, garantir relações assimétricas de poder, seja de qual condição for, é ideológica.

Sabemos que o conceito de ideologia vai se transformando com o tempo, principalmente quando relacionamos a questões políticas e sociais. A partir das leituras em Thompson (2011), compreendemos que ideologia combate ideologia e são capazes de mudar uma realidade positiva ou negativamente. Ideologia para o autor tem caráter de dominação, de submissão, de opressão – o poder está estabelecido por modos de operação.

Thompson (2011) traz em seus estudos conceituais e operacionais da ideologia cinco modos de operações desta na sociedade – legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Esses modos vêm acompanhados de estratégias, que são mecanismos de desdobramentos dos modos e o funcionamento metodológico. Dentre os modos de operações propostos pelo autor, dois deles podem ser analisadas em nossa pesquisa: fragmentação, reificação, embora fragmentação seja evidente no nosso estudo.

Os modos de operações são construções simbólicas que, segundo o autor, operacionalizam para manter ou subverter relações de poder ou dominação na sociedade. Nesta visão, as dinâmicas de poder e ideologia na sociedade estão relacionadas na operacionalização dos modos de operação e estratégias cunhados por Thompson (2011) e reverberadas socialmente pelas abordagens da ACD.

Articulando a discussão conceitual e contextual da ideologia e sua funcionalidade na sociedade entre o que pensa Thompson (2011) e Fairclough (2001) é possível notar um diálogo complementar de contexto e estrutura. Fairclough (2001) afirma que a estrutura social molda o discurso e, ao mesmo tempo, se constitui socialmente. A mesma discussão pode ser feita em conexão como pensa Thompson (2011) quando ele pontua que a ideologia está socialmente imbricada com o discurso. Desse modo, há uma

estrutura social que a comporta, que a faz funcional por meio dos modos de operação e estratégias, é dessa mesma estrutura que ela se constitui para operar entre grupos ou pessoas. Por esse processo de análise, podemos refletir que a ideologia não pode ser entendida como uma espécie de “cimento social”, (Thompson, 2011, p.11). Ela precisa ser entendida como um elo social que conecta discursos na sociedade e possibilita formar culturas divergentes ou convergentes, que são movimentadas pelos modos de operações e estratégias. Em vista disso:

Consequentemente, o estudo da ideologia exige que investiguemos as maneiras como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas linguísticas cotidianas até as imagens e aos contextos complexos. Ele exige que investiguemos os contextos sociais dentro dos quais essas formas simbólicas são empregadas e articuladas. Ele requer que perguntemos se - e, se este for o caso, como - o sentido é mobilizado pelas formas simbólicas em contextos específicos, para estabelecer e sustentar relações de dominação (Thompson, 2011, p. 16).

Por essa lógica de pensamento, o estudo da ideologia possibilita que investiguemos estrutura de poder na sociedade em suas variadas formas simbólicas e desvelemos relações de poder dominante que sufoca e silencia os discursos divergentes no meio social. Essas relações de poder dominante são cheias de conflitos, desafios e assimetrias de diversas classes sociais. Podemos compreender que o estudo da ideologia defendida por Thompson (2011) se conecta com o conceito que a ACD traz.

Nesta perspectiva, é de acreditar que em relações de dominação e lutas pelo poder haja resistência e que essa resistência provoque mudança social em determinado grupo para um determinado fim, visto que o poder pode ser desvelado, pois ele é instável (Fairclough, 2001). Esse desvelamento do poder interessa à ACD, porque esse processo possibilita a análise de contrastes sociais e lutas contra esse domínio, já que sugerem ou provocam a seleção por parte dos sujeitos de determinadas composições linguísticas ou vozes para, por exemplo, vinculá-las de determinadas maneiras, e com finalidades específicas, num sistema de possibilidades (Resende; Ramalho, 2014).

A partir dessas discussões teóricas, percebemos que a relação de poder não incide somente por meio da força física, mas também econômica, política e ideológica. A ideologia, por sua vez, abrange o conjugado de ideias, normas e valores que demarcam a maneira de um coletivo de pensar e agir em sociedade. Na visão de Van Dijk (2008), as ideologias representam o que somos, o que fazemos, ou seja, elas caracterizam nossa

identidade, nossos objetivos e nossas ações.

O Poder é a dominação, é a capacidade para fazer agir ou produzir efeitos remetendo-se a diversas camadas da sociedade. Quando se fala que o poder emana do povo, a capacidade de ação e transformação advém da força que os sujeitos em conjunto conseguem provocar em meio a um cenário desafiador, e esse poder coletivo produz uma sociedade funcional, viva, capaz de realizar ações coletivas consideradas transformações essenciais na luta contra o poder hegemônico (Dijk, 2004). Notamos que o poder e a ideologia caminham, de certa maneira, imbricados, ao sabermos que ideologia é algo que serve para sustentar as relações de dominação de poder.

A sociedade tem passado por inúmeras transformações nos últimos anos e essas transformações vão demandar reflexões, investigações que se tornarão insumos para a ACD, já que tal abordagem tem como ponto de partida a preocupação social e a utilização da pesquisa pela desvelação da dinâmica de poder.

Fairclough (2001), em seus trabalhos sobre linguagem, traz como base a transdisciplinaridade, mantendo um diálogo com as Ciências Sociais e outras áreas, tendo em vista que o discurso pode contribuir tanto para estabelecer ou sustentar relações de dominação quanto para contestá-las e superá-las. Ainda de acordo com Fairclough (2003), um dos efeitos causais dos textos mais importantes para a ACD consiste em seu efeito ideológico: seu efeito na instauração, manutenção ou transformação de ideologias. A partir disto, pode-se relacionar a ideologia como uma esfera de poder, pois ela é coercitiva, ou seja, se impõe e isto nota-se a todo instante nas estruturas da sociedade atual. Nesse contexto, pode-se refletir sobre como a ACD se aproxima do pensamento que Paulo Freire traz em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987) quando levanta a necessidade de analisar o cenário em que o indivíduo está inserido e como o poder impacta e serve de mecanismo de opressão entre classes sociais. Desse modo:

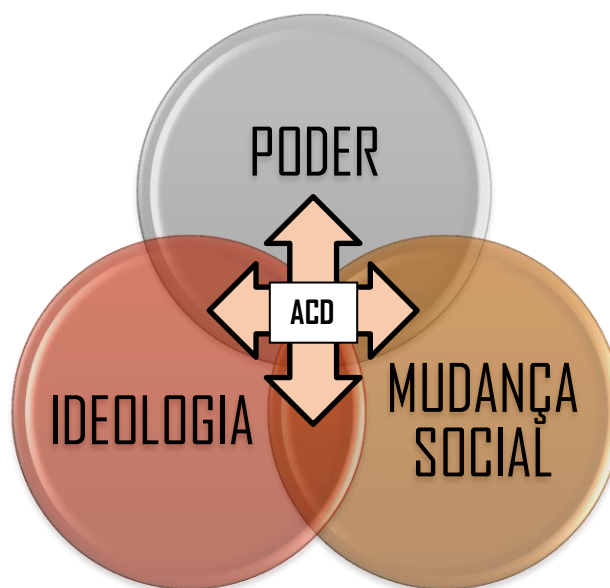
A imposição de critérios. A posse do invadido. O medo de perdê-lo. A invasão cultural implica ainda, por tudo isso, que o ponto de decisão da ação dos invadidos está fora deles e nos dominadores invasores. E, enquanto a decisão não está em quem deve decidir, mas fora dele, este apenas tem a ilusão de que decidiu (Freire, 1987, p. 78).

Refletir sobre a precarização, desigualdade, racismo e outros marcadores da sociedade é atribuir a responsabilidade social que a Linguística tem, já que a divisão, manipulação e invasão cultural são algumas estratégias de opressão. É preciso dividir o povo

para não ter risco de que eles pensem e se percebam oprimidos e tenham condições de buscar sua liberdade, pois se eles se juntarem, se tornarão perigosos para aqueles que os oprimem. Com essa divisão se torna mais fácil os opressores terem controle sobre os oprimidos, pois dificultará que estes se comuniquem e, quanto mais distante, mais fácil de aliená-los e controlá-los. Frente uma ameaça à classe dos opressores, mesmo com interesses divergentes entre si, eles se juntam para não permitir que os oprimidos se posicionem contra o que eles querem (Santos, 2020).

Para ilustrar como a ACD acompanha e desmantela as ações da relação de poder, desvelando o discurso de dominação na sociedade motivada por ideologias que pregam a desigualdade epistemológica, criamos um esquema. A ACD interseccionada na figura mostrará um dos papéis e/ou objetivos da Análise Crítica do Discurso e como ela se comporta perante os problemas sociais, jogando luz nesses problemas que o poder hegemônico provoca na sociedade, que afeta os desvalidos. A ACD, nesse curso, atua para provocar uma mudança social, orientando para uma busca por justiça social.

Figura 1: ACD nas dinâmicas de Poder e Ideologia



Fonte: Elaborada pelo autor.

A figura acima representa a capacidade que a ACD possui de mostrar o poder, e a ideologia como instrumentos de dominação, ambos são capazes de modificar uma estrutura social, porém, a abordagem se mostra capaz de desnaturalizar as ideologias hegemônicas e desvelar esse poder, construindo pontes que ajudem a impedir essa modificação que afeta

tanto os desvalidos. A ACD intersecciona os dois instrumentos de controle social, poder e ideologia, assegurando que, caso não haja uma intervenção nessa aliança, eles continuarão sustentando a manutenção de um sistema assimétrico e desigual, incapaz de gerar uma mudança social. Esse sistema, quando atrelados à hegemonia, pode envolver a naturalização de práticas de dominação e seus impactos não representam insumos para se buscar meios de resolução e reconstrução de problemas sociais. Esses instrumentos que servem para a dominação e controle social são exatamente os objetos de pesquisa da ACD, a qual visa desarticular o que eles propõem, algo que funciona para oprimir muitos e privilegiar poucos (Santos, 2020). Nesse seguimento:

A ACD é uma forma de ciência crítica que foi concebida como ciência social destinada a identificar os problemas que as pessoas enfrentam em decorrência de formas particulares da vida social e destinada, igualmente, a desenvolver recursos de que as pessoas podem se valer a fim de abordar e superar esses problemas (Fairclough, 2003, p. 185).

Compreender a ACD como uma ciência social crítica é perceber o seu poder de transformação na vida social das pessoas, é percebê-la além de uma abordagem social. A ACD se propõe a um processo de intervenção social, com objetivo de mitigar os problemas identificados e depois desenvolver recursos que possam ajudar na superação dos desafios em evidência, que fazem a sociedade padecer num sistema assimétrico de poder. Para isso, a ACD se articula com outros saberes, visto que é uma ciência crítica com uma metodologia transdisciplinar que abraça ideologias que não estejam vinculadas com a hegemonia, ao contrário, a abordagem procura desnaturalizar essas ideologias que massacram e oprimem os menos desfavorecidos.

No próximo tópico, veremos a agenda da ACD e o seu giro decolonial na América Latina, uma abordagem nascida no berço europeu, mas com vertente decolonial que se preocupa com as questões sociais, principalmente nas causas minoritarizadas. A ACD chegou nesse cenário cheio de lacunas que precisam ser preenchidas com solidariedade, justiça social e com muito empenho, objetivando em desvelar o poder atrelado à hegemonia. Dessa forma, notaremos como essa abordagem encontrou, de fato, falhas causadas por desigualdades epistemológicas e sociais que necessitam de transformações. O tópico mostrará como as pesquisas em ACD chegaram na América Latina de forma decolonial, onde a desigualdade é tão severa.

2.5 Um giro decolonial da ACD na América Latina

Antes de nos debruçarmos sobre a ACD na América Latina, é importante revisitar e refletir socialmente os efeitos que os países latinos ainda sofrem por manter ideias coloniais e repressores dentro de sua cultura. A ACD, desde o seu nascimento, vem desconstruindo paradigmas e quebrando os empecilhos epistemológicos que permeiam a sociedade dos menos favorecidos. Esta orienta o sujeito para uma mudança social ativa. Desse modo, abre caminho para o decolonialismo. Esse caminho motivou o surgimento de outras abordagens, de outras correntes de análises que fizeram a transgressão decolonial ganhar expansão e decolonizar (Resende, 2019).

Na América Latina, diariamente, presenciamos ações que já não cabem no século XXI, que só fortalecem a colonialidade, a exemplo do discurso racista embutido e disfarçado na prática social (Dijk, 2008) como também a misoginia, ambos açoitados pelo discurso de ódio. Os norte-americanos e europeus, sua língua, sua cultura e sua sociedade ainda são vistos como superiores, logo, o indivíduo latino foi se construindo não se sentindo pertencente ao seu espaço e, mais que isso, não se reconhecendo como povo, como sociedade potente e rica.

Há lugares na América Latina em que a expectativa de vida de uma mulher negra periférica é de 18 anos a menos que a de uma mulher de um bairro mais nobre e pode-se ver isto em Santiago, Capital no Chile, segundo uma pesquisa feita em 2020 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Em 2019, a América Latina foi apontada como o lugar com a maior desigualdade de renda. A grande disparidade latino-americana também envolve a cor da pele ou a etnia: em comparação com os brancos, os negros e indígenas têm mais possibilidades de ser pobres e menos de concluírem a escola ou conseguirem um emprego formal (PNUD, 2020).

Em pleno século XXI, mesmo após quase 5 séculos de escravidão no Brasil, ainda há prática de uma educação aos moldes da educação jesuítica, por parte de alguns docentes, uma vez que um grande número de docentes ainda vê a educação como meramente bancária (Freire, 1998) por ser talvez mais “fácil” e por seguir o padrão de educação tradicional recebida durante sua vida escolar e depois em formação docente. O profissional não consegue se desamararrar do tradicionalismo, porque isso está intrinsecamente ligado à sua vivência. Logo, a decolonialidade se torna ainda distante da práxis de grande parte dos educadores que não pensam para além de uma sociedade repleta de desigualdades. Para que

o sujeito se livre das amarras colonizadoras, é interessante que ele esteja disposto a fazer uma transgressão e uma desobediência epistêmica (Mignolo, 2008) quanto às viradas decolonias. Isso possibilitará a elevação para novos rumos, diálogos interculturais, na construção de uma sociedade decolonizadora. Nessa direção, destacamos que:

[...] marcar: (a) a narrativa original que resgata e insere a América Latina como o continente fundacional do colonialismo, e, portanto, da modernidade; (b) a importância da América Latina como primeiro laboratório de teste para o racismo a serviço do colonialismo; (c) o reconhecimento da diferença colonial, uma diferença mais difícil de identificação empírica na atualidade, mas que fundamenta algumas origens de outras diferenças; (d) a verificação da estrutura opressora do tripé colonialidade do poder, saber e ser como forma de denunciar e atualizar a continuidade da colonização e do imperialismo, mesmo findados os marcos históricos de ambos os processos; (e) a perspectiva decolonial, que fornece novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana, em diálogo com a produção de conhecimento (Ballestrin, 2013, p. 110).

A partir desse olhar, reconhecemos que nosso país, por todo um contexto social, principalmente na educação, ainda flerta fortemente com a discriminação e a desigualdade social. Na educação foi/é reverberada essa discriminação e desigualdade, dentro do grupo de professores que, com a pandemia, foi exposto às situações que tentaram deslegitimar seus espaços de fala e sua identidade como profissional.

Na pandemia, no momento mais crítico, não foi destinado nenhum ato legal que priorizasse a formação docente para o enfrentamento do caos pandêmico e que fosse adotado métodos para fortalecer o conhecimento da classe. Não foram designadas plataformas para o uso online, ou seja, o professor teve que se virar sozinho para que pudesse ofertar o ensino aos seus alunos. Além disso, foi atribuído a ele “outros papéis” como o de psicólogo, psiquiatra, pai, entre tantos, esquecendo-se de que ele tinha vida com necessidades financeiras e socioafetivas. O que a classe docente recebeu nesse período desafiador foram discursos violentos, recheados de xingamentos e julgamentos. Por isso, também, a importância de pensar numa educação decolonial, até como uma questão de autodefesa.

Pensar em uma educação decolonial é trazer à tona a realidade em que o país se encontra frente às contradições vividas desde a colonização. É crucial que os docentes adotem uma nova prática de ensino que enfrente os modelos coloniais e os pensamentos retrógrados que permearam na sociedade americana durante séculos e que geraram, cada vez mais, desigualdades de oportunidades, uma vez que o educador tem em suas mãos as

ferramentas para visibilizar as lutas dos povos subjugados no interior do continente.

Fortalecer os estudos decoloniais para com os sujeitos docentes na América Latina é possibilitar uma visão ampla do poder das pessoas que lutaram por Independência, por liberdade e equidade, para que o sujeito reconstrua a história com ênfase na verdade vivida por cada grupo. É mostrar toda luta e buscar superar com dignidade as desigualdades injustas enfrentadas ao longo da história pelos povos nativos e africanos que aqui chegaram na condição de escravizados. O que temos no Brasil e em outros países que compõem a América Latina são relações originadas, alimentadas e sustentadas nos quatros pilares da colonialidade pontuados por Quijano (2002): a colonialidade do poder; do capitalismo; do estado e do eurocentrismo. Partindo dessa reflexão, o que temos hoje é uma relação de subordinação dos países do sul aos países do norte, por uma questão de colonialidade de poder, do ser e do ter (Santos, 2010). Por isso, a importância de pautar agenda de pesquisa decolonial que há na América Latina para quebrar essas amarras estruturadas no projeto de poder que favorece apenas um grupo. Portanto, o giro decolonial da ACD e sua agenda na América Latina vão possibilitar que pesquisemos esses discursos de ódio nas redes sociais contra esse grupo que teve suas vulnerabilidades expostas com os efeitos da pandemia.

Na América Latina, as pesquisas em ACD têm seu advento assinalado pela presença de grandes teóricos, sendo rubricada pelos nomes de Neyla Graciela Pardo Abril (Universidade da Colômbia); Maria Laura Pardo (Universidade de Buenos Aires), a qual fortaleceu o “Método Sincrônico-Diacrônico para Análise Linguística de Textos”. E, não menos importante, temos as contribuições de Teun A. Van Dijk, cujas reflexões são bastantes comentadas neste estudo.

Concebendo a ideia de colonialidade como dominação, exploração, Catherine Whalsh, (2013) considera que há brechas que nos permitem lutar e resistir contra as formas de dominações. Resistência às diversas formas de dominação e luta por liberdade seriam, para a autora, a busca pela decolonialidade. A sugestão para um projeto de decolonialidade é que as lutas estabelecidas nessas brechas, nos convida a um constante movimento de aprender, desaprender e reaprender, mas também fomenta práticas de ação e intervenção.

Whalsh define a decolonialidade como um projeto de luta e resistência às formas de opressão impostas pelos colonizadores e considera um projeto não recente. Para a autora, essas lutas vêm ocorrendo desde a implantação do projeto de colonialidade eurocêntrico. É desde o início da colonização que as populações reprimidas lutam contra a dominação para não perderem sua identidade, assim:

lucha, rebeldía, cimarronaje, insurgencia, organización y acción que los pueblos originarios primero, y luego los africanos y las africanas secuestradxs³, emplearon para resistir, transgredir y subvertir la dominación, para seguir siendo, sintiendo, haciendo, pensando y viviendo —decolonialmente— a pesar del poder colonial (Whalsh, 2013, p. 25).

Para a autora, o projeto decolonial é uma possibilidade de vivência de luz e liberdade em meio a essa escuridão produzida pelo projeto de colonialidade/modernidade baseado numa racionalização binária que, não bastasse separar homem/natureza, separou também homens entre si, com base em critérios superficiais como cor de pele, gênero, numa dicotomia de inferioridade/superioridade. Portanto, decolonizar é resistir, lutar contra a opressão arraigada na memória coletiva e, da mesma forma, usar a memória coletiva para lutar por liberdade de ser, fazer e viver.

O projeto de decolonialidade se estende de longos anos, tanto no plano da ação como no plano da teorização. Vamos encontrar em Freire e Fanon, segundo Whalsh (2013), a noção de transformação crítica do homem que é uma possibilidade a partir de sua conscientização. Para ambos, reconhecer a desumanização sofrida é necessário para se buscar uma humanização, ou, em outras palavras, reconhecer a colonização (vista como desumanização por meio da racialização e formas de dominação) é o caminho para buscar a decolonialidade (humanização por meio da luz da liberdade).

Os dois, Freire e Fanon, defendem a necessidade de conhecer a colonização para resolver a colonialidade que, para Freire, constitui a desumanização; para Fanon, a condição da não-existência devido à racialização. Nas palavras de Whalsh:

Para Fanon, como también para Freire, el proceso de humanización requiere ser consciente de la posibilidad de existencia; también requiere actuar responsablemente y conscientemente sobre —y siempre en contra— de las estructuras y condiciones sociales que pretenden negar su posibilidad (Whalsh, 2013, p. 54).

Esse giro decolonial trazido por essa representação feminina e sustentada por Van Dijk na América Latina desvelou o discurso hegemônico, por meio dos estudos em ACD e uma agenda de pesquisa em prol dos desfavorecidos. Outra situação que precisa ser pontuada é como essa abordagem que nasceu no berço europeu, mas com um viés decolonial capaz de transformar e articular discursos e demais elementos da prática sociais (Fairclough, 2003). A ACD propõe compreender o curso dessa articulação, ou seja, as coações e

possibilidades configuradas na essência dos eventos, de maneira a proporcionar informações científicas para dá uma resposta às questões sociais relacionadas ao abuso de poder e dominação de grupos ou pessoas, dando a elas possibilidades de emancipação.

Entretanto, como destaca Pardo (2010; 2019), as reflexões sobre essas temáticas, especialmente em se tratando da produção na área do discurso, situada na América Latina, estão sendo cada vez mais ampliadas. Têm apontado, por exemplo, para a necessidade de contemplarmos temáticas que representem a nossa realidade, de criarmos teorias e métodos voltados para essa realidade, de tomarmos produções latinas como fontes teóricas e metodológicas, o que não significa desconsiderar o conhecimento já construído, mas, sim, despertar um pensamento crítico e uma ação que nos levem a gerar teorias e métodos próprios, assim como uma revalorização de nosso próprio fazer.

Se torna muito difícil para um povo conseguir emergir socialmente se suas estruturas estão presas a ideologias de opressão (Santos, 2020). A América Latina é o retrato do quanto políticas de dominação colonizadoras criaram amarras que impedem que o sujeito se quer se reconheça como parte de toda uma sociedade e acabam aceitando imposições que só tendem a torná-lo reprodutor desses processos exploratórios, e isso está enraizado de tal modo que o controle do discurso se mostra como uma forma de poder simbólico (Dijk, 2008).

Atualmente, os governos dos diferentes países reconhecem que os povos originários têm o pleno direito de conservar e continuar desenvolvendo suas línguas e culturas ancestrais. É importante legitimar e proteger a cultura dos diferentes povos que vivem na América Latina (Santos, 2014). Entretanto, algo de suma importância é a organização política e social dos próprios povos originários, que vão abrindo espaços na sociedade nacional dominante para defender seus direitos e isto se dá também a partir da ACD que colabora para que esta visão seja dilatada. A ACD tem buscado cumprir o seu papel de transformação por meio do estudo, da pesquisa e da responsabilidade social para que, assim, o indivíduo latino possa se reconhecer enxergando a potência do seu lugar e, principalmente, vendo o quanto ele pode ser um agente transformador a partir da luta pela decolonização do território latino-americano.

No próximo tópico, trataremos da agenda decolonial da ACD no Brasil, trazendo seus precursores/teóricos que expandiram e continuam expandindo às contribuições da abordagem aqui no Brasil, dando continuidade ao trabalho das pesquisas de seus idealizadores, com inovações em suas agendas para atender as necessidades sociais, ou seja,

vem preenchendo lacunas epistemológicas no intuito de garantir justiça social, igualdade e liberdade.

2.6 ACD no Brasil e suas influências

Nunca foi tão essencial pensar em ACD no Brasil, principalmente nos tempos atuais. Atualmente, vemos um país polarizado politicamente, nas quais ideias são impostas, a ciência é contestada sem embasamento científico e a polarização do ódio é acentuada cada vez mais por um sistema opressor que precisa ser contestado.

A pandemia causada pela COVID-19 se propagou e levou consigo milhares de brasileiros. Em estudos recentes realizado por organizações, a exemplo da OMS, especificamente em 2020 e 2021, são 488 mil mortos segundo os Dados Covid³ e os discursos se confrontam e em nada colaboram para uma nova sociedade que olhe para as causas e efeitos, desse momento, somados a problemas já existentes na sociedade brasileira que tem em seu bojo um sistema colonial ainda muito forte.

Em “*Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso*”, Resende (2019) fala sobre esse compromisso social que a academia e os estudos linguísticos precisam ter “não para destruir as fontes do Norte, mas sim para fortalecer as do Sul” e ressalta que ‘é preciso reconhecer que há uma herança que nos limita e que por isso precisa ser superada’ e endossa na fala de como são os estudos no Brasil:

Os estudos do discurso no Brasil dividem-se basicamente em duas grandes linhas: a análise de discurso francesa e a análise de discurso inglesa. Só os nomes pelos quais conhecemos essas vertentes de estudos discursivos já nos dizem da colonialidade do campo. Essa colonialidade de saberes do discurso, de forma mais imediata, significa um grande esforço de aplicação de teorias tomadas como universalmente válidas e pouco modificadas no contexto situado, mas também tem implicações sobre o ser analista de discurso nesse local de subalternidade no campo acadêmico [...] (Resende, 2019, p. 19).

Não é que não haja produções relevantes no Brasil, porém, é o caso de os analistas de discursos começarem a também refletir sobre o quanto essas produções estão, de fato, colaborando para que se tenha uma amplitude significativa para a complexidade do mundo. Buscávamos, muitas vezes, as respostas em teorias chamadas vanguardistas, e

³<https://dadoscovid19.contactin.bio/> Acesso em: 03 agosto, 2021.

quando a prática não funcionava como a teoria, colocávamos a culpa na prática, e não na teoria (Santos, 2017).

Desde a introdução da ACD no Brasil, diversos trabalhos foram produzidos no campo teórico-metodológico, como o artigo de Magalhães e Resende (2020) “*Pesquisas em Análise do Discurso Crítica produzido no Brasil de 2008 a 2017*” e, com estes resultados, foi possível identificar lacunas significativas nesses estudos.

Aqui no Brasil, a ACD tem seu legado marcado pela presença de grandes pesquisadoras, com publicações de trabalhos da professora Izabel Magalhães (UnB/UFC/UFG), em 1986, e com a tradução feita por ela, em 2001, do livro *Discurso e mudança Social*, de Norman Fairclough. Tivemos também importantes contribuições acerca da expansão dos estudos, a partir dos trabalhos das teóricas Carmem Rosa Caldas-Coulthard (UFSC); Célia Maria Magalhães (UFMG), organizadora do livro *Reflexões sobre a análise crítica do discurso* (2001); as professoras Viviane Ramalho e Viviane de Melo Resende (UnB). Percebe-se que o campo foi aumentando e surgindo novos pesquisadores, precursores de novas abordagens a partir da ACD. Temos, como exemplo, a professora Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa, que cunhou a Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso (ASCD), desenvolvida com seus orientandos na UFRN.

No Brasil, atualmente, pesquisas em ACD são desenvolvidas nas seguintes universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade Federal de Sergipe (UFS); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade de Brasília (UNB), essa vista como a pioneira, por intermédio da professora Izabel Magalhães, que trouxe a abordagem para o Brasil e ajudou a expandir a agenda decolonial da ACD, a partir de novas correntes que foram surgindo.

A Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso (ASCD), desenvolvida no Nordeste do Brasil pela professora Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa, nasceu com base em leituras em Sociologia para a Mudança Social (SMS); Sociologia Aplicada à Mudança Social (SAMS); Comunicação para a Mudança Social (CMS), Estudos Culturais (EC).

Essa abordagem desenvolvida por Pedrosa, em 2011, é um marco decolonial da ACD no Brasil. Representa o giro decolonial, preocupando-se com as questões sociais, fazendo ouvir os silenciados, as vozes do Sul, por meio de uma luta por reconhecimento. A ASCD contribui com suas pesquisas que anteciparam o preenchimento das lacunas apontadas, mas é esquecida por ser Sul do Sul, estreitando, desse modo, as lacunas

observadas por Magalhães e Resende (2017). A ASCD ajuda a ampliar essa agenda decolonial da ACD no Brasil, contemplando as temáticas que representam, de fato, a nossa realidade brasileira e, principalmente, da região Nordeste.

Julgamos que essa abordagem venha a ser mais uma contribuição nacional para a ACD. A abordagem tem como foco a mudança social e cultural, mas não se confunde com as contribuições da corrente social de Fairclough, adotada por nós em muitos de nossos trabalhos desde que cursamos o doutorado (2005) (*In: Pedrosa, 2012, p. 4*).

As contribuições da ASCD têm seu diferencial na abordagem social do sujeito, a partir da comunicação imbricada no campo da área sociológica. Segundo Pedrosa (2012) essa corrente tem sua contribuição nacional e se junta aos demais pesquisadores que fazem expandir os estudos e pesquisas em ACD no Brasil, por isso, ela se enquadra socialmente na questão da decolonialidade. Do mesmo modo que as outras correntes, a ASCD dá visibilidade e legitimidade aos discursos produzidos na América Latina, não com a ideia de derrubar os discursos do norte, mas sim, de dar voz e ouvidos ao discurso do Sul (Santos, 2020; Resende, 2019) inclusive como única corrente, já que Magalhães (2020) anuncia a metodologia etnográfica e Pardo (2019) a abordagem metodológica sincrônica-diacrônica.

Os estudos críticos, a partir dessa abordagem, têm ganhado fôlego nos espaços acadêmicos e jogado luz nos problemas de grupos ou pessoas menos privilegiadas, por meio de pesquisadores comprometidos com os problemas reais da sociedade, além de oportunizar recursos para que as pessoas possam encarar com segurança seus problemas (Fairclough, 2003; Pedrosa, 2012).

Embora haja esses espaços dos estudos críticos e decoloniais nas academias, ainda precisamos ocupar mais lugares de fala e avançarmos com vozes e escutas, para que mais luzes sejam jogadas nos problemas reais da sociedade e desvelando o poder que estão relacionados aos discursos hegemônicos.

No próximo tópico, será abordada uma das correntes da ACD com um viés decolonial, a ASCD, desenvolvida no Brasil, na região Nordeste, especificamente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que tem como precursora a professora Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa. A Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), assim como a ACD, nasceu com uma metodologia transdisciplinar e abraça as ciências humanas e sociais críticas. Entre muitas contribuições da abordagem que será vista no próximo tópico, ela toma como base a sociologia para a mudança social; na

sociologia aplicada à mudança social; na comunicação para mudança social e nos estudos culturais.

2.7 Abordagem sociológica e comunicacional do discurso: epistemologia do Sul do Sul

O avanço dos estudos em ACD abre espaço para novas correntes e diálogos transdisciplinares que nos apontam para uma abordagem mais comunicacional com vontade de mudança social. No Nordeste, foi gerada uma corrente numa perspectiva decolonial da ACD: a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso. A ASCD foi pensada e gestada a partir de 2011, por um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, sob a coordenação da professora Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa. A partir das reuniões de uma das linhas desse grupo, surgiu a ASCD para os estudos em ACD. A ASCD traz uma contribuição socio-comunicacional para as pesquisas em ACD numa proposta inovadora e intercultural, que continua na Universidade Federal de Sergipe – UFS, buscando sempre se atualizar.

A Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso se identifica como uma corrente da Análise Crítica do Discurso e se dispõe a se preocupar com estudos identitários, articulando as identidades sociais e individuais, para isso, toma como suporte os estudos da mudança social (Pedrosa, 2012). Segundo Gambetta (2017) membro do grupo de pesquisa à época da fundação e contribuinte com as leituras em Comunicação para a Mudança Social, a ASCD projeta-se para uma nova visão de análise social, propondo perspectivas de apreciação transdisciplinar, ela compreende a semelhança da corrente dialético-relacional, uma relação dialética entre linguagem e sociedade.

Segundo Cunha (2021) a ASCD contribui para as pesquisas dos Estudos Críticos do Discurso do Brasil (ECD), ocupando espaços sobre lacunas teóricas que os ECD tinham. A atuação da ASCD no Nordeste é uma maneira de resistência e preenchimentos dessas lacunas epistemológicas do Sul existentes, que contribui, infelizmente, para o surgimento de uma linha abissal epistemológica nesse Sul (Santos, 2010).

A ASCD, com um olhar decolonial, no Nordeste encontra seu campo de estudo e seu objeto de interesse: a sociedade e os sujeitos. Nessa sociedade de excluídos vai se dedicar, recentemente, ao estudo da teoria Luta por Reconhecimento (LR), a partir de Honneth (2009) e das sociologias das ausências e emergência (Santos, 2010). Com seu olhar decolonial e a dedicação, a teoria da LR, situaremos alguns trabalhos recentes, por exemplo:

o trabalho precedido por Alves e Pedrosa (2019) analisou em uma pesquisa, a partir da luta por reconhecimento, os discursos de profissionais que trabalham com a comunidade surda contidos em comentários, no *Facebook*, sobre o tema da redação do Enem 2017. Consideraram que reconhecer o surdo como minoria linguística é imprescindível para se pensar em uma educação efetiva (Alves, Pedrosa, 2019); (Pedrosa, 2020). A partir da LR, com base em Honnet (2020) e outros teóricos da ACD e da sociologia, a autora discute, de maneira reflexiva, a solidariedade em tempo de pandemia com relação aos idosos, no qual ela analisou alguns discursos de atores sociais, evidenciando o discurso de solidariedade que se destacou no caos social, político e econômico que se instaurou no Brasil. Com esses trabalhos, notamos como a luta por reconhecimento é urgente e necessária, pois dão visibilidades aos grupos minoritarizados e também enriquecem e expandem a nossa corrente de pesquisa ASCD.

Com propostas cunhadas pela ASCD se conectando a vários campos de pesquisa e teóricos que se preocupam com o social, temos um vasto percurso de base teórica que coloca a ASCD como a pioneira na região nordeste. Dessa maneira, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso tem propriedade investigativa e um forte objetivo de pesquisa para contribuir e aprofundar lacunas teóricas que a ECD até o momento não tinha preenchidas. Outra preocupação importante dessa corrente é acerca da constituição das identidades e dos sujeitos, dando evidências ao retrato do silenciamento da exclusão das minorias. Além disso, a linha tem uma das contribuições teóricas mais importantes e contribui para a compreensão sobre a mudança social e culturais, bem como dos estudos das identidades e de sujeitos (Damaceno, 2013; Cunha, 2021): “Foi justamente para preencher esses espaços de compreensão que se formulou essa abordagem discursiva para os ECD.”, afirma Cunha (2021, p. 47). Esse objetivo é forte e necessário, principalmente no Nordeste que visualizamos muitas lacunas teóricas e epistemológicas a serem preenchidas e sujeitos a serem ouvidos, portanto, a ASCD encontrou terreno fértil região nordestina.

A Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso abre discussão sobre a questão do sujeito transformador. Ela assume que o sujeito se move, se constitui a depender das circunstâncias sociais que lhes provocam tensões sociais (Pedrosa, 2012, p. 4). Nesse sentido, a ponte da ASCD com a Sociologia para Mudança Social se justifica, visto que os estudos sociológicos têm uma premissa em desvelar os problemas sociais. Nesse diálogo, para uma resolução, a ASCD se une à sociologia para mudança social, objetivando contribuir na resolução desses problemas desvelados pelas duas áreas.

As conexões da ASCD com a Sociologia para Mudança Social, Comunicação, Estudos Culturais, Comunicação para Mudança Social e a Linguística Sistêmico-Funcional apontam conceitos importantes para uma pesquisa interdisciplinar e crítica que pretende gerar uma mudança social. Para entendermos essas intersecções que dão a ASCD a característica transdisciplinar, reproduziremos um quadro de Damaceno, 2013, na íntegra, que afirma as conexões teórica e investigativa dessa abordagem em diálogo transdisciplinar com outras áreas.

Quadro 2: Conexões da ASCD

LINHA TEÓRICA	CONEXÕES DA ASCD
	PRÁTICA DE INVESTIGAÇÃO
SOCIOLOGIA DA MUDANÇA SOCIAL	• Identificar os tipos de mudança social e culturais que o objeto de investigação sofreu historicamente. • Estabelecer diferença entre as forças de coerção dos poderes. • Investir em estudos identitários, articulando as identidades sociais e individuais. • Estudar atores e sujeitos sociais.
COMUNICAÇÃO PARA MUDANÇA SOCIAL	• Incluir objetos de investigação que contemplem as mudanças sociais e culturais, frutos de posicionamentos de atores sociais que se constituem como cidadãos ativos, buscando ser ouvidos em sua comunidade.
ESTUDOS CULTURAIS	• A depender do objeto de investigação, incluir conceitos advindo dos estudos culturais, como, entre outros: identidade e sua tradução; capitalismo cognitivo; identidade do sujeito fragmentado, identidade e globalização, cultural nacional como discurso; historicidade dos sujeitos cognoscentes e dos objetos cognoscíveis, intersubjetividade.
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	• Trabalhar os aspectos linguísticos de um texto, a partir das orientações da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), da Linguística de Texto, entre outras, para evidenciar a materialização do discurso a partir da língua.
GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL	• Diante dos diversos recursos semióticos que caracterizam a maioria dos textos na atualidade, também busca fundamentar suas leituras textuais respaldadas nas ‘gramáticas’ que dão conta da multimodalidade.

Fonte: Damaceno (2013).

A ASCD propõe um trajeto de análise social a fim de se conectar e estabelecer diálogos com outras áreas para propor uma mudança social que se preocupe com a invisibilidade social de grupos ou pessoas em estado de vulnerabilidade. Assim, com esse diálogo com diversas áreas das ciências humanas e sociais, ela se estabelece como uma

abordagem transdisciplinar e decolonial de estudo. ASCD tem um papel social importante por fomentar teoricamente discussão a partir dessas áreas conexas aos seus propósitos sociais (Santos, 2017).

A ASCD contribui com os estudos que possibilitam a transformação social por viés decolonial em buscar de visibilidade aos socialmente invisíveis, já que essa corrente tem a preocupação em reconhecer os esquecidos e possibilitar dar espaço de fala a essas vozes do SUL que tanto lutam para ser visibilizadas, uma vez que são invisibilizadas pelo sistema. Para tal, ela propõe mover verdades constituídas de solidariedade e força social para essas minorias. A ASCD nasceu também com o objetivo real de provocar mudança social e cultural ao pesquisar e desvelar discursos que veiculam domínio, a fim de promover conscientização dos grupos explorados. Portanto:

A ASCD pretende contribuir com a Análise Crítica do Discurso, propondo um enfoque que se aprofunda na mudança social como consequência do papel do “sujeito” na sua condição de ator social e nas diferentes esferas identitárias que ele assume durante sua existência. Esse papel de protagonista outorgado a um “sujeito transformador (...) (Gambetta, 2017, p. 55).

Além de uma transformação social pela comunicação em prol de uma mudança social, a ASCD joga luz nos problemas sociais enfrentados pelos sujeitos silenciados e invisíveis. Assim como as demais correntes, sua forma de se desenvolver aponta também caminhos de solução, apostando no protagonismo social dos sujeitos na construção de suas identidades e de seus espaços de fala, do compromisso e da emancipação social.

Com a visão Ascediana, os estudos identitários se fortalecem e se expandem, pois, a ASCD reafirma em suas pesquisas já em andamento. Para Hall (2006), as identidades não estão impressas em nossos genes, mas se estabelecem a partir das vivências em sociedade. Giddens (2003), diz que a identidade não é constituída no comportamento individual, mas na capacidade pessoal do sujeito se constituir coletivamente e dar continuidade a uma narrativa a respeito de sua própria história e é por esse caminho que a ASCD se consolida em prol de uma transformação social que dê voz e ouvidos aos silenciados. Resende (2011), nos lembra que há um autoritarismo em dá apenas voz, ela afirma que é necessário também dá ouvidos.

A partir desses estudos que a ASCD vem tomando como soma a suas pesquisas, a abordagem só tende a ganhar força social, porque sabemos que pesquisas centradas na

identidade social do sujeito são socialmente fundamentais, embora ainda haja uma certa carência científica, no sentido de expansão, de se falar, mas não podemos deixar de notar esse movimento de senso de justiça e cientificidade impulsionando e dando uma virada com a chegada da ASCD e suas contribuições às demais áreas que estudam o campo que ela pesquisa e divulga, em vários congressos e em seu site.⁴

O sujeito é resultado de sua prática de relações sociais, e não uma essência do homem e, acima de tudo, [...] se constrói discursivamente quando assume a linguagem nesta constante relação linguagem-sociedade, mediada por todo um trabalho cognitivo sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo (Pedrosa, 2012, p. 8).

O sujeito se constrói pelo seu discurso, pela vivência social e cultural, numa relação entre social e a linguagem. Nessa discussão, Pedrosa (2012), contextualiza, no princípio, que há na análise crítica do discurso, a qual assegura que o sujeito/indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, Pedrosa (2012; 2013), aborda os sujeitos a partir da AD francesa, buscando desconstruir um pouco para poder apresentar o sujeito da ACD e da ASCD. A pesquisadora amplia esses estudos já trazidos por Fairclough, o que ela acrescenta, como vimos, são os estudos em Bajoit, (2003; 2012) que desenvolvem a classificação dos sujeitos.

O papel da ASCD, nesse processo, é pesquisar sobre esses grupos de sujeitos e, dentro do possível, divulgar para que as análises contribuam e deem visibilidade aos grupos minoritarizados e, por essa luta por justiça social, encorajar os assujeitados a contrapor de forma progressista a estrutura de dominação hegemônica, fazendo valer que o sujeito é moldado pelas práticas discursivas e torna-se um sujeito transformador para também se posicionar de maneira crítica, por isso sua capacidade de mudar estruturas sociais a partir do discurso e, conseqüentemente, desenvolver a habilidade para o confronto dessas práticas, visto que eles tornam-se com essa moldagem para a mudança social, sujeitos ativos e reflexivos.

Assim como as outras correntes originadas da ACD, a ASCD segue o caminho da transdisciplinaridade, se constitui também como uma linha multidisciplinar, multimetódica, aberta ao diálogo com outras áreas e teorias. Assim, é influenciada pelo posicionamento de Fairclough (1992, 2001), o qual afirma que uma análise do discurso deve

⁴<http://ascd.com.br/v1/>

ser textualmente orientada. Logo, a ASCD segue uma Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO) – (Fairclough, 2001). Sob um olhar integral que possibilita atender as necessidades sociais, a ASCD lança uma visão socialmente crítica e nos orienta para uma análise pautada no social e na linguística, como propõe a Linguística Sistêmico-Funcional.

Essa pesquisa será desenvolvida a partir das contribuições da ASCD, principalmente nos estudos dos sujeitos/atores sociais, sujeitos envolvidos que, no tempo pandêmico, contexto desse estudo, podemos analisar os comportamentos e posicionamentos de alguns usuários nas redes sociais, por meio do discurso hegemônico. Logo, é possível analisar esses movimentos à luz de alguns tipos de sujeitos discutidos por Pedrosa (2012, 2013).

A ASCD se justifica, nesta pesquisa, por ser um fio condutor de conexão com outros campos de saber, e por também ter uma metodologia transdisciplinar e multimetódica, características adotadas na metodologia do nosso trabalho.

A ASCD representa uma identidade epistêmica e social de pesquisa engajada com problema social. Nessa perspectiva, nossos olhares de pesquisadores se voltam para os estudos dos sujeitos e a tensão existencial para serem aplicados às nossas análises do discurso de ódio contra o sujeito professor. Os tipos de sujeitos nos chamam atenção para relacionar ao sujeito professor e sua tensão existencial no decorrer da pandemia, principalmente, o sujeito renegado. Sobre esta questão, trazemos Pedrosa, (2013, p. 24) que diz que:

Quando o individuo não atinge o reconhecimento social, dizemos que ele é um sujeito denegado; quando não consegue alcançar a realização pessoal, chamamos de sujeito dividido; e quando não atinge a consonância existencial, dizemos que ele é um sujeito anômico.

Aplicando o que discute Pedrosa (2013), na análise dos sujeitos, relacionamos analiticamente ao sujeito professor. Este se encaixa nos três tipos de sujeitos: sujeito denegado; sujeito dividido; e sujeito anômico, discutidos pela autora, dentre os quais destacamos o sujeito renegado, pelo fato de que o professor sofreu uma denegação de reconhecimento social de sua identidade pessoal e, principalmente, profissional. Essa renegação foi consequência do discurso de ódio sofrido nas redes sociais, que motivou a exclusão social, perda do respeito pessoal e profissional. O docente foi jogado à margem da sociedade, ação que contribuiu com o comprometimento da sua identidade e desvelou sua vulnerabilidade social e profissional.

2.8 As contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional – LSF

No início do século XX, o antropólogo Bronislaw Malinowski (1884 – 1932) afirmou que a língua é um dos princípios fundamentais para a formação cultural de um povo. Além disso, sua teoria sobre a relação entre língua e o uso em contexto inspirou o linguista John Rupert Firth (1890 – 1960) a ser o pioneiro quando se trata da sistematização desse princípio na linguagem. Ademais, o trabalho de Firth, nos anos 1960, influenciou de forma positiva um de seus alunos, Michael Halliday, a desenvolver uma abordagem de análise gramatical, chamada de “gramática de escalas e categorias”. Nesse contexto, surgiu a Linguística Sistêmico-Funcional que tem sido terreno para o surgimento de diversos estudos e publicações que deram à LSF a característica transdisciplinar. Com a capacidade de diálogo com diversas teorias para esclarecimento de eventos linguísticos, a LSF conversa com vários campos de pesquisas como Análise Crítica do Discurso, Gramática do Design Visual, Sociologia Multimodalidade, Antropologia, Linguística de corpus, Formação de professores, Educação, dentre outras (Batista Jr., 2018), (Fuser, 2014), (Irineu, 2020).

A Linguística Sistêmico-Funcional foi proposta pelo linguista inglês Michael Alexander Kirkwood Halliday (1980) e, a partir de seus estudos e pesquisas, nos inspirou cientificamente a usar a linguagem para construir a representação e viabilizar relações sociais. Trata-se de “uma teoria da linguagem como prática social e também uma metodologia analítica que permite a descrição detalhada e sistemática de padrões linguísticos”, afirma Eggins (2004, p. 10). Constitui, pois, ferramenta importante para a análise de textos e gêneros discursivos produzidos em diferentes mídias e contextos sociais. Conforme Bárbara (2009) a LSF é:

Caracterizada como uma teoria social porque parte da sociedade e da situação de uso para o estudo da linguagem; seu foco está em entender como se dá a comunicação entre os homens, a relação entre indivíduos e desses com a comunidade. Caracteriza-se também como uma teoria semiótica porque se preocupa com a linguagem em todas as suas manifestações. Procura desvendar como, onde, porque e para que o homem usa a língua, bem como a linguagem em geral, e como a sociedade o faz (Barbara, 2009, p. 19).

Fuser e Cabral (2014, p. 17) para corroborar com o que diz Bárbara (2009), trazem um histórico da LSF e suas funcionalidades, apontando que ela é abraçada e enriquecida em vários países de diferentes continentes, como a Austrália, China, Inglaterra,

França, Portugal, Brasil, Argentina, Venezuela, Colômbia, Uruguai e México. A Linguística Sistêmico-Funcional é uma ideia que movimentou e faz funcionar os acontecimentos na sociedade que, segundo Bárbara (2010), tem capacidade de analisar qualquer fenômeno comunicativo. Pelas nossas pesquisas, notamos que, hoje, ela encontra-se em ampliação na multimodalidade e se mostra muito contributiva para as pesquisas em estudos da linguagem.

Dentre as prováveis aplicações da teoria Sistêmico-Funcional, referendadas por Fuzer e Cabral (2014, p.18) destacamos abaixo algumas que consideramos importantes para compreendermos a natureza e as funções da linguagem:

1. Compreender o que as línguas têm em comum;
2. Compreender como uma língua evolui através do tempo;
3. Compreender como se desenvolve uma linguagem de uma criança e como pode ter evoluído a espécie humana;
4. Compreender a qualidade dos textos (por que um texto significa o que significa);
5. Compreender como varia a língua, de acordo com o usuário e com as funções que desempenha;
6. Compreender os textos literários e a natureza da arte verbal;
7. Compreender a relação entre linguagem e cultura e entre linguagem e situação;
8. Compreender muitos aspectos do papel da linguagem na vida de uma comunidade e de um indivíduo: o multilinguismo, a socialização, a ideologia, a propaganda etc.;
9. Ajudar no aprendizado da língua materna: leitura e escrita;
10. Ajudar no aprendizado de língua estrangeira;
11. Ajudar a traduzir e interpretar;
12. Escrever estudos de referência sobre qualquer língua (dicionário, gramática etc.).

Estas aplicações da teoria Sistêmico-Funcional nos faz compreender a natureza e as funções da linguagem de maneira sistematizada, entendemos na escolha da listagem que cada tópico nos mostra como a linguagem funciona em cada indivíduo, sobretudo, no comportamento do sujeito em sociedade.

Destacamos os tópicos 4, 5, 7, 8, como relevantes para nossa pesquisa, porque enxergamos uma ponte dialógica com os estudos em ASCD, principalmente no campo da Sociologia para a Mudança Social (Pedrosa, 2012). Vimos, nestes tópicos, uma relação discursiva com nosso estudo pelo fato de pesquisarmos comportamentos do sujeito em sociedade e o papel do discurso nesta, como também visamos estimular a compreensão do

papel da linguagem em sociedade, percebemos, também, uma relação com os nossos objetivos.

Halliday (1994) e Kress (1993), destacam que a evolução da língua não é arbitrária, pois deriva das necessidades humanas e das escolhas e concepções geradas na sociedade. Dessa forma, a produção linguística encontra-se inserida em um contexto (contexto de situação), que também está inserido em outro contexto mais amplo (contexto de cultura). O contexto de situação compreende três variáveis de registro que ocorrem simultaneamente, tanto em textos orais/sinalizados quanto em escritos: Campo (Field), Relações (Tenor) e Modo (Mode). Essas variáveis são apresentadas pela teoria de registro, a qual apresenta e descreve o impacto de dimensão do contexto de situação imediato de um evento linguístico no modo como a língua é utilizada. Em linhas gerais, campo refere-se ao assunto do texto, relações referem-se às relações de poder e solidariedade entre escritor/leitor e falante/ouvinte e modo refere-se à organização e retórica do texto.

O conceito de registro é utilizado por Halliday (2006) como o ambiente social e, por sua vez, influencia a semântica textual, que está relacionada às três funções do texto: ideacional (transitividade), interpessoal (modo e modalidade) e textual (organização de tema/rema e coesão textual). As referidas funções são construídas por intermédio as escolhas léxico-gramaticais.

A metafunção ideacional pode ser analisada sob dois aspectos: experiencial, no qual a língua é apresentada como um sistema relativo à experiência, traduzindo nosso mundo interior e exterior, por meio da transitividade; e o lógico, que proporciona recursos para a configuração das relações lógicas na estruturação dos grupos ou complexos. A metafunção interpessoal dar ênfase à análise e ocorre no nível do Modo e da Modalidade, podendo-se investigar o sujeito e a natureza da proposição: declarativa, interrogativa ou diretiva. A metafunção textual observa escolhas relativas à distribuição da informação, ou seja, à elaboração do texto, que se dá por meio da organização Tema/Rema e da coesão textual.

As metafunções sempre estarão envolvidas em qualquer evento linguístico. Nessa direção, analisemos o quadro abaixo e notemos os eventos comunicativos em cada interação que circula na sociedade, ativando o mecanismo de funcionalidade social da LSF.

Quadro 3: Metafunções

METAFUNÇÕES	EVENTO COMUNICATIVO
Ideacional	Expressa ideias, pensamentos, sentimentos e aciona o campo das emoções. Essa metafunção origina um evento, o qual nos faz refletir sobre os comportamentos sociais, que podem ou não alterar algumas ações de um determinado sujeito numa situação social.
Interpessoal	Suas expressões ocorrem mediante interação social entre sujeitos em meio a determinado evento comunicativo. A partir dessa metafunção, percebemos a relação formada entre linguagem e sociedade e os atores envolvidos no ambiente a partir de um contexto originado de um texto.
Textual	Tudo é organizado em texto, campo que abre discussão para análise de qualquer evento comunicativo. Sendo assim, a partir dessa metafunção, percebemos sua relevância para as demais, pois é no campo textual que surgem as manifestações variadas de contexto social a partir de textos.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Halliday (1994).

Ao produzirmos um texto, acionamos diferentes “camadas” da linguagem e suas respectivas realizações. Como analisamos no quadro acima, esses indícios de realização da linguagem se propõem a uma organização textual imbricada com o social e os atores que fazem a linguagem ser funcional com propósito de comunicação interativa entre os sujeitos. Dessa forma, sustenta a concepção tridimensional do discurso: Texto, Prática Discursiva e Prática Social de Fairclough (Resende, 2006).

Essas metafunções estão interligadas a sistemas que conseguem realizar as ocorrências e funções gramaticais da língua: o sistema de transitividade, relacionada à metafunção ideacional, o sistema de modalidade, à interpessoal e o sistema de tema, para a metafunção textual. Essas metafunções são contribuições da LSF na análise de corpus, pois os eventos comunicativos incidem nas análises e ajudam o pesquisador a compreender cada situação de discurso que aplicará de acordo com a categoria que se utilizará na sua análise. Compreendemos que cada metafunção é operada por um sistema próprio, por exemplo, a interpessoal está relacionada aos sistemas de modo e modalidade, os quais se incluem no princípio de avaliatividade, escolhido para aplicação nas análises.

O Sistema de Avaliatividade proposto por White (2005), refere-se a uma abordagem baseada nos pressupostos da LSF e que é referência para pesquisadores preocupados em analisar a avaliação nos discursos. Esse sistema possibilita aos estudiosos em linguagem analisarem ocorrências avaliativas interpessoais nos discursos, ou seja, de que modo os escritores/falantes se posicionam e/ou avaliam um texto, um objeto, uma pessoa, uma entidade, entre outros. White (2005), adotou o termo “*Appraisal*” para nomear esses recursos interpessoais, tendo como preocupação tanto a questão do afeto, quanto questões

sociais do discurso, levando em consideração a maneira como os falantes/escritores se comunicam, como aprovam ou desaprovam, incentivam ou desencorajam determinados fatos no discurso. Preocupam-se também com o modo da expressão dos sentimentos, dos valores e das emoções (Meurer, 2006).

Figura 2: Estratificação



Fonte: Meurer, (2006).

As conjecturas teóricas da LSF, a compreensão e a concepção de linguagem como metafuncional e estratificada têm conduzido nossas pesquisas e nossas propostas de análise para um caminho teórico, por meio do qual compreendemos os eventos linguísticos de comunicação na sociedade como uma proposta transdisciplinar com base em gêneros ou sistemas discursivos que permeiam o meio social a partir de textos funcionais.

As investidas funcionalistas da linguagem realçam as diversas funcionalidades dos textos. Para Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 140), essa disposição da linguagem em estratos gestada pela LSF significa que a ligação entre os estratos de significado e de expressão é orientada pelo estrato da léxico-gramática, o qual não se relaciona diretamente com o extralinguístico. Em linhas gerais, para a LSF os textos têm nas três metafunções, simultaneamente, representação do mundo (físico, social e mental). Estas representações de mundo interpretam as relações entre os sujeitos participantes de eventos sociais e suas atitudes nesses momentos.

Nesta pesquisa, vemos a importância da LSF, pois a Gramática Sistêmico-Funcional nos dá suporte para entendermos os discursos proferidos pelo grupo vulnerável, sujeito dessa pesquisa e análise. Para Halliday (1994), todo e qualquer uso que fazemos do sistema linguístico é funcional relativamente às nossas pesquisas de convivência em sociedade (Fuzer, 2014, p. 19). Nesse sentido, a fala de Fuzer (2014), justifica o uso da LSF nessa pesquisa, por pesquisar discursos na sociedade, especificamente nas mídias digitais sociais, analisando a funcionalidade da língua e suas ações.

A partir dos sistemas que a LSF oferece aos pesquisadores para realizar suas análises, nós adotaremos o sistema da avaliatividade, visto que esse sistema permite que analisemos os modos valorativos diante das construções discursivas e argumentativas, características de análise da nossa pesquisa. A avaliatividade se divide em três campos de interação: atitude, engajamento e gradação, como um território de significados (Martin, 2005). Por ser um sistema semântico-discursivo e interpessoal que trata dos posicionamentos explícitos e implícitos que os indivíduos efetivam em seus discursos, a avaliatividade dará suporte à nossa pesquisa no campo de análise, visto que nosso estudo estará focado nos modos de valoração das construções discursivas nas mídias sociais.

No campo nas metafunções apresentadas pela sistematização da Gramática Sistêmico-Funcional, modelo de descrição e análise lexicogramatical cunhado por Michael A. K. Halliday, esse modelo oferece funcionalidades aos textos produzidos na sociedade. Dentro deste sistema funcional da GSF. Esta funcionalidade permite que a avaliatividade como subsistema, nos oriente para uma movimentação do texto a partir da visão ideacional e interpessoal. Neste caso, a avaliatividade como subtema da GSF posiciona-se pela lógica interpessoal, pois reverbera as relações sociais entre os interlocutores proporcionando um ambiente, no qual eles podem expressar suas opiniões sobre si mesmos e sobre as outras pessoas, como também sobre o mundo. A partir da avaliatividade e suas subcategorias, os sujeitos conseguem mobilizar seus posicionamentos e suas atitudes sobre a sociedade, e esses posicionamentos figura o campo ideacional.

No âmbito da Gramática Sistêmico-Funcional, a Avaliatividade, Envolvimento e engajamento são os sistemas interpessoais no nível da semântica discursiva que agem no campo social, onde acontece toda construção discursiva e julgamentos através dos léxicos gramaticais. O subsistema de engajamento discorre das fontes, das origens das avaliações e a funcionalidade das vozes acerca das opiniões nos discursos sociais (Martin, 2000). A perspectiva funcional da GSF se diferencia do entendimento tradicional, que vê a linguagem

dissociada do uso e contexto. Por outro lado, os funcionalistas enxergam a linguagem (texto) imbricada com a sociedade (contexto). Isto é afirmado quando é possível notar a LSF como uma área e a GSF o produto desta área que compõe as categorias. Nesse sentido, a avaliatividade é um dos subsistemas da GSF que acomoda e operacionaliza as categorias de análise.

Para situar o leitor acerca das análises dos discursos coletados, que serão analisados com base na LSF, demonstraremos no quadro a seguir uma pré-análise destes discursos odiosos coletados. Divididos em temáticas, destacando nos discursos, as lexias que nos levaram à suas escolhas, como também mostraremos as categorias de análises, subsistemas e as subcategorias que a LSF propõe, de forma resumida.

Acreditamos que este quadro contendo o resumo das análises, ajudará o leitor a compreender e acompanhar as análises que tomarão como base a Linguística Sistêmico-Funcional e os discursos sociais dos recortes que formaram o corpus desta pesquisa e, deste modo, entender o objetivo da LSF no campo do sistema da avaliatividade, seus subtemas e suas categorias de análises.

Este quadro, por sua vez, representa de modo sintético a função social da Linguística Sistêmico-Funcional e suas contribuições nesta pesquisa, tanto no campo socialmente discursivo, como no campo da discursão linguística, ancorada no sistema de avaliatividade. No referido quadro, está em destaque a análise no âmbito linguístico, a partir das lexias nele apresentadas. O quadro nos mostra como a LSF funciona ativamente na sociedade, de modo a evidenciar o comportamento dos sujeitos diante de uma situação social engajada, isto é provado pelas lexias apresentadas no quadro sob uma lente julgadora de um discurso unilateral

Quadro 4: Pré-análise sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional

TEMÁTICAS DISCURSIVAS	Discurso – Lexias	Categoria de análise/Subsistema/Subcategoria
Temática Discursiva 1: Hegemonia	Revolucionários, marxista, “militante político”, covardes, “ligado a partidos de esquerda e sindicatos da vadiagem”, “gados de Paulo Freire”, vagabundos, bando, canhota parasita, hipócritas, canalhas, esquerdistas,	AVALIATIVIDADE: julgamento negativo, monoglossia, Gradação, engajamento.
Temática Discursiva 2: Segurança Sanitária	“e em duas horas fazem o plano de aula”, histéricos, “Ficar em casa recebendo é muito bom. Pode começar o mimimi”, cambada,	AVALIATIVIDADE: Julgamento por estima

	mamadores, “descobriram que ganhar dinheiro público em casa é melhor que ir ao trabalho”.	social, monoglossia, sanção social, gradação, engajamento
Temática Discursiva 3: Ideologia	Revolucionários, marxista, “militante político”, covardes, “ligado a partidos de esquerda e sindicatos da vadiagem”, “gados de Paulo Freire”, vagabundos, bando, canhota parasita, hipócritas, canalhas, esquerdistas,	AVALIATIVIDADE: Atitude - apreciação engajamento, gradação, julgamento de estima social, monoglossia,
Temática Discursiva 4: Invasão de Competência	“e em duas horas fazem o plano de aula “, histéricos, “Ficar em casa recebendo é muito bom. Pode começar o mimimi”, cambada, mamadores, “descobriram que ganhar dinheiro público em casa é melhor que ir ao trabalho”.	AVALIATIVIDADE: monoglossia, gradação, julgamento por meio do recurso sanção social, engajamento,

Fonte: Elaborado pelo autor.

3 LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA: VOZES CONVERGENTES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS CRÍTICAS

Neste capítulo, são apresentados o crescimento do ódio aos docentes e a construção de seu discurso, para isso, utilizaremos os conceitos da sociologia crítica, contextualizando com o que é apresentado à luz da literatura, visando apontar a importância desta temática para o meio acadêmico e a sociedade. Para isso, buscamos autores que trazem em seus estudos descritores como: violência, sociologia, o papel do sociólogo enquanto crítico social, discurso de ódio, docente, valorização e reconhecimento profissional do docente.

Sendo a temática abordada de relevância para o meio acadêmico, buscou-se utilizar autores de referência que abordassem de forma crítica os assuntos apresentados nesta seção da pesquisa. Sendo assim, dentre as referências de base para este capítulo, temos as vozes de autores de alguns campos teóricos, sendo estes: Filosofia, Psicologia Social e Sociologia Crítica. Salientando o lado da análise crítica dessas áreas, destacamos: Hannah Arendt, Pierre Bourdieu, Judith Butler, John Thompson, José Vicente Tavares Santos, Bárbara Novaes Medeiros, Josane Aparecida Quintão Romero Bastos e Marshall B Rosenberg, dentre outros. Será discutido a violência simbólica com base em Bourdieu, Thompson e outros teóricos que comungam da mesma discussão, por isso este capítulo trará a linguagem da violência a partir de vozes convergentes das ciências sociais e críticas.

3.1 O impacto do discurso social na vida profissional do professor no Brasil pandêmico

Ao longo dos anos, os professores têm-se configurado como uma das classes que mais sofrem com a violência e o discurso de ódio em nosso país. Nos últimos anos, posturas como essa têm se destacado e sido referendada com a ascensão de políticos de direita e extrema-direita e figuras públicas do meio musical, artísticos e alguns apresentadores, que legitimam este tipo de manifestação como liberdade de expressão. Segundo Arendt (1994), a violência é caracterizada neste tipo de conflito como um dos atributos do ser humano em que os fins correm o perigo de serem dominados pelos meios, sendo esta prática, justificada para alcançar algo por um determinado indivíduo ou grupo.

Neste sentido, tem-se o discurso de ódio cada vez mais escancarado na sociedade, sendo este repercutido fortemente na internet, já que a popularização das redes sociais deu o poder aos usuários de se expressarem de forma violenta, tendo as telas como

um escudo e garantia de impunidade. Na visão de Thompson (2011) isso se deve ao fato de a comunicação em massa tomar uma proporção enorme em sua circulação rápida no meio, na qual, muitas vezes, chega a transcender o contexto social, afetando milhares de pessoas em diversos lugares ao mesmo tempo.

Sendo assim, este discurso odioso se pulveriza em comentários agressivos em fotos, vídeos, na veiculação de imagens manipuladas e fatos distorcidos para ganhar *quórum* ao movimento perverso que visa o cancelamento⁵ de pessoas ou de grupos vulneráveis. O que acontece é que os praticantes deste tipo de discurso se utilizam do princípio da liberdade de expressão (que por sua vez é essencial para a manutenção da democracia), para agirem com falta de empatia, intolerância e desrespeito com o próximo.

Rosenberg (2006, p. 156), diz que a empatia “é a compreensão respeitosa do que os outros estão vivendo”. Sendo assim, a ausência dela faz com que alguns tratem o outro sem o enxergar de fato e com intolerância. Com isso, esses fatores acabam por afetar nossa capacidade de nos mantermos compassivos, implicando no não uso das palavras com sabedoria. Fato esse que ocorre com os que praticam os discursos de ódio, visto que para eles não importa o que vai acontecer com as pessoas a quem direcionam suas palavras e quais serão as consequências destas palavras na vida delas, atingindo profissionais que têm a função de disseminar a informação para a população, como professores, jornalistas, escritores, entre outros.

Quem pratica este tipo de discurso não se atém aos resultados dele na vida das pessoas que, diretamente, sofrem seus efeitos. Os professores sofrem, cada vez mais, com a violência física e emocional nas salas de aulas. Com a pandemia ocasionada pela Covid-19 e a prática de aulas *online*, esta situação foi agravada ainda mais, crescendo o desrespeito e descaso para com os professores, sejam estes praticados por pais, alunos, outros professores ou sociedade em geral.

A potencialização do discurso de ódio voltado para a classe dos professores, durante a pandemia não está associada a quantitativo, mas sim à vulnerabilidade social de uma minoria. Conforme defendem Moreira e Gomes (2012, p. 472) “as minorias estão identificadas ou auto identificam-se como grupos em risco elevado de sentir medo e privações já que, na maior parte dos casos, o seu poder é limitado para fazer cumprir os seus

⁵ O cancelamento não é uma novidade dentro da sociedade. O ato de julgar e condenar alguém, por alguma atitude considerada equivocada, acontecia “normalmente” desde os tempos remotos. Assim, ganhou nomes diferentes no decorrer dos séculos, mas nunca perdeu sua essência de massacrar e apontar o dedo aos erros de outro (Carvalho, 2021).

objetivos e direitos contra os grupos mais fortes ou os governos responsáveis”.

O que pode ser compreendido com o que acontece em países em guerra ou que não potencias mundiais, que é definido por Butler em sua fala sobre a violência, quando aponta que os países com menor poder bélico, sofrem quando comparados ou confrontam países que possuem superioridade tanto financeira quanto bélica, como por exemplo, grandes potencias como os EUA, o que segundo a autora, retrata o desespero e medo por aqueles que são denominados inferiores ou minorias:

Podemos até experimentar a repugnância, o luto, a ansiedade e o medo, e ter todas essas disposições emocionais ocasionando uma reflexão sobre como outros sofreram alguma violência arbitrária na mão dos Estados Unidos, mas também nos esforçando para produzir outra cultura pública e outra política nas quais sofrer violência e perdas inesperadas e responder com uma agressão não seja algo aceito como uma norma da vida política (Butler, 2019, p. 12).

É importante ressaltar que os discursos de ódio partem de uma sociedade que está mergulhada em um contexto político delicado e bastante conflitante antes mesmo da pandemia. Isso porque, em sua maioria, este tipo de discurso é praticado por uma classe dominante que quer impor suas ideias num determinado período e a um determinado grupo, colocando acima destes, suas ambições, interesses particulares e sua posição de dominação, no entanto, esses ideais não representam e não são compartilhados pela classe dominada ou classificada como inferior (Thompson, 2011).

Mediante ao contexto apresentado, entende-se que a força neste tipo de discurso foi se destacando ao longo do tempo, ganhado ainda maior repercussão com o início dos escândalos envolvendo os chamados “Mensalão” e o *Impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff⁶, sendo amplamente divulgados em rede nacional por diversas emissoras. Segundo Bourdieu (1997) os meios de comunicação em massa mostraram o seu poder e influência na política e democracia. Importantes figuras políticas contribuíram para que a violência se reverberasse nas camadas sociais com falas xenofóbicas, misóginas, machistas, intolerantes e discriminatórias que respaldadas por *Fake News*⁷ engendraram vitórias de políticos da

⁶ Um dos períodos em que foram constatados diversos discursos de ódio e difamação de um chefe político de maior poder do país e com o auxílio de grandes nomes da mídia na disseminação das notícias falsas e calúnias, mas sem provas de crime comprovado.

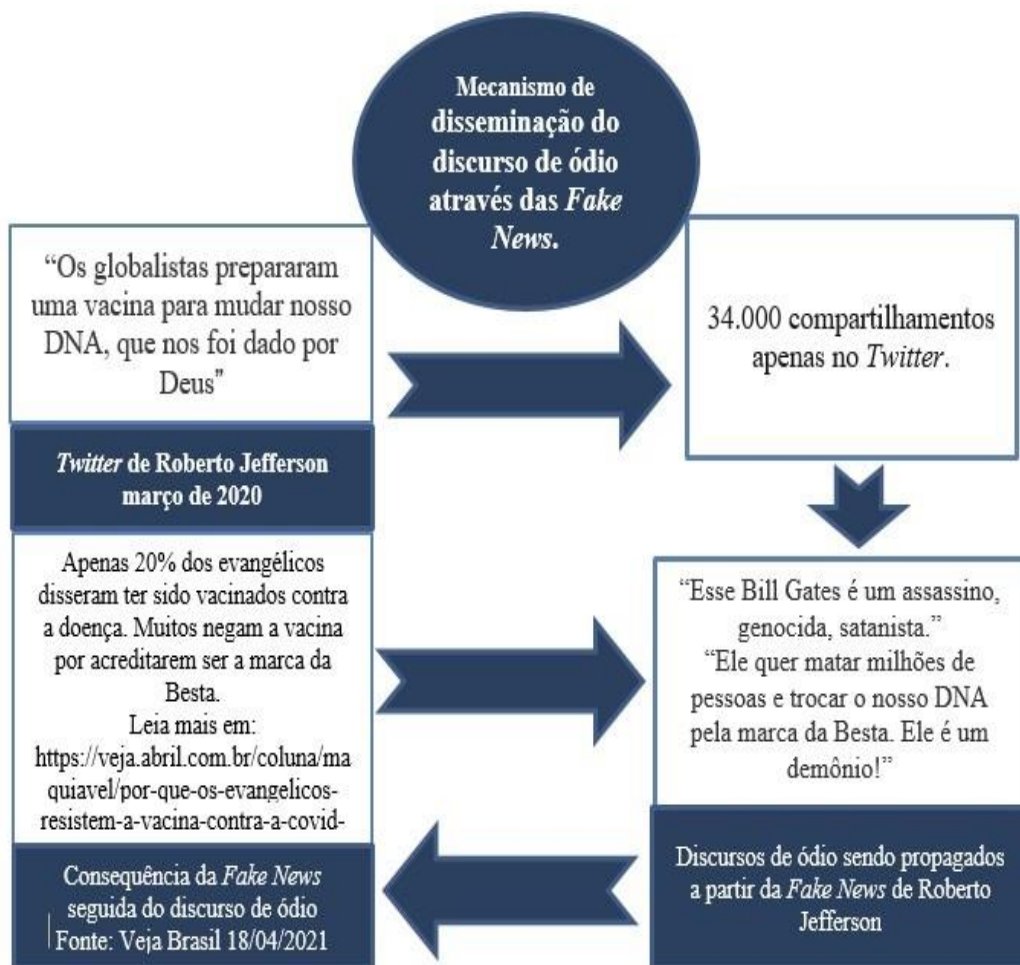
⁷ Empregado às notícias fraudulentas que circulam nas mídias sociais e na Internet, o conceito é aplicado principalmente aos portais de comunicação *online*, como redes sociais, *sites* e *blogs*, que são plataformas de fácil acesso e, portanto, mais propícias à propagação de notícias falsas, visto que qualquer cidadão tem autonomia para publicar. Acesso disponível em: <https://www.tjpr.jus.br/noticias-2-vice/>

extrema-direita, como Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos Estados Unidos.

Mediante o contexto pandêmico, por exemplo, o povo chinês foi tratado e julgado como os responsáveis diretos pela pandemia do novo coronavírus COVID-19, sendo postos em julgamento sem embasamentos sobre os seus hábitos alimentares e de higiene. Discurso este que foi arduamente incitado por chefes de Estado e parlamentares, estigmatizando inclusive de "Vírus Chinês". Sobre isso, tem-se exemplos nos quais julga-se sem neutralidade e, por muitas vezes, tirando da fala do sujeito, termos que lhe interessam, transformando-a e tirando-a do contexto original, para que assim sejam respondidas as questões do indivíduo e se encaixando assim em sua fala, fazendo com que muitos acreditem que tudo o que foi dito é de fato verdadeiro (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2007).

Disto resulta que esta prática de discursos odiosos não só alavancou, mas também levou à vitória do Presidente Bolsonaro aqui no Brasil, assim também como levou com ele um número expressivo de deputados e outros apoiadores com influência, como artistas e cantores que são alinhados com esse pensamento e que utilizam as redes sociais para arrebanhar pessoas por meio da veiculação de notícias falsas que irão fortalecer os ideários estabelecidos por eles.

A construção da violência simbólica se perpetuou com a ascensão do neoliberalismo ao poder e vem afetando vários setores sociais, dentre eles, a educação. Na área da educação, essa malfadada violência afeta especificamente os atores que ajudam a construir esse campo social tão importante, os professores. Segundo o Bourdieu (1998) a violência simbólica é enxergada como um modelo de intimidação que se sustenta no reconhecimento de uma determinada imposição, seja esta econômica, política ou social. A partir dessa discussão, refletimos que os discursos violentos, o ódio simbólico disseminado nas mídias digitais, que causam danos sociais e psicológicos, muitas vezes irreparáveis, são representações simbólicas dessa violência discutida pelo sociólogo Pierre Bourdieu, porém, seus efeitos discursivos quando refletidos no sujeito não ficam apenas na simbologia, suas consequências vão de simbólicas a literais.

Figura 3: Disseminação do discurso de ódio

Fonte: Elaborada pelo autor.

A elaboração da figura 3 traz reflexão sobre o modo como os discursos de ódio atingem as mais variadas camadas sociais, porém, atravessa de forma mais latente os grupos que são conhecidos por não confrontarem saberes, seguindo cegamente seu líder, visto que, nesse meio social, a veracidade das informações dificilmente será confrontada em virtude de muitos não possuírem compreensão acerca dos assuntos tratados pela falta de acesso às informações de fontes fidedignas. Fato esse que é afirmado por Mello (2020) quando aponta que:

Na versão moderna do autoritarismo — em que governantes não rasgam a Constituição nem dão golpes de Estado clássicos, mas corroem as instituições por dentro —, não é necessário censurar a internet. Nas “democracias iliberais”, segundo o vernáculo do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, basta inundar as redes sociais e os grupos de WhatsApp com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade — e abafe as outras narrativas, inclusive e sobretudo as reais

(Mello, 2020, p. 18).

E, partindo desse pressuposto, pode-se também refletir o quanto se faz importante enfraquecer grupos que podem ser uma ameaça às *Fakes News*, portanto, se torna imprescindível atacá-los com discursos de ódio como alguns médicos, jornalistas, cientistas, professores e outros profissionais que ajudam a propagar informações verdadeiras. O foco nos próximos tópicos será justamente sobre este último: coletivo de professores. É importante abrir a discussão para falar como a figura docente foi atacada e diminuída no contexto de pandemia, no qual sua prática passou a ser questionada e sua formação relativizada como ação simples e fácil.

Ao se falar sobre discurso de ódio, se faz necessário falar sobre direitos humanos. A Organização das Nações Unidas traz em seu artigo II que:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição (Organização das Nações Unidas, 1948).

Ou ainda, direitos humanos são:

direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição”, incluindo “o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre e muitos outros. Todos merecem estes direitos, sem discriminação (Organização das Nações Unidas, 1948).

Percebe-se que, nestas definições, os direitos humanos são garantias de todos os indivíduos e não apenas de alguns. Isso, por sua vez, vai contra o discurso de ódio, que segrega, polariza e fere diretamente os direitos das pessoas que são assegurados por lei. Vimos uma ilustração que mostra como a *Fake News*, após disseminada por líderes políticos, principalmente aqueles ligados ao neoliberalismo, por intermédio das redes sociais, alimenta os discursos de ódio que causam consequências graves à população, principalmente aos grupos minoritarizados. O que na visão de Thompson (2011) pode ocorrer pelo fato de mesmo sendo importante, a comunicação em massa ainda não possui o destaque que merece no cenário literário da teoria social política.

3.2 A construção discursiva do ódio contra o professor das escolas públicas brasileiras

Em seu contexto, a violência é tratada por Bourdieu (1998) como simbólica, sendo vista ainda como a forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada em sua maioria pela figura masculina, seja esta econômica, social ou simbólica. Noutro viés, Arendt (1970), mostra a violência como um fenômeno não apenas diferente do poder, mas também que sobressai em momentos em que há limitação deste. Antes de entrarmos, de fato, no discurso de ódio contra o professor, é importante compreender o espaço escolar e a sua contribuição para a construção da sociedade brasileira.

Antes da pandemia, o docente já vinha sendo alvo de inúmeros ataques nas redes sociais pelo conservadorismo⁸ brasileiro, apresentando a figura deste como doutrinador e serviçais do Comunismo⁹, o que motivou uma enxurrada de discursos de violência contra o profissional docente.

Estas denominações e alguns fenômenos sociais trouxeram influências para a imagem do docente e uma depreciação perante a sociedade, tirando-o de um posto de importância enquanto disseminador do conhecimento, para um simples doutrinador de mentiras e práticas comunistas (Medeiros; Siqueira, 2019). O que para Bastos (2009) fez com que desencadeasse em muitos profissionais processos de adoecimentos, principalmente levando-se em consideração o tratamento desprezado ao professor, como também pelas condições de trabalho a que ele é alocado, o que é culminado com a valorização social que o educador hoje tem no país, somado ao temor por atos de violência nas instituições escolares e o clima de competição entre colegas profissionais.

Assim, percebemos que violência simbólica é exercida em todos os meios sociais e na *internet* não é diferente, já que é a sociedade compartilha dos mesmos espaços e redes. Bourdieu (1998) diz que a violência simbólica acontece também no espaço escolar, lugar que vem servindo para a manutenção dos privilégios da classe dominante, não sendo um

⁸ O conservadorismo se constitui como ideologia e estratégia política das classes dominantes no período da modernidade, coincidindo com o início da Revolução Francesa. Em princípio, definia-se como reação aristocrática contra as novas formas políticas, culturais e econômicas produzidas pela formação e consolidação do capitalismo. Após as revoluções de 1848, o conservadorismo aderiu ao capitalismo, consolidando, junto com o liberalismo, uma concepção de mundo e uma autoimagem correspondentes à condição de dominação de classe (Souza; Oliveira, 2018, p. 1).

⁹ O **comunismo** é a superação da alienação, cuja manifestação é caracteristicamente pertencente ao sistema da propriedade privada, ou seja, o comunismo é um horizonte em formação, mas, simultaneamente, o próprio processo dinâmico (não necessário ou predeterminado) através do qual a realidade histórica humana emerge (Schorn; Schültz, 2014, p. 103-104).

espaço para a formação de cidadãos críticos conhecedores dos seus direitos e deveres.

Neste sentido, Bourdieu (2005) afirma que:

A violência simbólica incide em um abuso que se pratica com a conivência implícita dos que a toleram e também, com constância, dos que a praticam, de modo que alguns são inconscientes de que estão praticando ou sofrendo esta violência. Logo, a violência simbólica é uma violência velada, conferindo poderes. Tal violência não pode ser usada involuntariamente, pois não é um tipo distinto de violência. Ela é violência física disfarçada, camuflada e encoberta (Bourdieu, 2005, p. 22).

Na perspectiva de Bourdieu (1992), a escola não seria uma instituição imparcial, neutra, mas um lugar que seleciona os mais talentosos a partir de critérios objetivos. Ele questiona a neutralidade da escola e do conhecimento escolar. Na verdade, o que essa escola cobra dos alunos são os gostos, as crenças, os valores e as posturas dos grupos dominantes, tida como cultura universal. A cultura e a herança familiar que os constituem como indivíduos e de um grupo social são desvalorizadas pela escola, pois não são consideradas legítimas.

Segundo Judith Butler, “O uso arbitrário do poder se manifesta no uso do contraditório da jurisprudência sobre o discurso de ódio para promover objetivos políticos conservadores e frustrar os esforços progressistas” (Butler, 2021, p. 109). A autora mostra o desafio perigoso de se confiar no Estado e destaca a ambivalência do discurso de ódio que tem sido açoitado contra a sociedade, especificamente em desfavor dos grupos minoritarizados, na maioria das vezes como recursos de silenciamento desses grupos.

Por esse pensamento fica claro que a nossa preocupação deve centrar não tão somente nos discursos de ódio, mas, principalmente, nas utilizações das estratégias do contraditório por parte desse poder, que tenta desestabilizar e oprimir para poder controlar a massa e deslegitimar os discursos dessa mesma massa minoritarizada. Essa discussão figura o ódio contra os professores impressa nas falas das autoridades citadas, que usam um discurso de ataque a partir de um tribunal digital que eles mesmo criaram, ou seja, um tribunal paralelo que os beneficie.

A máxima que fica é a reflexão sobre o quanto a própria instituição escolar vem corroborando, historicamente, para que, hoje, tenhamos uma sociedade tão combativa, violenta e opressora. Bourdieu (1998), analisa a escola como uma produtora de violência e que tem como premissa tratar todos por iguais, o que acaba desfavorecendo os já desfavorecidos e favorecendo os que já são bastante favorecidos socialmente:

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais (Bourdieu, 1998, p. 53).

Quando se trata de escola pública, fica ainda mais evidente o quanto este aparelho educacional funciona para que os estudantes de contexto vulnerável não ascendam socialmente, já que são espaços com baixas estruturas físicas e pedagógicas. Grande evidência disto foi o fechamento massivo das escolas na pandemia. Diversas escolas espalhadas nas cinco regiões do país desvelaram a sua má condição, em diversos âmbitos, que já existiam há anos. Mesmo após a flexibilização, ainda há escolas que não retornaram presencialmente por não ter como atender sua demanda, ficando de portas fechadas para sua comunidade (Santos, Napolitano, Vasconcelos, 2021).

Para aqueles que são assistidos, nestes espaços escolares, fica uma linha tênue entre os que conseguem enxergar o quanto estão sendo oprimidos por um sistema que é altamente perverso. Muitos vão, infelizmente, engrandecer ainda o mais o discurso do opressor que o manipula, justamente para que o seu discurso cause o efeito explosivo nas camadas mais pobres da sociedade. Entender a escola como um espaço violento nos ajuda a identificar determinados comportamentos sociais, pois a escola é a reprodução do meio. Bourdieu (1998) acredita que os indivíduos, por meio de suas escolhas e ações, reproduzem as instituições sociais. Os indivíduos não reproduzem de forma consciente, mas sim, reproduzem condutas costumeiras.

Durante a pandemia, evidenciou-se que determinados corpos foram escolhidos para serem agredidos com xingamentos e ameaças. O professor da escola pública sentiu e ainda sente a desvalorização do seu trabalho e a sua desumanização. Na educação, desvelou as reais condições de trabalho dos professores e as estruturas das escolas públicas brasileiras. Santos, Vasconcelos e Napolitano (2021), apontam para o modo como as fragilidades que já existiam na educação se potencializaram no período pandêmico e como os professores, por sua vez, também foram e ainda são atravessados por esses problemas que consomem o ecossistema educacional há muito tempo.

Diante desta nova visibilidade de trabalho, mesmo que turva, os professores foram desafiados a se reinventarem para lecionar dentro das condições que as suas escolas ofereciam. O novo passou a fazer parte da prática docente, como a utilização de aparatos

tecnológicos, redes sociais como ferramenta de ensino e alto tempo dedicado a planejamento e construção de recursos para as aulas remotas. Muitos necessitando financiar suas atividades com recursos próprios.

A pandemia impactou diversos setores profissionais e não seria diferente com o setor educacional, além das escolas terem sido fechadas, por recomendações das autoridades sanitárias, e da necessidade de *lockdown*, o que gerou o distanciamento social. No Brasil, mais de 48 milhões de alunos da rede básica tiveram suas rotinas escolares modificadas, com isso, os mais de 2,2 milhões de docentes também precisaram se adaptar às novas condições¹⁰ de uma rotina incerta e preocupante. Sob estas condições, os professores viram suas redes sociais, consumidas por discursos de ódios, seus números pessoais sendo publicados e usados para direcionamentos ofensivos e desrespeitosos, numa inversão total dos valores.

Pode-se afirmar que foi neste período pandêmico que as ofensas e discursos de ódio direcionados à classe docente se tornaram mais constantes e contundentes. Estas praticadas, principalmente, por alguns políticos da extrema-direita, que com seu poder de influência incentivaram com seus discursos empresários, pais dos alunos e boa parte da sociedade, na tentativa de legitimar a naturalização deste tipo de ato contra aqueles que estão, no âmbito escolar, para ministrar o conhecimento.

Para Bourdieu (2002) vê-se também como uma relação de dominação, principalmente quando inserido o contexto familiar, na qual essa relação é bem visível na unidade doméstica, devendo ser combatida, principalmente, com o auxílio e a presença do discurso feminista, visto que este contribui com a quebra da padronização do tradicional, que tem na figura patriarcal o cerne da composição familiar. Já na área escolar, segundo o autor, é local de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro do mesmo universo, devendo a escola ser o campo de ação que se vai contra esse papel autoritário e adota seu papel original, e no meio das lutas políticas, vai contra todas as formas de dominação.

Essa dominação e o discurso de ódio que atingem os professores, atualmente, é também legitimada para os próprios discentes por aqueles que deveriam mostrar que este tipo de comportamento é errado e prejudicial. Dentre as falas mais disseminadas tem-se a

¹⁰ Dados do Instituto Península - Núcleo de Estudos e Pesquisas do Instituto Península tem o objetivo de consolidar e desenvolver conhecimentos sobre a docência, considerando a importância da profissão para a garantia da aprendizagem de todos os alunos brasileiros. Somos um núcleo de pesquisa “mão na massa” que privilegia as análises de campo sobre os professores, propondo caminhos que façam sentido tanto para eles quanto para o contexto no qual se inserem as escolas. Disponível em <https://www.institutopeninsula.org.br/>, Acesso em: 21Maio.2022.

questão das aulas *online* em que muitos associavam o pouco tempo de aula gravada como o tempo despendido pelo docente no trabalho executado; apontavam ainda o quanto os professores estavam ociosos com as aulas remotas, ganhando, segundo eles, para ficarem em casa sem fazer nada. Este tipo de comentário foi bastante salientado por políticos e cidadãos ditos “conservadores”. Levando-se em conta esta situação, podemos atualizar a fala de Arendt (1970) quando destaca que:

Somente nesses períodos violentos a história mostra sua verdadeira face e dissipa a névoa da mera conversa ideológica e hipócrita. Mais uma vez, o desafio à tradição é claro. A violência é tradicionalmente a *Ultima Ratio*¹¹ nas relações entre as nações e a mais vergonhosa das ações domésticas, sendo sempre considerada a característica marcante da tirania (Arendt, 1970, p. 46).

Sobre isto, Thompson (2011) destaca que o surgimento e a queda das ideologias fazem parte das fases do drama histórico encenado de forma simbólica pelas sociedades modernas, desde o seu surgimento na Europa do século XVIII até os dias atuais. A partir deste pressuposto, Arendt (1970) defende um conceito de “pluralismo” em que, no âmbito político, tenha-se um potencial de uma liberdade e igualdade política, gerando entre as pessoas uma perspectiva da inclusão do outro.

3.3 Da romantização do trabalho docente à invasão de competência do professor da escola pública

Antes da pandemia, a profissão docente era romantizada perante a sociedade, tendo no cerne o professor e como atribuição a ele três valores: valor messiânico, valor parcial e valor indiferente (Zica, 2020). Segundo a autora, o valor messiânico está atrelado a ser professor como uma missão e, nesse conceito, parece desvincular a profissão de um profissional acadêmico, um trabalhador; o valor parcial está naquela máxima que tanto ouvimos e vimos nas mídias digitais quando as aulas remotas foram estabelecidas, que ser professor é fácil, trabalha pouco, tem duas férias por ano; o indiferente está na invisibilidade do trabalho docente, que por mais que façamos um bom trabalho, não somos reconhecidos, que professor deve trabalhar por amor, não pensando em salário, ou seja, a invisibilidade social do docente o jogou à margem social e o inseriu nos grupos de vulnerabilidade,

¹¹ “Última Razão” ou “último recurso”. É uma expressão com origem no Latim e frequentemente empregada no Direito. ULTIMA RATIO. **Significados**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/ultima-ratio/>. Acesso em: 04 jun. 2022.

principalmente, no tempo pandêmico, no qual o vírus não fez distinção de grupo, colocando todos num só sofrimento (Santos, 2020).

Atualmente, não existe a chamada romantização da profissão tão acentuada como antes, porque o docente, hoje em dia, é demonizado por alguns políticos e grupos de extrema direita, que os taxam de doutrinadores, comunistas e pelo neologismo esquerdopatas. Essa situação só piorou com a chegada da Covid-19 e a necessidade da instituição das aulas remotas, ou seja, hoje a profissão professor, ironicamente, passou de romantizada a endemonizada, o que motivou, erroneamente, o ódio simbólico nas mídias digitais contra a classe de professores, por meio do poder simbólico (Bourdieu, 2010).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 11 de março de 2020, que a Covid-19 havia se tornado uma pandemia. Nesse período, o Brasil contava com cerca de 50 casos confirmados, mas o aumento significativo do número de contaminados pelo vírus levou à suspensão das aulas. Em maio de 2020¹², de acordo com a OMS, o Brasil ultrapassou 500 mil casos confirmados e mais de 29 mil óbitos decorrentes da Covid-19 (Sanar Saúde, 2020).

Esse contexto mundial afetou muitos países e provocou o fechamento das instituições escolares por meio de decretos. Sem poder ir presencialmente às escolas, os professores fizeram esforços excepcionais para suprir as faltas de recursos adequados nas escolas e/ou o acesso dos estudantes às aulas remotas. Práticas vistas como heroicas e desbravadoras são utilizadas como ponto de partida para cobrar de outros professores as mesmas posturas. Professores pedalando quilômetros, fazendo gastos de recursos próprios para trabalhar, atravessando rios retratam o heroico e desbravado professor que carrega em seus ombros a corresponsabilização de muitos. As circulações destas práticas foram veiculadas em diversas plataformas midiáticas, a fim de engrandecer a prática docente e o papel do professor (Silva, 2021).

Contudo, é preciso refletir sobre esses discursos romantizados que se tornam gatilhos para discursos de ódios e não contribuem para uma discussão crítica do real problema. Santos (2020, p 1) aponta que “a irrupção de uma pandemia não se compagina com esta morosidade. Exige mudanças drásticas. E, de repente, elas tornam-se possíveis como se sempre o tivessem sido.” Parafraseando, docência não compagina com amorosidade. O discurso do alto volume de trabalho, sem descanso e remuneração se

¹² Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 30 jul. 2022.

normalizou durante a pandemia, sendo justificado que o professor trabalha por amor e missão.

Existe um debate nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade, de funcionamento corrente, ou em situações excepcionais, de crise (Sousa Santos, 2020, p. 1).

O fato é que, em vez de aplausos individuais para esses professores que buscaram de alguma forma suprir com a escassez de recursos para trabalhar com dignidade, uma sociedade consciente da importância do papel do professor deve exigir melhores condições para que as escolas, os professores e os estudantes tenham garantias para atuarem inclusive em tempos de crises. As escolas fecharam e os professores logo se mobilizaram para pensar em estratégias para atuarem no ambiente virtual, remotamente: Espaços de casa se tornaram sala de aula, aparelhos tecnológicos passaram a ser recursos didáticos, horas e mais horas de planejamentos. Apesar de tamanha entrega, não foi tão difundido nas redes sociais estas ações, mas sim, fatos isolados de heroísmo. A consequência foi que professores passaram a ser comparados e atacados. *Isso que é professor! Que tenhamos mais professores assim! Com amor a educação dá certo. Os professores do meu filho não querem nada...*¹³

A partir dos discursos odiosos nas mídias digitais contra eles, tonaram-se grupos ainda mais vulneráveis, sofrendo inúmeras tentativas de invasão das suas competências. Para compreensão de competência, o MEC traz uma nova versão dos Referenciais para a Formação de Professores (Brasil, 2002b) definindo competência e relacionando-a aos saberes e às situações complexas:

Capacidade de mobilizar recursos, entre os quais os conhecimentos teóricos e experienciais da vida profissional e pessoal, para responder às diferentes demandas das situações de trabalho. Apoia-se, portanto, no domínio de saberes, mas não apenas dos saberes teóricos, e refere-se à atuação em situações complexas (Brasil, 2002b, p. 61).

Isso porque suas funções profissionais foram colocadas em xeque por determinados grupos alocados nas mídias digitais, com o intuito de deslegitimar a identidade

¹³ Declarações de pessoas que se sentem contempladas com o trabalho de professores que se desdobram para acessar seus alunos. Podem ser encontradas estas e outras declarações nas páginas de *Facebook* Diário do Professor <https://pt-br.facebook.com/BlogDiarioDoProfessor/> acessado em 22 Maio.2022 e na página Dever de Classe <https://www.facebook.com/deverdeclassemundo/> acesso em: 22 Maio.2022.

docente e suas atividades de trabalho, jogando, dessa maneira desvalida, a sociedade contra os profissionais do magistério. O que na visão bourdieuniana, parte da necessidade de compreender com maior profundidade a constituição da prática docente e sua articulação com a teoria, possibilitando melhor estruturar processos formativos que levem em conta a lógica interna da ação profissional em um contexto social e institucional (Bourdieu, 2007).

Neste sentido, a definição de competência traz consigo uma importante carga social, abordando a prática profissional dos professores e reforçando os saberes plurais e temporais, considerados estratégicos. Esses saberes são ainda pouco explorados como um conjunto de conhecimentos direcionados ao saber-fazer e de experiências adquiridas – pensando-se ainda em sua aplicação e reflexão como competências sociais e ambientais – sendo, atualmente, incorporados na prática educacional sem serem produzidos ou legitimados para este fim (Tardif, 2014). Perrenoud (1999) apresenta uma lista de competências necessárias aos professores para ensinar com base na sua teoria. São elas:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
2. Administrar a progressão das aprendizagens;
3. Conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação;
4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
5. Trabalhar em equipe;
6. Participar da administração escolar;
7. Informar e envolver os pais;
8. Utilizar novas tecnologias;
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
10. Administrar a própria formação (Perrenoud, 1999, p. 29).

Passar por essas conceituações sobre competência é importante, para que se faça uma leitura primorosa sobre a invasão de competência que se fortaleceu dentro do recorte histórico brasileiro: o período da pandemia que gerou o fechamento das escolas. Nesse contexto, nos questionemos “Qual foi a abertura dada para que pessoas não formadas em licenciaturas pudessem, de alguma forma, “ditar” como o professor tem que trabalhar, como se não houvesse uma sistematização do trabalho docente? Diante dessa tentativa de problematização, destacamos que as perguntas que são/serão lançadas no corpo deste trabalho possuem natureza retórica, isto é, não esperamos e tampouco iremos respondê-las, mas são colocadas a fim de gerar inquietações e possíveis direcionamentos reflexivos.

A partir dessas narrativas, o profissional docente teve seu profissionalismo questionado inúmeras vezes, principalmente com as aulas remotas, que foi o período em que as críticas aos métodos de ensino foram mais questionadas. Partindo do pressuposto de que

o professor pode dar aula qualquer dia e horário e ter todas as possíveis estratégias para atender a demanda escolar de acordo com o gosto de cada um, não fazendo a correlação entre teoria e prática, mas sim um trabalho de improviso.

Além disso, a pandemia evidenciou muitas falhas do sistema educacional, a sociedade passou a ver de mais perto as deficiências. Porém, por não ser uma práxis de integrar a sociedade para pensar junto sobre uma escola melhor, democrática e que garanta os direitos de todos, as discussões para uma educação pública de qualidade perderam o lugar para ameaças e discursos de ódio contra o professor que passou a ser extremamente marginalizado. "Para eles tá bom ficar em casa", disse o presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, afirmando ainda em sua fala que os sindicatos de "quase todo" o Brasil é de "esquerda radical"¹⁴.

Esse discurso de desvalorização da classe, sendo proferido por uma figura tão importante como o Presidente da República¹⁵ em uma *live*, que milhões de brasileiros¹⁶ acessam, fez com que muitos se sentissem contemplados com o discurso e encorajados para tomarem atitudes com as próprias mãos. Como, por exemplo, a “Escola sem Partido” que coordenou uma vistoria nas aulas, dando dicas para que pais e responsáveis identifiquem nas aulas remotas “conteúdos doutrinadores”, dizendo que precisam tomar cuidado com “militantes disfarçados de professores” e tudo se transforma em um grande campo de batalha. Assim:

Se você sente que seus professores ou os professores dos seus filhos estão comprometidos com uma visão unilateral, preconceituosa ou tendenciosa das questões políticas e sociais; se percebe que outros enfoques são por eles desqualificados ou ridicularizados e que suas atitudes, em sala de aula, propiciam a formação uma atmosfera de intimidação incompatível com a busca do conhecimento; se observa que estão engajados na execução de um projeto de engenharia social, que supõe a implementação de uma nova escala de valores, envie-nos uma mensagem relatando sua experiência (acompanhada, se possível, de elementos que possam comprová-la) (Escola Sem Partido)¹⁷

¹⁴ Declaração dada pelo Presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro em sua *live* que aconteceu em 17/09/2020. Nesta Live o presidente culpabiliza os sindicatos dos professores e os próprios docentes pelo não retorno das aulas presenciais da escola. Detalhes desta live pode ser acessado em <https://revistaforum.com.br/politica/2020/9/17/bolsonaro-ataca-professores-diz-que-eles-no-querem-trabalhar-82727.html> - site da Revista Fórum visitado em 22/05/2022.

¹⁵ Live transmitida no dia 17/09/2020 no link <https://www.youtube.com/watch?v=sBbzMxwEeNg>.

¹⁶ A *live* presidencial do dia 17/09/2020 conta com mais de 110.866 visualizações no Youtube e pode ser acessada através do link <https://www.youtube.com/watch?v=sBbzMxwEeNg>. Assistido em 22/05/2022.

¹⁷ Escola sem Partido - Atuando desde 2004, o Movimento Escola sem Partido é reconhecido nacionalmente como a mais importante e consistente iniciativa contra o uso das escolas e universidades para fins de

É um dado importante essa informação acerca desta temática, posto que a Escola sem partido e outros projetos que apoiam uma educação conservadora não surgiram com o governo de Jair Bolsonaro, são movimentos sociais que existem há muitos anos, porém, que ganhou força e maior visibilidade a partir de 2018, visto que possuem pautas alinhadas com o programa de governo apresentado pelo presidente.¹⁸

Para estes impositores, os professores precisam se limitar a práticas tradicionais de ensino, das quais não se busca fazer uma leitura de mundo que é tão defendido por Paulo Freire¹⁹, educador fortemente criticado por conservadores e liberais. Essa fixação pela perseguição dos professores ficou ainda mais latente na pandemia, nas quais falas depreciativas foram propagadas, visando atingir docentes de todo Brasil, com o argumento deliberado de “liberdade de expressão”.

Esses discursos de ódio se constroem sustentados por *Fake News*, cuja repercussão acaba por desconstruir a figura do professor em seu papel importante para construção de uma sociedade melhor. Neste sentido, Bourdieu e Passeron (1992) destacam acerca da necessidade que as sociedades têm de se reproduzirem²⁰ e sobre o papel da escola enquanto um dos principais agentes neste processo. Com isso, cabe também à escola e sociedade em geral (incluindo os políticos nesse rol) incutir nos indivíduos a problemática que trazem os discursos de ódio para a classe docente.

Destaque-se que esses fatos ocorrem em instituições educacionais, públicas e privadas, sendo a prática de ensino, muitas vezes, reduzida a um conteudismo descontextualizado das práticas sociais. Concomitantemente a esse modelo conservador de ensinar, o discurso elitista é pouco questionado, e a diversidade sociocultural é tratada de

propaganda ideológica, política e partidária. Definição encontrada no Site do Escola sem Partido <http://www.escolasempartido.org/> acesso em: 22 Maio.2022.

¹⁸Programa de Governo do presidente pode ser acessado em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/programa_bolsonaro.pdf . São slides com pontuações sobre os seus projetos para várias temáticas. No campo Educação está “Conteúdo e método de ensino precisam ser mudados. Mais matemática, ciências e português, SEM DOUTRINAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO PRECOCE. Além disso, a prioridade inicial precisa ser a educação básica e o ensino médio / técnico.” Acesso em: 22 maio.2022.

¹⁹ Paulo Freire foi um educador e pedagogo pernambucano que ganhou atenção na década de 1950. Ele recebeu o título de Patrono da Educação Brasileira em 2012 e foi o brasileiro mais homenageado da história por títulos de Doutor Honoris Causa (título de doutor concedido por causa de honra por universidades a pessoas eminentes, que não necessariamente sejam portadoras de uma graduação acadêmica, mas que se destacaram em determinada área). O educador recebeu 48 desses títulos de universidades brasileiras e estrangeiras, além de ser indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 1995 e ganhar o prêmio de Educação para a Paz da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura (UNESCO) em 1986. Mais informações podem ser acessadas no site do Instituto Paulo Freire <https://www.paulofreire.org/>. Visita feita em 22/05/2022.

²⁰ Reprodução social é análoga à biológica.

modo essencialmente folclórico, estereotipado e fragmentado, desconsiderando a profundidade e os mecanismos históricos, políticos e sociais de formação e de exclusão de identidades pelo docente (Canen, 2002; Connell, 1995).

As falas proferidas nos discursos de ódio reduzem todo o trabalho e formação docente a um serviço trivial e que qualquer um pode realizar. Além disso, opinam na forma como o professor deve atuar dentro das salas de aulas. Essa invasão de competências fica nítida nas redes sociais, onde constatamos várias “orientações de *experts*”, que opinam como o docente deveria conduzir suas aulas. Entretanto, esses que se autointitulam “especialistas e doutores” em educação não têm formação pedagógica.

3.4 Vulnerabilidades da classe docente e os discursos de controle

Bourdieu e Passeron (1992) apresentam a escola como uma instituição que difere do que a sociedade determina e pelo que é ditado por classe, origem e gênero, posto que vivemos em uma sociedade hierarquizada e injusta, onde nem todos possuem uma bagagem letrada que se aproprie e identifique os ensinamentos escolares, além de existir um certo profetismo de caráter sociológico inexorável, que vai contra os tempos atuais e onde as relações educativas e socializadoras são relações de comunicação.

Podendo-se citar, como exemplo, as atuais eleições para a presidência no Brasil e Estados Unidos da América, que mostrou como as falas, ditas por determinadas autoridades, ganham força, mesmo que estas não estejam de acordo com a Constituição do país. O que se aproxima em similaridade, com a cultura escolar e a cultura dos grupos sociais dominantes, que por muitas gerações acumulam conhecimentos acumulados pela escola, mas que nem sempre os expressa de forma justa (Bourdieu, 2007).

Alguns discursos proferidos incentivam e doutrina as crianças e jovens a seguir um determinado lado político, gênero ou religião usando, em muitos casos, o nome de Deus. Esse contexto pode ser configurado como violência difusa e uma questão social, resultando em um conjunto de questões de cunho sociológico que podem ter significados diversos a depender do meio social e cultural do país (Santos, 2002).

Quando situado no espaço escolar, percebe-se que a cada dia são mais urgentes as medidas de proteção para a prática docente, visto que a violência nestes ambientes se tornou uma constante a ponto de ter casos de homicídios contra os profissionais de educação, tornando-os parte integrantes dos grupos vulneráveis (Bastos, 2009).

Nos últimos três anos, período de ascensão do governo passado, a perseguição aos professores, em razão dos discursos de ódio, fez com que alguns superiores, colegas, discentes e seus pais ou responsáveis acreditassem estavam legitimados os conflitos, discursos e perseguições aos professores. Com esse pensamento, estas pessoas se valem do direito dado por esses discursos feitos por membros do parlamento da direita conservadora e, sem refletir, atacam, agredem e injuriam. Com isso, faz-se importante refletir sobre o conceito da ação pedagógica como prática de violência simbólica de aceitação de imposições culturais e as relações de força que são ocultas em forma de relações simbólicas (Bourdieu; Passeron, 1992).

Ainda neste contexto que aborda a violência e o conflito no cotidiano escolar, Bauman (1998) destaca que, dentre os conflitos sociais atuais que corroboram com as perseguições sofridas pelos docentes e que assolam o espaço de ensino, estão os fenômenos de violência difusa no cotidiano, que demonstram uma inter-relação entre mal-estar, violência simbólica e sentimento de insegurança: um tempo de medo líquido.

Santos (2009) propõe a configuração da sociologia da conflitualidade, já que:

Trata-se de um paradigma explicativo que tem como projeto a compreensão de práticas sociais consideradas violentas próprias da sociedade contemporânea: violência política, violência costumeira, violência de gênero, violência sexual, racista, ecológica, simbólica e violência na escola, entre outras (Santos, 2009, p. 395).

Neste sentido, nota-se que o autor faz apontamentos que nos leva a questionar o fortalecimento do controle social que é feito, seja ele formal ou informal, no que se refere à solidificação da violência de forma intensificada em nossa sociedade. Corroborando com este pensamento, trazemos a autora Arendt (1970, p. 9) que destaca que a violência e sua glorificação se explicam pela rígida frustração da capacidade de agir no mundo contemporâneo, que tem “suas raízes na burocratização da vida pública, na vulnerabilidade dos grandes sistemas e na monopolização do poder, que seca as autênticas fontes criativas”.

Essa produção tem sido devidamente incorporada nos discursos sobre a função e desafios da escola contemporânea, que é sustentado pela posição que a escola hoje precisa ter em benefício aos grupos desfavorecidos, ou seja, a escola tem que se atentar com a relação estabelecida entre globalização e seus efeitos internos e que os currículos escolares são artefatos que acabam sendo reflexo das mudanças sociais (Carneiro; Maletta; Xavier, 2008).

Isso é o que ocorre atualmente com a desvalorização do papel do professor

enquanto mediador e transmissor do conhecimento. O professor é visto como vilão por determinados grupos da sociedade e colocado à margem enquanto educador, tirando dele um papel importante e que é tão valorizado em outros países, fazendo com que cada vez mais ele entre para o rol dos grupos minoritarizados do nosso país.

Vale ainda lembrar que os conflitos entre docente e direção da escola também são prejudiciais, ao ponto de muitos professores se sentirem afetados emocionalmente, visto que em alguns casos gera perseguição, assédio moral (Bastos, 2009).

O decréscimo do poder pela carência da capacidade de agir em conjunto é um convite à violência, visto que, aqueles que perdem esta capacidade, sentem cada vez mais o poder escapar de suas mãos, assim como percebe-se a ineficiência generalizada da polícia, seja no Brasil, EUA e na Europa, em que, se é visto acompanhada pelo crescimento da brutalidade policial (Arendt, 1970) o que é observado nas manifestações pacíficas e greves da classe docente, nas quais muitos profissionais sofrem agressões desnecessárias do corpo policial.

Essa brutalidade policial é observada quando há manifestações por melhores condições de trabalho e aumento de salário por parte dos professores. Nessas situações, eles são tratados como “marginais” e não trabalhadores que buscam melhorias em seu ambiente laboral, assim como os próprios policiais buscam. A partir desta didática, tem-se a meta da atitude teórica e metodológica supracitada por Santos (2009) como forma de compreender e conhecer as práticas de violência presentes, por exemplo, na sociedade brasileira; sociedade esta que é definida pela existência de uma “cidadania dilacerada²¹”. Além disso, os problemas sociais que persistem ao longo da história, como crime e violência, assim como da sociologia de conflitos, que busca fazer uma reconstrução do significado sociológico das questões sociais, por meio da concepção vinda dessa sociologia conflituosa, clássica e contemporânea.

De acordo com Negri e Souza (2008) o sistema de educação com essas características torna-se prejudicial não apenas aos alunos, mas principalmente aos professores que, ultimamente, tornaram-se parte integrante dos grupos vulneráveis, uma vez que a formação alheia às diversidades tem como efeito o aumento de casos de conflito, que resulta em outros com aspectos negativos, como o aumento de ocorrência de profissionais

²¹ Esse termo evoca noção da crescente violência física na sociedade, mediante vários processos de laceração do corpo – a violência doméstica, a violência sexual, a violência criminal e a violência política –, o que compromete mesmo as possibilidades de construção da cidadania (Santos, Machado, 2019, p. 111).

doentes, com alto nível de estresse, depressão, além de outros danos emocionais e processos de ansiedade, angústia, desânimo e apatia.

Dentro desse contexto, o envolvimento emocional do profissional, junto ao sentimento de desvalorização e a frustração com a omissão e descaso dos pais e responsáveis pelos alunos, gera um ápice que leva o professor, muitas vezes, a desistir da prática docente, por se sentir sozinho e vulnerável, uma vez que a rede de apoio para eles é inexistente (Bastos, 2009).

Dentre estes aspectos, temos a frustração com o desempenho escolar dos alunos, a sobrecarga de trabalho (as várias jornadas de trabalho para suprir os baixos salários), a insatisfação e a diversidade na função social (por vezes, o professor assume o papel de “pais” e conselheiros dos alunos), a função social da escola (políticas alimentadas por certos grupos do governo limitam o papel do professor), a violência nas instituições escolares e a falta de segurança (tem aumentado cada vez mais os índices de violência e agressão escolar, hoje tendo o professor como alvo principal), controle do processo pedagógico na escola (o professor aqui é podado em seu papel, tendo, por vezes, que seguir determinada diretriz pré-estabelecida por um governo ou gestão escolar), o que acaba por desmotivar, ao mesmo tempo em que empodera os discursos violentos, sem ao menos pensar no que vai resultar na vida do profissional.

3.5 O discurso violento e suas consequências na vida do professor

A violência, como apresentado por Bourdieu (2010) e Arendt (1970) possui várias vertentes, sendo caracterizada pelos autores como simbólica ou como um fenômeno que se sobressai ao poder. Contudo Bauman (1998) aponta que, além do que foi citado pelos autores em destaque, ela pode também ser considerada um conflito social e atual, já que faz parte do cotidiano social e que determina correlação entre indisposição, violência simbólica e o sentimento de insegurança, ou seja, um tempo de medo líquido.

Trazendo essa realidade para o Brasil, Tavares dos Santos e Machado (2019) apontam que a violência para a sociedade do país foi aceita como prática social, o que é salientado pelos autores quando destacam a pesquisa sobre aprendizagem, realizada pelo OCDE²² e divulgada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do

²²Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

Sul – SINPRO/RS.

O Brasil lidera o ranking de violência contra professores. Nesse estudo, foram entrevistados mais de 100 mil professores, em todo o mundo. No Brasil, 14.291 professores e 1.057 diretores de escolas responderam à pesquisa. Os dados indicam que 12,5% dos professores foram vítimas de agressão verbal ou intimidação por parte dos alunos. Em países como Coreia do Sul, Malásia e Romênia, o índice é zero (Tavares dos Santos, Machado, 2019, p. 112).

Essas práticas contra docentes, sejam eles da esfera pública ou privada, configuram a inserção da violência escolar nas recentes indagações sociais mundiais sobre o assunto (Tavares dos Santos; Machado, 2019). Isso, segundo Bauman (1998), se deve ao fato de a violência ser um conflito social.

Molón (2001) destaca sobre a adesão de duas tendências pela Psicologia Social brasileira nas décadas de 50 e 60: uma oriunda da tradição pragmática dos EUA e a outra da tradição filosófica europeia. A partir dessas tendências que chegaram sem muita alteração, eram feitas buscas por fórmulas que adaptassem e conciliassem, o comportamento individual do sujeito ao contexto social. Ainda segundo a própria autora, essa tendência trazida pela Psicologia Social no Brasil “efetiva a transposição e a importação de conhecimentos, principalmente, dos Estados Unidos, para a realidade brasileira” (2001, p. 46).

Mediante essa percepção, tem-se na fala de Arendt (1970) uma visão acerca do fenômeno da violência, no qual ele afirma:

parece ocorrer sempre que ocorrem certas condições propícias, tais como: perda de autoridade ou certas transformações nas tradicionais relações de poder. Assim, um Estado soberano detém absoluto e exclusivo acesso e controle e uso dos meios de violência – os quais, via de regra, incidem sobre duas grandes áreas de segurança: a esfera da ameaça interna (tribunais e forças policiais) e a esfera da ameaça externa (forças armadas) (Arendt, 1970, p. 43-44).

A fala trazida por Arendt (1970) corrobora com a percepção de Butler (2019) que vê a necessidade de repensar a política como espaço de reconstrução do conceito comum e não como suporte de identidades diferentes e compatíveis pelo meio da tolerância, além disso, ela aponta, como resposta para isso, a adoção de práticas não violentas, que seriam iniciadas ao adotar a violência sofrida como “condição de vulnerabilidade e a agressão como bases da vida política” (1970, 44).

Essas indagações são também trazidas por Tavares dos Santos (2009) que diz:

Atualmente, essa prática violenta de discursos é de grande complexidade e nela ordens e desordens entrecruzam-se num caldeirão de ações, de desejos, de uma sociedade melhor: “transformar a sociedade através das lutas sociais?”; “controlar seus desvios?”. Talvez compreender signifique buscar sentidos outros que não o da naturalização da violência em curso. Para exemplificar, pensemos que hoje está à disposição, para a diversão de todos, games “infantis” que simulam uma guerra entre policiais heróis, à la “Tropa de elite”, e traficantes em uma favela brasileira. São múltiplas as violências e, neste caso, ela serve para o deleite! (Tavares dos Santos, 2009, p. 395).

Para Bourdieu (2005) este tipo de violência pode resultar numa naturalização de outras violências sofridas no sistema de educação como, por exemplo, a violência verbal, que gera os discursos de ódio. Estes, segundo o autor, são naturalizados nas instituições de educação, posto que o poder antes exercido pelo docente é ignorado pela violência simbólica.

Na análise de Butler (2021) esses discursos trazem consequências na vida do professor, já que muitas delas afetam sua posição social. Denegrir a posição social de outro ser humano ou de uma categoria profissional é um comportamento, muitas vezes, utilizado por grupos políticos extremistas. Para estes, a educação e seus profissionais são o alvo da vez, o que contribuiu para a fragilidade no ensino.

De acordo com Santos, Napolitano e Vasconcelos (2021) as fragilidades no ensino público brasileiro sempre existiram, estando elas inseridas numa questão cultural, ou seja:

Essas fragilidades são cunhadas por diversas ordens e fatores. A pandemia jogou luz nessas fraquezas e com esse desvelamento muitos problemas foram inevitavelmente expostos, desnudando dessa forma a carência social e estrutural das instituições da educação básica do Brasil (Santos; Vasconcelos; Napolitano, 2021, p. 174).

Além disso, os discursos proferidos aos profissionais de ensino foram reinvocados e reinscritos de forma a idealizar a dominação do praticante, fazendo com que ele ocorra de forma constante e de modo contínuo (Butler, 2021). Por fim, deve-se salientar que não se deve aceitar justificativas sobre este ou qualquer tipo de violência cometida, seja ela física, enquanto fenômeno ou simbólica, isso porque ela perde qualquer sentido quando é praticada, pois ela é um interlocutor que busca silenciar discursos, sendo consequência de um diálogo ausente de respeito e coerência (Arendt, 1970).

A tentativa de silenciamento das vozes dos professores, durante a pandemia, no intuito de deslegitimar a profissão docente, nos alerta para um discurso de ódio simbólico que gerou grandes consequências morais e psicológicas na vida dos docentes. Nesse cenário, muitos se sentiram desprestigiados e invisíveis, social e profissionalmente. Esses sentimentos são os efeitos tóxicos gerados pelos discursos carregados de uma comunicação violenta que sufoca a empatia social e fica longe de gerar uma Comunicação Não Violenta (CNV), base para uma sociedade mais humana e solidária de acordo com Rosenberg (2006). É notável que esses discursos jogaram luz na desvalorização da carreira docente, porque acordaram monstros que estavam adormecidos, esperando a hora certa de despertar, ou seja, esses discursos violentos deram força e coragem para que seus autores emergissem com objetivos nefastos para atacar de várias formas os professores, insuflando a sociedade contra eles. Com esse contexto, perdemos todos, pois a educação, a escola e seus profissionais são importantes na construção de uma sociedade democrática capaz de grandes transformações sociais.

Essa manifestação de discurso violento aos professores, nas redes sociais, nos alerta para um preocupante contexto – o desvelamento das fragilidades desse profissional. Elas foram mostradas abruptamente pelo tempo pandêmico de maneira discriminatória e agressiva (Santos, 2020). A rede social se transformou num espaço de julgamento do trabalho docente. Há, entretanto, discursos que incumbem ao professor responsabilidade que é do sistema.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este capítulo traz, em sua discussão metodológica, o caminho de construção do estudo da pesquisa, apresenta também, para o conjunto da dissertação, os percursos que a pesquisa seguiu para se chegar ao resultado. Nesse seguimento, este estudo é orientado pelos pressupostos da Análise Crítica do Discurso – ACD, uma corrente transdisciplinar. É articulado por diversos campos do saber e em constantes diálogos por vários campos de investigação, voltados para a preocupação social, buscando justiça social para as causas minoritárias. A metodologia desta pesquisa configura-se na qualitativa interpretativa, postulada pelos caminhos teóricos da ACD, a partir da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso.

A dissertação propõe uma análise crítica nos discursos de ódio proferidos aos professores nas mídias digitais sociais, também chamadas redes sociais, em tempo de pandemia causada pelo novo coronavírus. Por conta do tempo pandêmico, as escolas foram obrigadas a entrarem em “quarentena”, tendo assim, que fecharem as suas portas, já que as aulas presenciais foram canceladas, para ocorrerem de forma online, por isso, os professores se sentiram na obrigação de mudar suas práticas de ensino presenciais para adaptarem-se ao modo de ensino remoto. Sendo assim, lecionar virtualmente foi uma novidade e grande desafio para muitos. Além desse desafio, surgiram outros, dentre eles, o discurso de ódio disseminado nas redes sociais em ataque aos professores.

Isso posto, objetivando apresentar o percurso da pesquisa, este capítulo está configurado pela seguinte estrutura: justificativa, problematização, objetivos, abordagem da pesquisa, geração de dados e percursos de análise. Os motivos para a realização da pesquisa com essa temática serão abordados no subitem justificativa e explicitados na problematização e objetivos. Na abordagem da pesquisa, apresentaremos os aspectos metodológicos que a embasam e que ajudam no processo do estudo. Na geração de dados apresentaremos como serão coletados e onde coletaremos as informações que comporão os dados da pesquisa, bem como os instrumentos a serem utilizados para a coleta. Na caracterização da pesquisa em polarização do discurso de ódio contra os professores, discutiremos o campo onde acontece os ataques e como se dão esses discursos e suas motivações.

4.1 Justificativa

O tema central desta pesquisa será a análise dos discursos de ódio contra a classe dos professores disseminados nas mídias digitais sociais durante a pandemia, implicando diretamente na vida emocional e social dos docentes. Assim, a escolha pela problemática social em questão também se dá porque somos professores. Sendo assim, sempre nos inquietou agressões acerca do trabalho docente, que muitas vezes é questionado e não compreendido por boa parte da sociedade. Durante nossa atuação docente, já sofremos e presenciamos discursos violentos, manifestados em agressões verbais e físicas contra nosso trabalho pedagógico. Nós, particularmente, já fomos vítimas das duas manifestações, as quais, entretanto, não nos fizeram desistir de continuar atuando na área, pelo contrário, nos instigaram, chegando ao ponto de, por meio desta pesquisa, possibilitar a compreensão de todos a respeito desse cenário agressivo que já existia e que hoje se perpetua com muita intensidade, principalmente, com as atividades remotas motivadas pelo tempo pandêmico.

Uma outra questão que nos motivou a pesquisar sobre a problemática foram as mudanças inesperadas no trabalho do professor e como isso mudou a vida pessoal e profissional dessa categoria. Com as aulas remotas surgiram muitos desafios impostos ao professor, um deles foi lidar com a tecnologia. A docência foi transformada pela pandemia e nessa transformação foi desvelada uma educação profunda e multifacetada. Além disso, a tendência de agregar funções ao papel do professor se intensificou desde o início da pandemia em março de 2020, a partir daí inúmeros desafios de várias naturezas foram impostos.

Esta constatação se confirma por meio de uma pesquisa gerida pelo Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, em parceria com a UNESCO do Brasil e com o Itaú Social, movida por uma equipe de pesquisadores que buscaram ouvir a visão dos professores sobre a educação escolar em tempos de pandemia. A pesquisa ouviu 14.285 professores e professoras em todas as 27 unidades da federação, que lecionam no ensino fundamental em sua maioria mulheres. Esta pesquisa foi realizada nas semanas iniciais da pandemia entre março e abril de 2020. Ao mostrar os dados a pesquisa apontou que:

No Brasil, 81,9% dos alunos da Educação Básica deixaram de frequentar as instituições de ensino. São cerca de 39 milhões de pessoas. No mundo, esse total soma 64,5% dos estudantes, o que, em números absolutos,

representa mais de 1,2 bilhão de pessoas, segundo dados da UNESCO (FCC, 2020, p. 1).

Esses números apontam para o início do desafio que os professores enfrentariam durante a pandemia, e um deles foi lidar com a tecnologia para atender a esses 81% dos alunos que deixaram de frequentar as instituições e grande parte deles é afetado pela desigualdade social, com isso o professor teve que mudar planejamento e metodologias para atender aqueles alunos que não tinham acesso à internet. De acordo com nosso estudo, entendemos que é partir dessa e outras pesquisas relacionadas à pandemia, educação e ao impacto do contexto pandêmico na vida dos professores e professoras, que surgiu o discurso de ódio, objeto de nossa pesquisa.

A finalidade para esta coleta de dados da pesquisa citada foi averiguar como os docentes das redes públicas e privadas do Brasil estavam realizando suas atividades nas primeiras semanas de isolamento social, adequando o trabalho de sala de aula com a vida particular. O estudo nos mostra dados importantes para a presente investigação sobre o trabalho docente no contexto pandêmico.

4.2 A problematização e os objetivos

Durante esse período de pandemia, nas redes sociais, sobretudo no Facebook, alguns usuários têm publicado ameaças e ataques aos professores. Estas agressões têm aumentado muito, desde março de 2020, quando chegaram ao Brasil os problemas advindos da pandemia do coronavírus COVID-19.

Em razão da necessidade do isolamento social, as escolas públicas ficaram muito tempo fechadas e, até esta data (25/07/2021) ainda não voltaram à normalidade, por questões de saúde pública. Entretanto, parte da sociedade civil não aceita tal medida, exigindo que as crianças e jovens voltem para as escolas e, por isso, os professores têm sido tachados de preguiçosos, porque resistem em voltar com as aulas presenciais sem que haja um controle sanitário favorável contra o contágio pelo vírus SARS-CoV-2.

Uma análise desses discursos poderia contribuir para compreendermos o que está velado nesses ataques. Esta pesquisa analisará as seguintes problemáticas:

- a) A invasão de competência no trabalho docente afeta a vida profissional e pessoal do professor?
- b) Quais elementos linguísticos são operacionalizados e contribuem para

naturalizar o discurso de ódio contra os docentes?

- c) De que maneira uma pesquisa crítica pode contribuir socialmente com a problemática pesquisada?

Partindo deste pressuposto, a desigualdade está cada vez maior no Brasil, conforme a pandemia persiste sem soluções, como efeito de políticas públicas inadequadas e negacionismo quanto à veracidade da doença. A pandemia jogou luz sobre a desigualdade que permanece enraizada em nossa sociedade.

Diante desta concepção, é plausível analisar os argumentos quanto aos setores cruciais da sociedade brasileira:

Os debates culturais, políticos e ideológicos do nosso tempo têm uma opacidade estranha que decorre da sua distância em relação ao cotidiano vivido pela grande maioria da população, os cidadãos comuns— «la gente de a pie», como dizem os latino-americanos. Em particular, a política, que devia ser a mediadora entre as ideologias e as necessidades e aspirações dos cidadãos, tem vindo a demitir-se dessa função. Se mantém algum resíduo de mediação, é com as necessidades e aspirações dos mercados, esse megacidadão informe e monstruoso que nunca ninguém viu nem tocou ou cheirou, um cidadão estranho que só tem direitos e nenhum dever. É como se a luz que ele projeta nos cegasse. De repente, a pandemia irrompe, a luz dos mercados empalidece, e da escuridão com que eles sempre nos ameaçam se não lhe prestarmos vassalagem emerge uma nova claridade. A claridade pandémica e as aparições em que ela se materializa. O que ela nos permite ver e o modo como for interpretado e avaliado determinarão o futuro da civilização em que vivemos. Estas aparições, ao contrário de outras, são reais e vieram para ficar (Santos, 2020, p. 10).

Ainda se tem como hipótese da pesquisa a seguinte abordagem: o discurso social não tem impacto na vida social e profissional do professor no momento de pandemia?

A fim de responder aos questionamentos ou, pelo menos, seguir uma direção para um debate que ajude a compreender as problemáticas sociais que rodeiam a vida pessoal e profissional do professor em tempo de pandemia, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a construção de sentido em recortes de discurso de ódio que, durante a pandemia do COVID-19, foram veiculados na mídia social Facebook, especificamente na página Mídia Ninja, a partir de categorias da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso. Além disso, a pesquisa perpassa, ainda, por outros objetivos específicos, a saber: Empreender análise discursiva crítica de ataques aos docentes durante a pandemia covid-19, delineando a invasão de competência de saberes; Apresentar panorama de práticas discursivas de ódio aos professores e professoras durante a pandemia de Covid-19, à luz da

Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso: 3. Analisar a materialidade linguística de discursos veiculados em rede social a partir do uso, posicionamentos e categorias de estigma e sanção social de professores.

A partir daí, é feita a apresentação da pesquisa, que é orientada por meio dos estudos em ACD e ASCD (Dijk, 2005, 2021, Fairclough, 1999, Pedrosa, 2013; 2014, 2016; Pardo, 2015). Portanto, nossos objetivos, a fim de responder ou, pelos menos, provocar o debate acerca das inquietações da problemática social que motivaram o estudo da nossa pesquisa, são alinhados a alguns objetivos da Análise Crítica do Discurso, como também as nossas questões de pesquisa.

Analiseemos um quadro que mostra a articulação entre as questões de pesquisa que orientam nosso estudo e os nossos objetivos, estão em conexão para contribuir na reflexão do nosso objeto de estudo para uma reflexão e mudança social com mais propriedade e discernimento nos resultados das análises como também para o consumo social.

Quadro 5: Conexão entre questões de pesquisa e objetivos.

Questões de pesquisa	Objetivos dessa pesquisa
A invasão de competência no trabalho docente afeta a vida profissional e pessoal do professor?	Empreender análise discursiva crítica de ataques aos docentes durante a pandemia covid-19, delineando a invasão de competência de saberes
Quais elementos linguísticos são operacionalizados para naturalizar o discurso de ódio contra os docentes?	
O discurso social de ódio impacta ou não a vida profissional e pessoal do professor durante a pandemia?	Apresentar panorama de práticas discursivas de ódio aos professores e professoras durante a pandemia de Covid-19, à luz da Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso
De que maneira uma pesquisa crítica pode contribuir socialmente com a problemática pesquisada?	Analisar a materialidade linguística de discursos veiculados em rede social a partir do uso, posicionamentos e categorias de estigma e sanção social de professores.

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com a conexão das questões de pesquisa e os objetivos da pesquisa que são apresentados no quadro acima, a abordagem analítica da ACD, entre esses dois elementos que alicerça a pesquisa, demonstra a capacidade de o discurso gerar mudança social, por meio da articulação e recombinação dos objetivos que sustentam a pesquisa e as

questões problemas que retroalimentam o contexto social do estudo. Aliados aos discursos coletados, que visam compreender a coletividade da página da Mídia Ninja, os objetivos em conexão apontam para uma construção reflexiva da vida social de maneira transdisciplinar, por intermédio do discurso em sociedade, mesmo que nem sempre este discurso seja favorável à causa. Isso porque o discurso é uma prática social importante na análise de um objeto de pesquisa, pois ele internaliza em certo sentido, tudo o que acontece em outros momentos das práticas, o que reforça sua grande importância nas análises (Chouliaraki; Fairclough, 1999).

4.3 Abordagem da pesquisa

A pesquisa com análise qualitativa-interpretativa envolve uma abordagem reflexiva do contexto social, o que significa que ela possibilita ao pesquisador pesquisar, analisar e estudar os acontecimentos em seus cenários. Esse tipo de pesquisa ajuda a entender os fenômenos em torno dos significados que os sujeitos a eles conferem. Assim:

Na pesquisa qualitativa é possível examinar uma grande variedade de aspectos do processo social, como o tecido da vida diária, o significado das experiências e o imaginário dos participantes da pesquisa; a forma como se articulam os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 30 *Apud*, Cunha, 2021).

Nesse contexto, a pesquisa qualitativa tem a preocupação de compreender o que se passa na vida social do outro. Ela busca entender a complexidade de um grupo social, partindo do empírico para compreender o que esse grupo social faz ou diz. A pesquisa qualitativa, também chamada de pesquisa social, permite reflexão.

A pesquisa em ACD atende à preocupação da qualitativa, visto que essa corrente preocupa-se com o social e a utilização de sua pesquisa para o desvelamento de situações assimétricas de poder, além de propor uma análise transdisciplinar: de um lado as questões linguísticas; do outro, as sociais. Assim, como a pesquisa qualitativa, ela também permite reflexão, pois a ACD é um método que investiga o discurso na relação entre a linguagem e a sociedade.

A presente pesquisa utiliza uma metodologia de embasamento qualitativo-interpretativo (Pardo, 2015). Nesta perspectiva, a análise será feita com base nos discursos e publicações de ataques aos professores retirados da rede social Facebook, em tempo de

pandemia, foram analisadas três matérias jornalísticas que noticiavam a volta às aulas presenciais.

A partir dessas observações nas redes sociais que, em sua maior parte, foram analisadas com base nas postagens da Mídia Ninja²³ no Facebook, onde teve-se como foco de pesquisa analisar e estudar os comentários destilados após postagens na página que mais se identificam com a proposta da pesquisa aqui apresentada. A partir delas, foram detectados ataques de ódio contra a classe dos professores manifestada por várias formas de linguagem: xingamentos, desqualificações e deslegitimação do trabalho e identidade docentes. O trabalho docente nunca foi tão mal avaliado como foi durante o auge da pandemia. Esses profissionais foram submersos numa avaliação negativa de seus trabalhos que impactou desfavoravelmente suas vidas, pessoal e profissional.

Todo esse envolvimento nos coloca em alerta para que, enquanto educadores, busquemos ter atuações reflexivas em sociedade e mais eficazes diante da realidade castigada pela pandemia. “A reflexão dos impactos colonialistas, ainda existentes no bojo social, como o processo de colonialidade se manifesta nas linguagens e como podem exercer poder, pois é a partir da possibilidade de existência de seres superiores e inferiores é que se estabelece a colonialidade do ser” (Matos; Botelho, 2019. p. 124). A partir dessa reflexão, notamos como a colonialidade do ser se manifesta nesses discursos de ódio contra os professores, a invasão de competência é vista de maneira violenta nas redes sociais, especificamente no Facebook, nosso campo/suporte de pesquisa.

Deste modo, esta pesquisa é uma junção de discussão teórica para embasar a análise linguística dos diálogos coletados nas mídias digitais sociais envolvendo os professores e o porquê de tais ataques de ódio a esses sujeitos, a partir da perspectiva da Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso (ASCD) sendo orientada metodologicamente pela pesquisa qualitativa.

Sendo assim, a metodologia desta pesquisa se volta, especificamente, para o discurso evidenciado na mídia de massa e os usos dos discursos midiáticos (Dijk, 1985). A ACD como mediadora de pesquisa com questões com foco no social, nos orienta que, esse trabalho se concentra nos problemas sociais e não apenas em elementos linguísticos, por isso vemos a importância da análise se afirmar numa investigação transdisciplinar e se orientar a partir da análise desses discursos retirados da mídia, que tem uma proposta de compreensão

²³ NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação.

das práticas sociais na concepção dialética do discurso, envolvendo gêneros discursivos e a construção de sentidos nos textos (Magalhães, 2010).

Por essa lógica de análise, a pesquisa de discurso de ódio, na mídia digital social contra o sujeito professor, se apropriará metodologicamente dessa proposta de compreensão, já que a pesquisa se preocupa com as práticas sociais a partir dos discursos evidenciados nas mídias sociais, e como esses discursos trazem mudanças sociais e afetam o sujeito e sua identidade.

A contextualização deste trabalho será realizada com base em uma pesquisa teórica com o suporte de artigos, monografias, teses, dissertações e livros que discutem a relação entre ensino e literatura do tema, de autores como de Van Dijk (2008), Pardo (2015), Santos (2020), Fairclough (2005), Sylvestre (2013), Martins (2005), Bezerra (2009), Aguiar, Paniago e Cunha (2020), Oliveira e Júnior (2020), Palú, Schütz e Mayer (2020), dentre vários outros autores. Da mesma maneira, dados de pesquisas e diretrizes de organizações e institutos, tais como Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE (2020) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2020-2021).

A atual pesquisa é direcionada pelas dificuldades encontradas pelos docentes durante este período e endossadas pela exposição e riscos de contaminação oriundos de sua profissão e o contato direto com os jovens e adultos, além de mostrar os desafios do trabalho remoto e as pressões políticas e da sociedade por um retorno prematuro às aulas presenciais.

Durante a elaboração do trabalho serão utilizados dados teóricos e práticos da ACD, em razão de sua preocupação com as questões de ordem social. Isto se dá pela notoriedade destas reflexões para a sociedade brasileira, sobretudo, quanto aos discursos de ódio encontrados nas redes sociais, com mais frequência no Facebook.

Em complementação, é verossímil ressaltar a análise linguística nesta conjuntura, de acordo com tal teoria:

[...] a análise da linguagem enquanto prática social se contrapõe especialmente a abordagens estruturalistas que, de maneira geral, concebem a linguagem como mera ferramenta, estrutura. Esse tipo de teoria de análise linguística estruturalista, em geral, não se ocupa de questões sociais suscitadas no discurso e pelo discurso, focando-se apenas nos aspectos estruturais da língua (Sylvestre, 2013, pp. 19-20).

A análise de dados, à luz da ACD, quebra a forma estruturalista de analisar os dados de uma pesquisa, pois por ter sua característica transdisciplinar, ela abraça todas as

formas de análise e se ocupa com as preocupações sociais, enquanto a análise estruturalista foca apenas na estrutura da língua, esquecendo o seu contexto social. A pesquisa em ACD considera a linguagem como acontecimento social e não puramente uma atividade individual, ao contrário do que propõe a análise estruturalista (Fairclough, 2016).

Em vista dos dados teóricos ressaltados, é oportuno evidenciar que cada dado deve ser analisado de duas formas para um resultado parcial ou quase completo, ou seja, de modo transdisciplinar e de maneira contextualizada para se obter um resultado plausível. Assim, com o devido esclarecimento pode-se concluir devidamente, levando em consideração o parâmetro selecionado no início da pesquisa, neste caso de natureza interpretativa. Por conseguinte, a reflexividade também exerce um papel importante neste âmbito, no qual o foco da pesquisa é dado com base no ponto de vista do pesquisador e sobre seu lugar no mundo (Sylvestre, 2013; Pardo, 2015). A suspensão das aulas presenciais trouxe imensos desafios para a educação básica brasileira: criar e viabilizar formas de oferecer e acessar atividades levaram as redes de ensino, os educadores, as famílias e os próprios estudantes a estabelecerem, em brevíssimo tempo e sem as condições necessárias, um conjunto de estratégias para manter, de maneira não presencial, a oferta de conteúdos e a garantia mínima de relacionamentos e aprendizagens, procurando atender às diferentes dimensões que compõem o processo educacional.

A pesquisa em ACD deve considerar a perspectiva teórica que versa sobre a linguagem na sociedade, levar em consideração como uma proposta para a análise crítica da linguagem, (Pedrosa, 2020). O contexto de aplicação da pesquisa irá determinar de como a abordagem teórica/metodológica seguirá nas análises dos dados, considerando a linguagem como prática social e a ACD como ciência crítica concebida como ciência social (Fairclough, 2003).

Fazer pesquisa orientada pela ACD é pensar num estudo transdisciplinar, é passear por vários campos do saber e dialogar com vários campos de análises. A ACD volta-se para o debate de um determinado problema social, mostrando caminhos de debates de reflexão sobre ele (Magalhães, 2017).

Por isso:

Fazer Análise Crítica do Discurso (ACD) é estar na busca constante de outros diálogos, de se estabelecer interação com novos conhecimentos e estabelecer o novo a partir de olhares de lugares que de onde nunca se olhou antes. Essa perspectiva inter, multi e transdisciplinar da ACD faz

com que ela sempre se renove e sempre tenha algo a acrescentar em sua área de investigação (Pedrosa, 2013, p. 2).

Teoricamente, isso nos mostra que o contexto de aplicação da pesquisa nos orienta para um contexto transdisciplinar determinado as áreas dos saberes que iluminarão nossa investigação. Por isso, a articulação da pesquisa precisa ser orientada de maneira também interdisciplinar para que o diálogo reflexivo seja bem estruturado de acordo com a abordagem da pesquisa. Por isso, nossa pesquisa acionará a sociologia para sustentar a parte digesta do nosso estudo.

Observemos, abaixo, o quadro que faz articulação de aplicação com a nossa pesquisa.

Quadro 6: Articulação da pesquisa com a ASCD

Contexto de aplicação	(...) “para cada prática discursiva precisamos examinar cuidadosamente os contextos, normas e valores específicos que definem a prática adequada (Dijk, 2008, p. 32). ↓ Os professores sob ataques de ódio, em tempo de pandemia na rede social.
Conhecimento teórico e prática	“O discurso não é analisado apenas como um objeto “verbal” autônomo, mas também uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação social, cultural, histórica ou política” (Dijk, 2008, p. 12). ↓ O comportamento social dos sujeitos sociais, nas mídias digitais e o contexto do discurso de ódio contra os professores.
Contextualização da pesquisa: proposta interdisciplinar	“A ASCD destaca a necessidade de um trabalho interdisciplinar, objetivando-se uma compreensão de como a linguagem opera” (Pedrosa, 2020, p. 11). ↓ Como pesquisadores em ACD, entendemos que a interdisciplinaridade desse estudo trará resultados socialmente impactantes para os sujeitos sociais em estudo. (Professores). Para tal acionaremos o campo discursivo da sociologia a fim de aprofundar o debate e trazer resposta para a problemática.
Identificação dos sujeitos sociais	O indivíduo torna-se sujeito de si mesmo quando dá significado às suas condutas/práticas baseado em sua própria consciência (Pedrosa, 2013). ↓ As identidades dos professores perante as forças sociais de ataques que atuam sobre eles: uma análise da polarização dos discursos.

Responsabilidade social e divulgação dos resultados para uma mudança social	“Mudança das identidades coletivas que resultam da prática das relações sociais” (Pedrosa, 2012, p. 6)  Os professores inseridos nesse contexto de tentativa de silenciamento de seus discursos, no momento em que buscam metodologias para gestão de seus trabalhos remotos.
Realidade contextual de mudança social	“Um posicionamento para a Análise Crítica do Discurso” (Pedrosa, 2012, p. 5).  A ASCD como uma corrente da ACD e seus diálogos transdisciplinares com a sociologia para uma mudança social, a Linguística Sistêmico-Funcional e os Estudos Comunicacional do discurso, propõe um posicionamento de mudança da realidade.

Fonte: Damaceno (2013), adaptado pelo autor.

Além da articulação de aplicação com a nossa pesquisa, pela exposição que o quadro traz, notamos a importância de uma investigação qualitativa quando ela vem como um processo de construção reflexiva de uma realidade, de um objeto. Ela permite o estudo detalhado do objeto em pesquisa, apontando caminhos assertivos para uma mudança social que caminhe para uma solução, por meio dos seus dados gerados.

4.4 Geração de dados

Para geração dos dados desse trabalho, os discursos coletados na mídia digital social, Facebook, foram os instrumentos que abriram caminhos para os questionamentos da temática e indagações a problemática da pesquisa. Os ataques de ódio contra os professores nas redes sociais, motivados pela pandemia do novo coronavírus, nos inquieta a procurar a real motivação para tal evento que impacta a vida social e profissional do professor.

Para dar andamento ao estudo desta pesquisa, os critérios de busca para chegar nos discursos objetos da análise se deram com base em descritores e palavras-chave como: PROFESSORES, DISCURSO DE ÓDIO, COVID-19, ENSINO REMOTO, PANDEMIA, AULAS PRESENCIAIS, PANDEMIA, VACINA, sendo estes critérios aplicados para a coleta nos ambientes online das redes sociais.

Dessa forma, coletou-se diretamente de um ambiente online, chegando ao alcance do pesquisador, 60 enunciados de ódio em ataques diretos aos professores, dentre estes pré-selecionados, foram analisados por meio de leitura, para saber se estavam em acordo com a proposta da pesquisa, para que, assim, fosse possível dar continuidade ao desenvolvimento do corpus da pesquisa, a partir da leitura destes 60 enunciados, foram

selecionados 24 manifestações, sendo 36 excluídos por não se encaixarem com os objetivos propostos ou por fugirem muito da proposta ora abordada na introdução do estudo, ou ainda, não tiveram a lexia relacionada ao objeto em pesquisa. (Figura 4).

Figura 4: Fluxograma das etapas de seleção dos discursos utilizados



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do fluxograma apresentado na Figura 4, compreende-se melhor um dos passos dados até chegar aos 24 enunciados utilizados, que se deu após uma análise mais criteriosa, na qual foram verificados os que atendiam aos critérios apresentados e prestavam informações exatas relacionadas ao tema investigado, dando embasamento para a presente pesquisa; ainda, para essa seleção dos 24 enunciados, foi utilizado o critério da categoria linguístico-discursiva das lexias que tivessem relação clara à questão professor e pandemia. Desse modo, os 24 enunciados tiveram sua seleção por definição lexical. Dentre as lexias que serviram de lupa para a então coleta, as mais evidentes na observação foram: *bando*, *cambada*, substantivos que traziam uma semântica pejorativa desfavorável ao professor. Com isso, o *corpus* da pesquisa foi construído com base nos 24 enunciados selecionados os quais possivelmente poderão responder às questões de pesquisa desse estudo.

Como dito anteriormente, todos estes enunciados foram extraídos de uma única página hospedada no Facebook, a Mídia Ninja, considerada uma plataforma politicamente

esquerdista com engajamento social, fundada em 2013 por Bruno Torturra, Rafael Vilela, Felipe Altenfelder, Driade Aguiar, Pablo Capilé e outros colaboradores. Tendo o grupo ganhado grande repercussão nas mídias sociais nos últimos anos, em especial, com as Manifestações de Junho de 2013²⁴, na qual milhares de pessoas se reuniram nas ruas pela redução de 0,20 centavos nas tarifas de ônibus, metrô e trens de São Paulo, ao fazer cobertura por smartphones e câmeras digitais, divulgada ao vivo “sem corte e sem edição” via o Facebook, direto das ruas de São Paulo (Ribeiro, 2019).

Atualmente, o grupo de expandiu para outras redes sociais, tendo hoje mais de 1,1 milhão de seguidores no *Twitter*, 4,5 milhões de seguidores no *Instagram*, 2,5 milhões de seguidores no *Facebook*, assim como em outras plataformas digitais como *TikTok*, *Kawai*, além de uma página de notícias²⁵ com grande movimentação. Com estes números de seguidores a MN conseguiu montar sua rede de prática e distribuição de seus discursos e mobiliza as interdiscursividades por meio das interpretações que a sociedade faz de seus atos discursivos.

O discurso como prática social mobiliza a sociedade na qual os textos são distribuídos e consumidos. Nesse processo, o discurso torna-se uma prática política capaz de transformar as relações de poder por meio da ideologia e provoca mudança social orientada pelo consumo, porque é mediante o uso que gera as interpretações e destas origina-se a intertextualidade e interdiscursividade.

Princípios interpretativos particulares associam-se de maneira naturalizada a tipos de discurso particulares, e vale a pena investigar tais ligações devido à luz que jogam sobre as importantes funções ideológicas da coerência na interpelação dos sujeitos (Fairclough, 2021, p. 106).

Os textos em processo de consumo, propõe interpretações com força de levarem o sujeito a uma mudança de comportamento na sociedade e oportunizam pelo discurso o desvelamento de importantes acontecimentos ideológicos que circula a no meio social, onde estes discursos são distribuídos. Dessa forma, o Mídia Ninja faz a distribuição de sua prática discursiva objetivando jogar luz nos problemas sociais mais urgentes, assim, pode gerar

²⁴ Essas Manifestações contaram com a participação do Movimento Passe Livre, que em junho de 2013 convocou atos contra o aumento de 20 centavos nas tarifas de ônibus, metrô e trens em São Paulo (Starlles; Melo, 2021).

²⁵ NINJA: <https://midianinja.org/>

leituras coerentes e práticas interdiscursivas insurgentes e socialmente transformadores. Neste processo discursivo o MN ativa o discurso como prática social e política.

O período escolhido para extração dos discursos, como objeto de análises para a pesquisa, foi entre junho de 2020 e maio de 2021, pois as análises seguirão orientadas desde o fechamento das escolas até o retorno presencial das aulas. Assim, nesse espaço temporal, contemplamos as aulas remotas e o retorno presencial, fase mais intensa do processo, por conta da resistência dos professores ao retorno presencial. O período da coleta desses dados, julho a novembro de 2021.

Com os 24 enunciados pré-analisados, pretendemos dividir os discursos de ódio em quatro (4) temáticas, as quais denominaremos de Temática Discursiva, dentro dessas temáticas buscaremos as palavras que com sua semântica formam os ditos discursos de ódio capazes de afetar a carreira e o profissional do docente, na tentativa de silenciar as vozes dos professores perante a sociedade, formando, assim, um tribunal digital buscando julgar e diminuir a identidade pessoal e profissional dos docentes jogando-os contra a sociedade.

A partir dos dados, foi produzido um quadro no momento das análises, para organizar os conforme as temáticas sociais que os temas traziam em sua discussão, assim, foram feitas análises mais pontuais de cada grupo temático presente nos enunciados coletados e do efeito de sentido no contexto analisado. Vejamos, no quadro abaixo, as temáticas discursivas extraídas analiticamente dos enunciados discursivos coletados.

Quadro 7: Temática Discursiva

Temática Discursiva 1: <i>Hegemonia</i>	Temática Discursiva 2: <i>Segurança Sanitária</i>	Temática Discursiva 3: <i>Estigma Ideológico</i>	Temática Discursiva 4: <i>Invasão de Competência</i>
Professor não quer trabalhar; vagabundo, quer ficar em casa recebendo.	Segurança sanitária, doentes mentais, delírio, romantização do sofrimento.	Questões ideológicas, sindicalistas, doutrinação	Invasão de competências, desconhecimento da prática pedagógica.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para encontrarmos as matérias jornalísticas que discutiam sobre a temática escolhida e que daria contexto de análise dessa pesquisa, foram utilizamos das seguintes palavras-chave: **Professores, Discurso de Ódio, Covid-19, Ensino Remoto, Pandemia, Aulas Presenciais, Pandemia, Vacina**. A partir desse processo foi possível chegar nos comentários carregados de discursos de ódio. Neles, constatamos massiva presença de

discurso de ódio contra a classe de professores. Após análise dessas matérias, coletamos os comentários mais reagidos com emojis que representavam repulsa ao professor. Também foram selecionados os comentários mais respondidos.

A todo o momento em que há correlação entre questões sociais, políticas e aspectos linguísticos, é necessário que ocorra uma análise mais ampla, objetivando considerar o impacto causado pelo discurso em questão da relevância da opinião para o contexto geral (Dijk, 2001).

Ao contrário do que grande parte dos usuários das principais redes sociais acreditam, a livre expressão diretamente com amigos ou seguidores, de forma descontraída, acaba ainda sendo expostas ou compartilhadas por outras pessoas de qualquer perfil, ao ponto em que uma declaração pode influenciar ou incomodar outros usuários, além de ser algo comum encontrar, nestes ambientes on-line, comentários e opiniões discriminatórias (Pacheco, 2013).

Para Pacheco (2013), somente o ato de dedilhar palavras no teclado, compondo movimentos de uma canção surda, eis a mecânica dos destinos virtuais. Irônico falarmos numa prática material quando o que analisamos não está no âmbito palpável: o texto da rede social é repleto de subjetividades e quase preso no mundo platônico das ideias.

Ainda de acordo com o Pacheco (2013) é plausível citar:

A tênue barra horizontal azul na parte superior de nossa tela demarca um limbo para apaziguar os ânimos. A pequenina foto de nosso perfil abaixo desse céu que carrega a marca da rede social parece desenhar uma nuvem de pensamentos ao seu lado, como nas histórias em quadrinhos, é o chamado “status”. Interessante que estamos tão acostumados com o uso dessa palavra associado às relações humanas, que, ao visualizarmos “status” como etiqueta na tela, a palavra parece ser outra. No Aurélio (1986), vem expresso aquele sentido usual, nos seguintes termos: “Conjunto de direitos e deveres que caracterizam a posição de uma pessoa em suas relações com outras”. Na linguagem da informática, “status” retoma a origem latina, para representar a “situação, estado, qualidade ou circunstância de uma pessoa ou coisa em determinado momento; condição”. Em resumo, a palavra na rede social guarda proximidade com o estado atual do usuário, possibilitando à pessoa se traduzir por meio de um rol de vários perfis (Pacheco, 2013, p. 22).

É explícito que estas plataformas são muito úteis, podendo ser utilizadas para encontrar pessoas de forma virtual, até caso ela esteja a grandes distâncias, sendo, portanto, uma excelente opção, ainda mais em tempos de pandemia. Aliás, a troca de ideias e pontos de vista dissemelhantes sempre agregam para uma discussão construtiva, assim, como

aspectos religiosos, gostos gastronômicos, música, interesses pessoais e diversos outros temas secundários (Pacheco, 2013).

Quanto ao posicionamento político ou sobre qualquer outro aspecto social, é verossímil salientar:

[...] com a velocidade da informação, ao alcance de ampla faixa da população, tal ato se potencializa como manancial para as mais diversas discussões, quebrando a barreira do aqui e agora numa rede de replicações via internet. Tudo é filmado, fotografado, postado e, sob qualquer comentário ou provocação, o mais ordinário dos acontecimentos pode converter-se em evento de ampla repercussão. É neste cenário que germina e viceja a semente da comunicação nas redes sociais, aqui representadas pelo Facebook (Pacheco, 2013, p. 32).

Quanto aos propósitos comunicativos, encontram-se diferentes elaborações de discurso no Facebook, com derivações de acordo com uma variedade de fatores. Com isso, o desígnio comunicativo usual não é engessado em moldes pré-definidos, tendo uma maior liberdade nesta construção, sendo assim, cada propósito pode ser único apesar de obter influências exteriores (Bezerra, 2009).

Para Bezerra (2009), este termo é ainda pouco disseminando em estudos científicos ou pesquisas do gênero, o que pode dificultar a compreensão geral da temática. Ainda em concordância com o autor, não é evidente “o que se quer dizer com a expressão “propósito comunicativo” (*communicative purpose*). Seria ele equivalente a noções como função ou intenção (do texto ou do autor), por exemplo, ou corresponde mais proximamente a conceitos como objetivo, meta e finalidade?” (Bezerra, 2009, p. 465).

Nesta complexidade, pode-se definir tal temática comunicativa, seja de forma falada, escrita, ou ainda expressa nas redes sociais, como única, ou seja, independentemente do local onde está manifestada, a formação da ideia partiu de um mesmo princípio. Por outro lado, sempre haverá objetivações próprias, elaboradas e o que será divergente é a forma com que a informação é passada, ou mesmo, compartilhada (Bezerra, 2009, p. 466).

A ACD advém de uma natureza científica social crítica, embasada por adversidades sociais, com o intuito de fornecer recursos que auxiliem em tais soluções. Neste conjunto, a ACD está vinculada a debates, discussões, polêmicas e contestações públicas (Fairclough, 2005).

A pandemia de Covid-19 afetou diretamente os sistemas educacionais de todos os países. Todos os que trabalhavam com educação foram obrigados a ponderar novas

propostas de ensino, incluindo o ensino remoto. Anteriormente a esta problemática, já havia controvérsias sobre diversas pautas relacionadas ao trabalho do educador em sala de aula, em decorrência da infraestrutura escolar, contextos sociais, saúde, segurança e outras questões sobre as condições de trabalho dos professores. Além disso, há recentemente discussões quanto ao procedimento de reestruturação escolar, passando das aulas remotas para o retorno gradual das atividades presenciais (CNTE, 2020).

Neste aspecto, as tecnologias têm se tornado um fator praticamente crucial para o ensino de jovens e adultos. Assim:

Antes mesmo da pandemia, as tecnologias digitais já se encontravam cada vez mais demandadas no cotidiano dos professores da Educação Básica. Com a suspensão das aulas presenciais em decorrência do isolamento social resultante das medidas de prevenção à COVID 19, o domínio dessas tecnologias tornou-se necessidade básica. O quadro pesquisado evidenciou o caráter de novidade trazido pela realização de aulas a distância. Adicionalmente, revelou-se a ausência de formação específica para grande parte dos (as) professores (as) (CNTE, 2020, p. 9).

No entanto, nem todos os alunos e professores dispõem, em sua residência, das ferramentas necessárias para o ensino remoto. Assim, a desigualdade perdura no país, enquanto não há rumos de solução para este problema, sendo que para um retorno das aulas, há ainda um processo longo e árduo para ser percorrido (Oliveira; Junior, 2020).

Aliado a esta questão, de acordo com dados da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), um grande percentual dos educadores possui dificuldades para utilizar as principais tecnologias digitais, como os computadores, a internet ou, até mesmo, as plataformas de ensino, onde são disponibilizadas as atividades e devem ser lançadas as notas ao final de cada estágio, além de conseguir tirar todas as dúvidas dos educandos (CNTE, 2020).

A CNTE cita, ainda, que cerca de 53,6% dos professores das Redes Municipais de Ensino não receberam nenhum tipo de instrução ou período de adaptação ao uso destes mecanismos de ensino durante o período pandêmico, enquanto 24,6% dos professores das Redes Estaduais de Ensino passaram pelos mesmos problemas (CNTE, 2020).

Em contrapartida, entre os professores que obtiveram acesso a algum tipo de formação prévia desta nova forma de educação emergencial, há duas situações primordiais: uma parte teve apoio de atividades ofertadas pelas Secretarias de Educação de seus respectivos estados, enquanto os outros tiveram algum tipo de tutorial *on-line* que serviram

como base para o uso da plataforma utilizada pela instituição de ensino em que o este leciona (CNTE, 2020).

Como acréscimo a estes dados, pode-se definir dois fatores essenciais para este cenário escolar, a saber:

A discussão sobre a oferta de ensino remoto envolve dois elementos muito importantes e que estão relacionados: saber se os docentes dispõem de recursos tecnológicos (meios de trabalho), tais como: computador, tablet, celular, internet; e qual o preparo desses profissionais para desenvolverem suas atividades de trabalho remotamente (CNTE, 2020, p. 11).

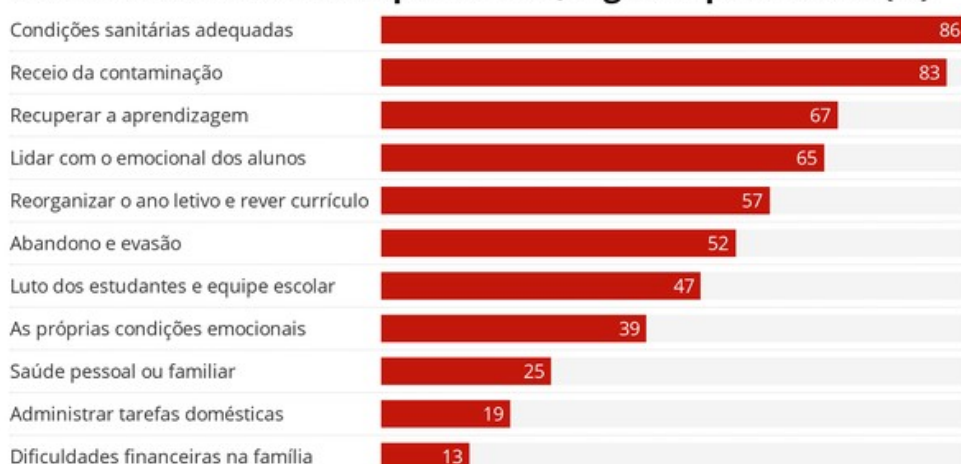
Por conseguinte, foi preciso reinventar todo o sistema de educação em pouco tempo, mas a prática pedagógica continuou sendo garantida aos alunos da rede pública, em especial, tanto estadual quanto municipal. Desta forma, todas as medidas levaram em consideração a legislação brasileira quanto ao direito à educação. Porém, a modalidade remota pressupôs que todos os envolvidos nesta área do ensino possuísem acesso à internet em casa, o que evidentemente não é um fato consumado no Brasil (Palú; Schütz, Mayer, 2020).

Sendo assim, diante dos dados gerais levantados até o momento, além de existirem muitas famílias sem computador e internet em casa, a qualidade, muitas vezes, acaba ficando em segundo plano, além de não ser um ambiente adequado para este tipo de aprendizado (Palú; Schütz, Mayer, 2020).

Com os debates realizados pelas instituições sobre o retorno às aulas presenciais que começaram a ser analisadas e noticiadas por jornais em meados de julho e agosto de 2020, o Instituto Península, organização sem fins lucrativos que atua na área de educação e trabalha para apoiar a melhoria da carreira docente, ouviu os professores para falarem dos desafios das aulas presenciais, por meio de uma pesquisa eletrônica. Na pesquisa, o percentual de professores que se dizem sobrecarregados, cansados e estressados durante a pandemia, cresceu bastante, aponta o levantamento, e a grande maioria se posicionou contra as aulas presenciais em meio à pandemia.

Vejamos, abaixo, (Figura 2) a pesquisa²⁶, divulgada pelo site G1.

26 Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/educacao/noticia/2020/08/31/cresce-percentual-de-professores-que-se-dizem-sobrecarregados-cansados-e-estressados-durante-a-pandemia-aponta-levantamento.ghml>. Acesso em: 23 agosto.2021.

Figura 5: Desafio da volta às aulas presenciais.**Desafios na volta às aulas presenciais, segundo professores (%)**

Fonte: Instituto Península

Fonte: O Instituto Península (2021)

De acordo com a pesquisa, para 86% dos professores, o principal desafio para o retorno das aulas presenciais se refere às condições sanitárias necessárias para evitar a propagação do vírus. Quase 70% citaram a necessidade de recuperar a aprendizagem perdida. O resultado dessa pesquisa nos mostra a preocupação dos professores com o retorno presencial, porém, aponta também uma grande preocupação com a aprendizagem dos estudantes. Além desses desafios, projeta-se, nesse resultado, a luta que os docentes terão ao lidar com situações adversas geradas pela pandemia, que afetam também os alunos e seus familiares, no retorno às aulas presenciais.

Esses dados gerados por esta pesquisa indicam os reais motivos pelos quais os professores temiam o retorno das aulas presenciais e, em nada se assemelham aos discursos de ódio veiculados nas mídias digitais sociais, que, em sua maioria, tacham os docentes de preguiçosos e folgados, entre outros adjetivos pejorativos. No entanto, analisando a pesquisa, notamos que a resistência dos docentes ao retorno das aulas presenciais não era por preguiça, e sim por falta de condições adequadas de trabalho, por biossegurança para eles, os alunos e toda comunidade escolar. Os dados gerados para nossa pesquisa parte dessa resistência dos professores que querem uma volta segura e, por isso, são achincalhados.

O *corpus* para a nossa pesquisa foi gerado a partir de discurso de ataques aos professores nas redes digitais sociais, na página Mídia Ninja, que é vinculada ao Facebook e a outras mídias sociais, como Instagram, Twitter e Youtube. Onde se sabe, a página Mídia Ninja é um movimento independente de jornalístico que apoia as causas sociais, apoia as

causas minoritárias e tem um engajamento social muito pertinente ao nosso trabalho. Por isso, acreditamos que seus conteúdos gerados darão contexto e “munição” para nosso processo de análise. De modo geral, o balanço dos dados da pesquisa aponta insegurança dos professores em relação ao retorno às aulas presenciais, que vão desde condições sanitárias às condições emocionais de todos os envolvidos no processo ensino e aprendizagem.

4.5 Percursos de análise

O percurso de análise que seguiremos tem foco no caminho metodológico apresentado: umas das redes sociais nas quais mais as pessoas emitem suas opiniões, geralmente em resposta às postagens. A página que será rastreada para coletar o *corpus* é A Mídia Ninja²⁷, como já mencionada anteriormente. A partir dessa página, coletaremos discursos de ataques aos professores em tempo de pandemia para constituir o *corpus* da nossa pesquisa e compreender esse movimento de polarização de ódio aos docentes. Os discursos serão extraídos a partir dos comentários dos usuários, nas notícias postadas por esse meio jornalístico, sobre a temática que abordaremos.

Para nos ajudar a compreender esses julgamentos direcionados aos professores na rede social, tomaremos como ponto de partida para a análise de elementos intra e extralinguísticos dos enunciados coletados, que se relacionam e compõem a produção textual. A investigação da nossa pesquisa será apresentada por meio da proposta de análise textual ancorada no Sistema de Avaliatividade proposta por (Halliday, 2014).

Os docentes têm um papel notório durante todo o período de aprendizado de cada educando na escola, desde os anos iniciais até a formatura universitária. Com isso, é fato que os professores precisam ter todo o auxílio necessário, seja de materiais de apoio e até um ambiente adequado, para que os resultados sejam fecundos (Palú; Schütz, Mayer, 2020).

Para além disso, a construção integral do aluno como indivíduo deve ainda ter a influência de outras pessoas próximas que, assim como o docente, irão formar este jovem, tanto em conhecimento quanto em ações:

A educação é uma ação de todos os atores envolvidos, família, escola,

²⁷ Uma rede descentralizada de mídia de esquerda, com atuação em mais de 250 cidades no Brasil. Sua abordagem é conhecida pela militância sociopolítica, declarando-se ser uma alternativa à imprensa tradicional, e tem sua atuação no *Facebook* e *Instagram*.

professores e alunos; se essa ação já é determinante em tempos de aulas presenciais, ganha ainda mais relevância nesse período de pandemia. Uma prática dessa magnitude exige acompanhamento e pequenos ajustes que se fazem necessários, de forma permanente. A constância de propósito definida pela equipe que coordena as atividades e o acompanhamento das ações em curso, um desafio nunca antes enfrentado, mostra que, com o envolvimento e participação de todos, as ações em Santa Catarina veem atingindo os objetivos esperados (Palú; Schütz, Mayer, 2020, p. 34).

As redes sociais são meios de expressão, mas que se alimentam de uma cadeia de eventos que podem decair sobre a vida de incontáveis pessoas. Neste âmbito, muitas vezes, o “status” é mais importante do que os hábitos e ideais, sendo que somente os “likes” são usados para medir suas opiniões como certas ou erradas, embora, de um modo geral, o preconceito reine sobre diversos temas (Pacheco, 2013). Tais falas livres e “sem consequências” cresceram de forma acelerada com a pandemia e a atual polarização política.

É notório que entre as redes sociais mais utilizadas, o Facebook apresenta-se como um “local” onde se tem uma maior concentração e proliferação do discurso de ódio. Desse modo:

[...] o Facebook funciona como ferramenta de comunicação interpessoal para se fazer amigos e se reunir a grupos que deem visibilidade ao usuário, conferindo-lhe “status” naquele mundo. “Naquele mundo”, porque nem sempre fora dali o aplauso é tão evidente, o gestual é tão eloquente, os signos, enfim, são tão ostensivos quanto figuram no meio virtual. No “Face” (abreviação de Facebook), o discurso utilizado guarda especificidades daquele meio distintas do discurso do mundo concreto habitado pelo indivíduo. Há uma espécie de dicotomia entre “usuário” e “indivíduo”, como se “usuário” designasse o habitante do Face, e “indivíduo”, o habitante do mundo real (Pacheco, 2013, pp. 32-33).

Nesta conceituação, o Facebook é uma ferramenta online, sendo expressas todas as vontades e gostos de cada usuário, de acordo com suas percepções de mundo, em que não há uma diferenciação entre os dois cenários, porém, a velocidade com que a informação chega a outras pessoas é incomparável (Oliveira; Junior, 2020).

Em complemento, é válido citar que esta rede social agrega muitas pessoas que podem envolver-se com cada publicação da forma que for mais cabível ao seu entendimento. O nosso caminho de análise, desde o início das inquietações até chegar aqui, na geração de dados e análises do *corpus*, se orientou nos percursos metodológicos aqui mencionados.

Para sustentar teoricamente nossa metodologia, esta é endossada a partir de uma Abordagem Textualmente Orientada (ADTO); para análise da materialidade linguística e

para entender os processos ideológicos a partir de realizações textuais, vinculamos a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) cunhada por Halliday, (2004); para entender os atores sociais e seu comportamento em sociedade, nos orientaremos a partir das teorias propostas por Pedrosa (2005, 2013, 2020).

4.6 Caracterizações da construção discursiva do discurso de ódio contra professores

Chouliaraki e Fairclough (1999) conceituam o termo conjuntura como “um conjunto relativamente constante de pessoas, materiais, tecnologias e, assim sendo, práticas [...] ao redor de projetos sociais específicos” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 22). Nesse sentido, é possível considerar o contexto de polarização de discursos de ódio contra os professores como uma conjuntura que se tornou constante em tempo de pandemia que envolveu diferentes atores sociais: uns que atacam, outros que se defendem.

O sistema de avaliatividade vem sendo estudado ao longo dos anos por pesquisadores e seguidores de Michael Halliday sendo uma categoria de análise desenvolvida para analisar o discurso das aprovações ou desaprovações nos eventos de comunicações produzidas pelos atores sociais ou falantes envolvidos em um discurso. Esse acontecimento de julgamento ocorre porque os usuários de uma língua, em contato com seus interlocutores, expressam como se sentem em relação os eventos de comunicação e pessoas neles envolvidos, mesmo que esta expressão esteja disfarçada em meio ao discurso (Martin, 2003).

Os enunciados coletados são cheios de discursos autoritários, por isso analisaremos discursos de poder com marcas de autoritarismo presente nas falas coletadas. Esse evento de comunicação pode analisar também como discurso hegemônico, pois as pessoas envolvidas na ação defendem ou criticam uma determinada ideia ou modo de agir sob a realidade e essa falta de consenso estabelecida nos discursos coletados ocupa um espaço da busca por uma verdade e, por esse fato, permite que uma ideia seja hegemônica em relação à outra (Gramsci, 1999).

As buscas por esses discursos foram feitas por meio da página Mídia Ninja, ligada à rede social digital Facebook, onde a concentração desses ataques de discurso de ódio é mais intensa por ser uma página considerada politicamente de esquerda e, a partir dessa discussão, percebemos a polarização do discurso de ódio contra o trabalho do professor. Em muitos enunciados coletados, notamos que são levados para uma questão

político-partidária.

O espaço de coleta, a Mídia Ninja, nasceu em 2013 com a cobertura do Fórum Mundial de Mídia Livre, na Tunísia, e ganhou notoriedade no Brasil com os protestos de 2013. Atualmente, acumula mais de 2 milhões de seguidores em sua página no Facebook, a qual nos serve de espaço de coleta dos enunciados. O grupo adota uma abordagem de defesa de movimentos sociais, defesa da minoria e faz um trabalho contra o discurso hegemônico, por isso a nossa escolha para apoio em nossa pesquisa.

Dentre os 60 recortes, coletados foram escolhidos para objeto de análise 24 discursos com carga semântica mais forte, que na nossa pré-análise representam falas hegemônicas direcionadas a professores de escolas públicas, professores com vínculos trabalhistas por concurso público, nas quais os discursos são mais intensos, por esses professores resistirem ao retorno das aulas presenciais, com essa resistência se polarizou os discursos de ataques e os julgamentos de desaprovação do trabalho pedagógico que estava sendo desenvolvido de maneira remota. Por meio da página Mídia Ninja, pudemos filtrar os discursos de ódio em comentários de matéria jornalísticas que a *Fanpage* produziu ou repostou, nesses comentários foram observados ataques e julgamento, foi por esse olhar orientado pelo texto ADTO, o qual sugere atenção de análise aos textos como elementos de mediação da realidade social. Portanto, foi essa base teórica de análise nas reflexões de Fairclough (1992, 2008, 2003, 2021), que nos orientou a escolha do sistema avaliatividade.

Dessa maneira, os discursos que atingem o docente constituem o *corpus* desta pesquisa, que traz no seu corpo de análise articulação com a Análise Crítica do Discurso e um diálogo sociológico e comunicacional desses discursos com a ASCD, que, em linhas gerais, traz em seu texto de base diálogo transdisciplinar, principalmente, com a sociologia para uma mudança social.

5 VOZES DA VIOLÊNCIA: MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA, CONSTRUÇÃO DISCURSIVA E NATURALIZAÇÃO DO ÓDIO AOS DOCENTES

Levando em consideração as questões referentes à ideologia e poder já pontuadas nesta dissertação, destacamos que este capítulo objetiva discutir, à luz de Thompson (2011) o conceito de legitimação e de fragmentação enquanto um dos modos de operação de poder da ideologia. As reflexões tecidas se apoiarão, sobretudo, nos discursos de ódio dirigidos aos professores da educação básica brasileira, durante o período da pandemia da Covid-19. No crivo dessas discussões, além de Thompson, outros autores e teorias afins a este serão citados.

Para além de discutir sobre ideologia e seus modos operantes, o capítulo promove discussões a respeito de abordagens decoloniais do discurso. Estas, a grosso modo, visam desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos historicamente subalternizados, além de a decolonialidade ser entendida, também, enquanto uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo.

Os discursos decoloniais, além de serem instrumentos de resistência ao não colonialismo que ainda se presentifica nas mais diversas formas e, sobretudo, nos discursos reproduzidos, cotidianamente, em nossa sociedade-, se fundamentam em humanizar a sociedade civil no sentido de esta reconhecer a função social e politizada do professor, objeto de discussão neste trabalho, nos processos de construção de uma humanidade que trabalhe para e pela cidadania. Para isso, o capítulo pontuará análises dos discursos de ódios em desfavor da classe docente, à luz da linguística sistêmico-funcional e o sistema de avaliatividade. Por fim, serão discutidas sobre as mudanças sociais e novas perspectivas da carreira docente no contexto da pós-pandemia.

Retomando a noção de ideologia, destacamos que esta, em linhas gerais, é um sistema de ideias, valores e princípios que definem uma determinada visão de mundo dos grupos humanos. Dependendo da leitura e olhar que se lance sobre esta, ela pode ser uma ferramenta de orientação e formação social extremamente precisa, porém, pode ser algo bastante negativo, que fortalece e mantém sistemas de poderes de um grupo em detrimento de outro. De forma concomitante a este último pensamento, Foucault, em sua obra *A ordem do Discurso* (2018) diz que o poder é uma prática social construída historicamente e que, por vezes, vozes são silenciadas, nas sociedades modernas, a fim de se manter a estrutura simbólica-hegemônica de um grupo em detrimento de outro. Nessa direção, é no crivo da abordagem de ideologia e poder que focalizarmos as nossas análises e considerações.

A ideologia, é, ao longo do tempo, vista como uma espécie de consciência distorcida que mascara as contradições da sociedade, contribuindo, infelizmente, para a reprodução do sistema. E aqui a gente pode retomar as ideias de Foucault, quando ele diz que, para que as estruturas de poder sejam mantidas, vozes precisam ser silenciadas e a verdade aniquilada por um grupo. De modo similar a esses pensamentos, na obra *Ideologia: uma introdução* (1997), Terry Eagleton complementa a teoria de Thompson (2011) - este afirma que a ideologia, de modo geral, representa sistemas simbólicos que emergiram às vésperas da secularização e que serviram/servem para mobilizar movimentos políticos e/ou legitimar poder político nas sociedades modernas. Isso posto, Eagleton pontua que a condição de ser oprimido possibilita algumas sutis compensações, e é por essa razão que, por vezes, estamos dispostos a tolerá-la. O opressor, quando eficiente, consegue “seduzir” seus subalternos a amar, desejar e identificar-se com o poder que é imposto, e qualquer tentativa de libertação ou subversão dessa ordem implica o libertar de nós mesmos. Isso é, o oprimido acaba sendo convencido de que o seu lugar é ali.

Os modos de operação da ideologia dominante, propostos por Thompson (2011) contribuem para que os discursos de ódio ganhem força na sociedade, o que faz reproduzir e potencializar movimentos de inferioridade atribuídos aos povos subalternizados, ou seja, àqueles grupos que foram, ao longo da história, oprimidos e colocados à margem da sociedade, dos quais citam-se os negros, os indígenas, as mulheres, os mestiços, os LGBTQia+ e, sobretudo, os professores que, para o poder hegemônico vigente, representa um grupo ‘perigoso’ capaz de estremecer o sistema e as cercanias construídas, para manter a “ordem”.

Segundo Thompson, a manutenção das ideologias dominantes ou estruturas de poder agem, na sociedade, por meio de vários modos operantes, dos quais citam-se: *Legitimação; Dissimulação; Unificação; Fragmentação e Reificação*. A *legitimação*, como o próprio nome sugere, é um modo de operação ideológica na qual as relações de dominação surgem e são mantidas com a justificativa de que são legítimas, legais e dignas de validação e apoio. Se dá por meio de três construções simbólicas, que são: *Racionalização; Universalização e a Narrativação*. A *racionalização* imprime a ideia de se recorrer às regras, leis, argumentos de propriedade para respaldar as ações de um determinado grupo que, no caso em questão, se trata do grupo de poder dominante. A *universalização*, por sua vez, consiste em apresentar interesses de ordem individual como sendo de interesse coletivo. Já a *narrativação* se debruça em recorrer a narrativas, histórias do passado, para legitimar

crenças e identidades.

Nos processos de *dissimulação*, por exemplo, a ideologia é usada para dissimular, mascarar, disfarçar relações de dominação. Se dá por meio de muitos recursos linguísticos, do qual cita-se a eufemização, que consiste em suavizar uma ideia tensa que foi dita, por meio da troca desta por uma frase ou expressão de menor impacto. Já a *unificação* ocorre quando as relações de dominação são estabelecidas e sustentadas por meio da construção simbólica da ideia de unidade. Isto é, a dominação se dá por meio da justificativa de que tal ação ou iniciativa é para o bem comum de todos.

Nesse movimento, o processo de *fragmentação*, como o nome sugere, separa, desfaz e divide sujeitos ou grupos que possam ameaçar a dominação hegemônica, processo mais recorrente nos discursos de ódio contra o professor. Já a *Reificação*, de forma diferentes dos outros modos operantes, é um modo de dominação que visa naturalizar situações históricas, eternizando acontecimentos ou fatos. Dito de outro modo, neste modo operante de ideologia, os sujeitos são reduzidos a “coisas”, “objetos”, que precisam atender/cumprir as demandas para as quais são pagos, independente da circunstância.

Vejamos, abaixo, o recorte desses modos de operação da ideologia:

Quadro 8: Modos de operação da ideologia

Modos gerais de operação da ideologia	Estratégias típicas de construção simbólica
Legitimação (a relação de dominação é justificada como legal e legítima)	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação (a relação de dominação é mascarada, abafada, dissimulada como sendo boa e justa)	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação (a relação de dominação se dá por meio da ideia abstrata de unidade)	Estandartização Simbolização da unidade
Fragmentação (a relação de dominação se dá por meio da segmentação de grupos que possam ameaçar o poder do grupo dominante)	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação (a relação de dominação se dá por meio da retratação de uma situação ou fato transitória como sendo permanente)	Naturalização Eternalização Nominalização/Passivização

Fonte: elaborado pelo autor com base em Thompson (2011, p. 81).

Como vimos, esta proposta metodológica dos modos operantes da ideologia criada por Thompson (2011) nos fornece ferramentas de análises importantes para o

reconhecimento e identificação de discursos opressores presentes na sociedade e que, por vezes, soam como falas ou posicionamentos saudáveis do ponto de vista interpretativo. Desse modo, conhecer esses modos operantes é de suma importância para entendermos nosso estar e lugar no mundo, tendo em vista que, por meio destes, é possível identificar: (a) se estamos sendo respeitados ou ridicularizados; (b) se estamos sendo oprimidos ou se somos os opressores; (c) se estamos sendo coniventes ou militantes em relação ao poder do grupo dominante.

5.1 Análise crítica dos discursos de ódio

Informamos ao leitor desta dissertação, que as considerações que seguem a seguir correspondem a análises de alguns discursos, que romantizam/naturalizam as condições precárias de trabalho e disfarçam a vulnerabilidade da classe docente, o que reforça a existência e manutenção de um mecanismo de manipulação simbólico que assujeita o professor, reduzindo-o à condição de objeto da história. Além disso, esse mecanismo de manipulação é uma das formas de construção de um discurso perverso de controle, que tira a autonomia e lugar de fala do educador, o que potencializa e reacende discursos de ódio.

O fechamento das escolas, diante do protocolo sanitário para a contenção e controle da disseminação do vírus, revelou, contrariando muitos dos discursos de ódio que se ouvia em relação ao fato de que os professores não mais estavam dando aulas, bons exemplos de trabalho docente. Nesse sentido, vimos, como iremos comprovar no decorrer deste tópico, que professores fizeram muitos esforços, no sentido de criarem situações de aprendizagens com os recursos que tinham, no momento, a fim de suprir às faltas de recursos adequados nas escolas e/ou facilitar o acesso dos estudantes às aulas remotas. Práticas vistas como louváveis diante do cenário tenso e desanimador no qual nos encontrávamos. Professores pedalando quilômetros, fazendo gastos dos seus recursos para trabalhar. Professora improvisando quadro nos azulejos de sua cozinha para poder dá suas aulas são/ foram exemplos do quão humanizador e preciso é a figura de um professor na sociedade. Entretanto, a performance docente aqui destacada não foi/é reconhecida pelo Estado, tampouco pela própria sociedade civil que - como veremos nas abordagens e análises das temáticas discursivas apresentadas no decorrer deste tópico – ofende e inferioriza o fazer docente, questionando o magistério e suas marcas, que são tão profundas. Falas como essas, aliás, reforçam o quanto o educador não foi/é prioridade durante a pandemia e, porque não

dizer, depois dela. Dessa forma, insiste-se, o professor é um ser humano integral e tem suas complexidades físicas e emocionais que, desde sempre, precisam ser reconhecidas.

Ou ainda:

Nessa trajetória, é preciso seguirmos na edificação de uma educação alicerçada na vida humana e na dignidade das pessoas. Urge utilizarmos uma prática educativa que se comprometa com a verdade, e que seja capaz de sensibilizar nossos discentes, no que tange à importância da justiça e da rejeição aos sentimentos de ódio e de vingança resultantes da mencionada desumanização. A missão da educação, no Brasil, só estará completa a partir do instante em que for, realmente capaz de formar seres humanos mais humanos (Fagundes, 2020, p. 120).

A partir dessa discussão, notamos que é preciso refletir sobre os discursos de ódio e ataque proferidos contra os professores que, por vezes, são romantizados socialmente. Discursos esses que fundamentam discursos de controle, na qual a linguagem é o recurso expressivo utilizado. De forma concomitante a esse fato, Foucault (2018) vem nos dizer que o discurso é um lugar no qual se instauram e perpetuam relações de abuso de poder, hegemonia e violência, o que faz alimentar a barbárie social historicamente construída.

Infelizmente, as falas e discursos estereotipados em relação aos professores não contribuem para uma discussão crítica do real problema que envolve a educação brasileira, o que é bastante negativo, haja vista que um país só avança por meio da educação e, para além de ser um direito legal, ela, a educação, é uma necessidade humana, pois, por meio dela, o homem humaniza-se e se transforma no individual, refletindo na coletividade.

Retomando a questão dos discursos de ódio que são, corriqueiramente, proferidos, seja nas redes sociais, seja na sociedade, de modo geral, destacamos que estes deslocam à educação para um campo de atuação marginal, no sentido de pensarmos que ela não consegue, hoje, cumprir sua função social, que é formar cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade. Atuação essa capaz de gerar humanidade, na qual se pense e trabalhe para e pelo bem comum. Nesse seguimento, discursos dessa natureza alimentam a hegemonia de poder e formas de expressão, por meio da linguagem, autoritárias e impositivas.

Diante do exposto, como forma ilustrativa, vejamos alguns desses discursos, nas figuras abaixo:

Figura 6: Professora Ensina Matemática nos Azulejos da cozinha²⁸**Figura 7:** Educação delivery²⁹

Como vemos, as duas imagens refletem à força e resistência da classe docente, que, aliás, luta contra as mazelas e forças do próprio sistema que, nem sempre, oferta as mínimas oportunidades de acesso e permanência do professor, na sala de aula. Desse modo, ao fazermos uma leitura crítica dos discursos que norteiam as reportagens, percebemos que é possível identificar as artimanhas discursivas presentes nos comentários. Mas antes de refletirmos sobre, convém pensarmos sobre o que Van Dijk (2008) pontua a respeito do

²⁸ <https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2020/09/14/professora-do-rj-inova-ao-usar-azulejos-da-cozinha-como-quadro-para-ensinar-matematica.ghtml>

²⁹ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/29/professora-pedala-pelo-sertao-do-ceara-com-educacao-delivery-para-criancas-com-deficiencia.ghtml>

discurso de poder, a saber:

Se o discurso controla mentes, e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar. Como eles fazem isso? Se eventos comunicativos consistem não somente de escrita e fala “verbais”, mas também de um contexto que influencia o discurso, então o primeiro passo para o controle do discurso é controlar seus contextos (Van Dijk, 2008, p. 19).

Nessa perspectiva, notamos como o discurso de ódio e seus contextos de produção causam desavenças entre as pessoas, cujas consequências são imensuráveis, uma vez que a sociedade estando dividida, não contribui para o diálogo construtivo e socialmente saudável. A esse respeito, em se tratando dos discursos de agressão verbal contra o professor, é possível identificar a presença de um discurso amedrontador contra mentes e ações pedagógicas, aliás, esse fato é visto nas duas reportagens, que se utilizam de um discurso voltado para o heroísmo em favor das professoras inovadoras com relação às suas práticas. De modo simultâneo, os elogios dados às professoras mascaram à aversão aos demais professores, que são atacados, simbolicamente, em razão da mesma simbologia de sentidos, as suas metodologias.

O ponto em comum das duas reportagens é a simplificação de problemas que são profundos na sociedade. A ideia de solução simples causa um movimento, na sociedade, de cobrança e ataque em relação ao professor, cujas falas não atingem o foco do problema, o que culpabiliza quem não é o responsável, omitindo a responsabilidade, de forma intencional, de pessoas ou segmentos específicos.

Retomando à questão das reportagens, na Figura 6, os professores recebem, no WhatsApp, uma mensagem “motivacional” que faz a própria categoria se “coroar por dentro”. Porém, o elogio da boa prática pedagógica é revestido por ódio, haja vista a fala “*Às vezes cabe a nós darmos um jeito para segurar os nossos empregos*”. Para refletirmos a respeito desta frase, iremos, já pré-anunciando às abordagens das temáticas discursivas que serão feitas mais adiante, nos apropriar dos conceitos da *Linguística Sistêmico- Funcional* (LSF) cujas análises, no âmbito das categorias sociodiscursivas, sustentam-se, linguisticamente, no princípio da Avaliatividade e seus subsistemas, a saber: Atitude, Gradação e Engajamento (Vian Jr., 2010).

No trecho em questão, tem-se a postura engajada da falante em relação à postura docente que se espera. Esse engajamento evoca interlocutores dentro de um mesmo campo

de sentidos, sendo, assim, de caráter monoglóssico, uma vez que não há uma relação dialógica dentro do discurso que está sendo ofertado. Dito de outro modo, a fala da gestora corresponde a um discurso que não possui elementos de dialogismo, no qual se possa expandir a abordagem de análise e reflexão. Além disso, percebemos, ainda, que a fala destacada é carregada de Atitude, que é manifestada por meio de Julgamento de estima social. Ou seja, à medida que a fala da gestora denota uma expressão de sentimento, a natureza do discurso, aliás, contempla, ainda, uma avaliação dos comportamentos dos demais professores, que não seguem a mesma linha de prática pedagógica que foi admirada, o que inferioriza e rebaixa os demais profissionais docentes em termos de capacidade.

Partido do pressuposto que esta mensagem foi enviada por uma gestora que, nas dinâmicas de poder da escola, são pessoas que exercem bastante influência, esse discurso pressiona, intimida e sugere que os educadores se inspirem e se utilizem da mesma prática que está sendo elogiada. Porém, em momento algum, não há o questionamento de o porquê essa professora está usando as paredes de sua casa para dar aulas de matemática. Essa postura negligenciada da gestora ao não problematizar o fato citado, esconde e camufla o problema maior da educação brasileira, que é de ordem estrutural e, jamais, seria os professores, como ela mesma quis colocar.

Vamos, agora, para a análise da segunda imagem. Na Figura 7 observamos que uma professora, com uma bicicleta simples, a professora Novaes, pedala embaixo de sol forte nas estradas do sertão do Ceará para dar aulas a mais de 30 crianças e adolescentes com deficiência que não têm acesso à internet, na pandemia. Nessa direção, a mesma estratégia ideológica-discursiva feita no comentário da imagem anterior, se faz presente no comentário da reportagem 7. Onde lemos: ***“Isso que é professor, não aqueles vagabundos que só querem ficar em casa recebendo dinheiro, mamando na teta do governo e reclamando de tudo”***.

No discurso de ódio destacado acima, vemos, explicitamente, as “pílulas diárias de maldade” disseminadas nas redes sociais e incentivadas por autoridades governamentais, bem como *Influencers* digitais atingirem, sem direito a defesa, os professores. Esse tipo de discurso polariza e fragmenta a classe docente e incentiva a sociedade ao discurso de ódio e ao expurgo do outro (Thompson, 2001). Dessa forma, o tribunal digital julga esses sujeitos à sua maneira ideológica movido por um sistema negacionista que nutre a cultura da odiosidade.

Neste último discurso, o falante, também, assume uma postura engajada a partir

do espaço do qual enuncia, ao mesmo tempo que parece pressupor o acordo dos leitores, evidenciando a monoglossia, ou seja, vozes que coadunam entre si, não abrindo espaço para o dialogismo inerente aos processos interlocutivos, de trocas de posições que são intrínsecas ao discurso na perspectiva funcional. Essa ideia de acordo feito entre o discurso e seus leitores se dá no campo do julgamento por sanção social, haja vista que ***“Isso que é professor, não aqueles vagabundos que só querem ficar em casa recebendo dinheiro, mamando na teta do governo e reclamando de tudo”*** o termo sublinhado reforça o princípio de propriedade presente nos conjuntos de regras, que são construídas culturalmente. Dentro dessa formulação, os professores são “obrigados” a dar aula. Reclamar e exigir o cumprimento de direitos é algo que não os compete, segundo essa logística de análise do discurso.

A postura de julgamento, aliás, também é reforçada pelo recurso de Gradação, mecanismo de força, constituído pela palavra “vagabundos”. O adjetivo em questão corresponde à característica de quem caminha sem rumo determinado, que perambula ou vagueia; andarilho. Portanto, o discurso de que os professores não querem trabalhar - só reclamam, só querem ficar em casa, não cumprem suas funções - é reforçado pela intensidade do léxico “vagabundo”, que, além de ser uma palavra tida como pejorativa, é um termo graduado que intensifica o significado do discurso.

No quadro que segue, apresentamos ao leitor, desta dissertação, as quatro temáticas discursivas que orientarão as análises dos discursos de ódio na perspectiva da Linguística Sistêmico- Funcional, (Martin, 2003). Destacamos, aliás, que a ordenação das análises será por temática. Dentro da abordagem de cada temática, escolhemos um ou dois discursos (discursos que estão enumerados dentro da própria tabela). Essa escolha foi acionada em função de permitir uma melhor articulação das ideias, no sentido de objetividade discursiva.

Quadro 9: Temáticas discursivas.

TEMÁTICA DISCURSIVA -1 ↓ HEGEMONIA	TEMÁTICA DISCURSIVA- 2 ↓ SEGURANÇA SANITÁRIA	TEMÁTICA DISCURSIVA - 3 ↓ ESTIGMA IDEOLÓGICO	TEMÁTICA DISCURSIVA - 4 ↓ INVASÃO DE COMPETÊNCIA
---	--	--	--

Discurso 1: “Vc é paga pra dar aula, tenho certeza que não trabalha de graça. E ninguém te obriga a aguentar filho de ninguém, isso foi uma escolha sua, né”	Discurso 7: “Greve sanitária, que ridículo. Educação é essencial! Professores egoístas querem ambiente 100% seguro! Voltem logo para as salas de aula!”	Discurso 13: “Professores que ao invés de lecionar sua matéria forma revolucionários e cidadãos ‘crítico’ (leia-se jovens com mentalidade à esquerda e marxista), não é professores e sim militante político.”	Discurso 19: “e em duas horas fazem o plano de aula da semana toda, depois é só curtir a folga e esperar o salário cair na conta, e tivessem cortado ou diminuído o salário dos funcionários públicos que estão sem trabalhar, essa pandemia não teria durado 3 meses...”
Discurso 2: “Professor que não se sentir seguro, e só pedir as contas e ficar em casa pronto, a galera da iniciativa privada nunca parou, mas donzela do estado e município não pode porque são reis, e só pedir as contas e ficar em casa.”	Discurso 8: “Não querem saber de trabalhar mesmo né? Vacinaram pra que? Se é pra ficar em casa, não deveria ter sido incluído em grupo prioritário, bando de folgados.”	Discurso 14: “Pra mim, numa altura dessas, 1,5 ano sem aula, e professor vir falar de greve? É um covarde que não quer trabalhar. Provavelmente ligado a partidos de esquerda e sindicatos da vadiagem.”	Discurso 20: “A vida tem enfrentamentos, e professores estão aí para ensinar a melhor maneira de atravessar a dificuldade. Parar essa e toda educação por pânico e histeria não é uma opção pedagógica.”
Discurso 3: “Se dependesse dos professores, não voltaria tão cedo. Estão com salários pagos. Cortem os salários dessa cambada de vagabundos.”	Discurso 9: “Estavam pedindo emprego na ‘manifestação’, mas já desistiram da ideia, rs não sabe mais pra onde vai. Sindicatos ... rs”	Discurso 15: “Garanto que os querem fazer greve são gados do energúmeno do Paulo Freire.”	Discurso 21: “Deveriam era cortar o salário deles, que aí tomaria jeito e voltaria de verdade. Pq na escola minha filha aqui em BH as professoras dela fizeram greve antes de começar a pandemia, aí emendou tudo e nem se dão o trabalho de mandar as atividades escolares.”
Discurso 4: “E os únicos responsáveis por isso são os professores. Qdo o prefeito ou governador fala em voltar as aulas, os vagabundos do sindicato ameaçam de greve. Tem que demitir os que não querem trabalhar. Só assim p voltar as aulas presenciais.”	Discurso 10: “Parem de romantizar o sofrimento, bando de imbecis”	Discurso 16: “Sindicalista vagabundo não trabalha e nem quer q os outros trabalhem. Agora querem saber mais do que os infectologistas. Bando canhota parasita”	Discurso 22: “Quase 2 anos sem darem aula e pode ter certeza se forem vacinados ainda inventarão outra desculpa pra não voltar. Ficar em casa recebendo é muito bom. Pode começar o mimim.”
Discurso 5: “Engraçado né,”	Discurso 11: “Não tem o que fazer e	Discurso 17: “Os professores acham	Discurso 23: “Eles já não gostavam de

professores ire para o centro da cidade sábado passado fazer aglomeração em passeata pode ir para churrasco em sitio, praia, buteco, também podem, mas ir trabalhar essa cambada não quer, vai vendo só!	o que dizer, agora estão na fase do delírio.”	que são uma classe superior, a grande maioria fazendo militância política, ã estão nem aí com os alunos, bando de canalha hipócritas, o que falta é vergonha na cara”	estudar e os professores não gostavam de ensinar. Misturou tudo e deu nisso.”
Discurso 6: “Quem trabalha no comércio mesmo sem nenhuma dose estão trabalhando, os médicos estão trabalhando, todo mundo está trabalhando, porque os professores são melhores que o resto da população”	Discurso 12: Corta o salário. Corta cabelo. Corta salário. Chega dessa cambada fazer o que querem da educação pública.	Discurso 18: “Bando de militantes esquerdistas. E todos trabalhadores que estão atuando dia após dia durante a pandemia? Os professores não são melhores que os demais trabalhadores não. Bando de hipócritas!”	Discurso 24: “Jamais havetá aulas presenciais. Os professores descobriram que ganhar dinheiro público em casa é melhor que ir ao trabalho. E ainda sobra tempo para o churrasco, o shopping, as idas as praias, as festinhas e etc. Eita cambada de mamadores!”

Fonte: Elaborado pelo autor.

A princípio, antes de iniciarmos as análises das escolhas lexicais ou expressões presentes nas abordagens das temáticas discursivas, apresentadas na tabela acima, destacamos que em todas as seções das temáticas, nos deparamos com formas e construções linguísticas endossadas nas relações de abuso de poder, hegemonia e violência psicológica. Somado a esse fato, Foucault (2018) já citado, vem nos dizer que precisamos, urgentemente, de projetos contra hegemônicos, alternativos, para a transformação social. Assim, temos nas abordagens da LSF o pressuposto de que a linguagem é parte decisiva desses processos, e é por isso que as escolhas linguísticas que fazemos e avaliamos devem se preocupar também com esse aspecto.

Destacamos, ainda, o fato de que nas quatro temáticas discursivas que analisaremos, há a presença da Atitude, enquanto um dos campos de interação e expressão atitudinal da avaliatividade, (Martin; White, 2005). A Atitude, que é manifestada por meio dos sentimentos, reações emocionais ou julgamento de comportamentos, se presentifica nas quatro seções das temáticas discursivas, haja vista que os discursos coletados, predominantemente, possuem sua gênese em reações emocionais dos seus falantes. Porém,

como veremos, o recurso da Atitude é, em sua maioria, respaldado por meio do mecanismo de julgamento de estima social, que são compreendidos como mecanismos linguísticos de poder que julgam e rebaixam socialmente, colocando sob suspeita o princípio de capacidade do ser julgado, que no caso em questão, é o professor.

Além disso, destacamos, também, que o posicionamento da Atitude em relação ao afeto pode ser classificado em autoral e não-autoral. Nesta dissertação, aos analisarmos as transcrições, percebemos que os fragmentos selecionados referentes ao Afeto/Atitude são não-autorais, tendo em vista que o falante, raras vezes, usa marcar de pessoalidade, como por exemplo, verbos conjugados na primeira pessoa ou pronomes pessoais, o que reforça o fato de que o falante não se responsabiliza, diretamente, pelo discurso que é proferido. Procura “atacar” o professor em nome de uma coletividade.

5.1.1 Hegemonia

Na categoria em questão por tratar-se de hegemonia, serão apresentadas análises de discursos em que são proferidos por aqueles que se sentem soberanos ou superiores aos que são alvos de suas falas, que no contexto ora apresentado, são os professores, esta observação se deve ao fato que em sua maioria, os discursos trazem um tom jocoso e depreciativo atribuída a figura do docente no contexto pandêmico, além de escarnecer da profissão, fazendo pouco caso de todo o esforço e conquistas que os profissionais tiveram ao longo da vida docente.

Esse fato segundo Thompson (2011), em seu estudo de ideologia, pode estar relacionado a um problema de interpretação, já que muitos integrantes destes grupos de ódio, veem na simbologia da profissão docente, que os profissionais são preguiçosos e que não fazem nada, principalmente se estes profissionais são da rede pública de ensino, posto que para essas pessoas, quem é funcionário público, não trabalha.

Dentro deste contexto, a relação trabalhista (trabalho-pagamento) é uma questão social e política que preocupa milhares de brasileiros desempregados ou em subempregos. Essa ideia de que “se eu não trabalhar, não tenho direito a nada” é resquício, talvez, do tempo escravocrata, pois os escravizados não tinham nenhum direito se não trabalhassem como o Sr. do Engenho/patrão determinava. Trazendo esse fato para as análises que estamos elencando, inferimos que o professor não parou de trabalhar no período pandêmico, pelo contrário, aumentou bastante as suas horas de trabalho e de estudo, uma vez que muitos

tiveram que aprender a ministrar aulas remotas, a usar os recursos tecnológicos adquiridos com recursos próprios e a interagir com os estudantes por meio das máquinas, que em muitos dos casos que foram noticiados, não possuíam muita afinidade com as novas tecnologias que foram integradas ao âmbito de trabalho deles.

Importa destacar que a estrutura física das escolas privadas e a sua capacidade de adequação às novas demandas não devem ser comparadas com as das escolas públicas, pois essa seria uma comparação desigual e injusta. A quantidade de alunos assistidos por esses dois segmentos de escolas é bastante diferente. Enquanto na rede privada o número de alunos é menor, na rede pública é demasiadamente grande. Logo, em instituições privadas, por exemplo, o distanciamento social era possível ser feito, já na pública não, principalmente, pela alta demanda de alunos, o que justifica o fato de que muitas escolas privadas mantiveram os serviços de aulas presenciais durante a pandemia, porém, as escolas públicas não tiveram opção, foi preciso recorrer ao modelo de aulas remotas.

A volta ou não às aulas presenciais não dependeu da vontade do professor. Este sempre quis estar na escola, pois, de um momento para outro, ter sua casa invadida pela escola, por vários alunos e por pais não foi uma opção, foi uma necessidade imposta pela crise sanitária provocada pela Covid-19. A culpabilização pública do professor pela demora na abertura das escolas e retorno presencial das aulas tornou o dia a dia do profissional mais traumático. É dentro dessa seara de reflexão que trazemos os trechos abaixo, atribuído à temática discursiva:

Discurso 01:

“Se dependesse dos professores, não voltaria tão cedo. Estão com salários pagos. Cortem os salários desses vagabundos.”

Discurso 02:

“Professor que não se sentir seguro, e só pedir as contas e ficar em casa pronto, a galera da iniciativa privada nunca parou, mas donzela do estado e município não pode porque são reis, e só pedir as contas e ficar em casa.”

Nos trechos em questão, tem-se a postura engajada da falante em relação ao

princípio da negatividade e positividade. A negatividade diz respeito ao fato de os professores, da rede pública de ensino, continuarem recebendo seus salários, haja vista que, para o falante do discurso, esses professores não estão trabalhando, e a positividade, para o falante, seria cortar os salários deles ou que eles peçam as contas, se não estiverem se sentindo seguros diante da possibilidade de voltar a trabalhar de forma presencial (Vian Jr., 2010).

Além disso, de forma generalizada, eles utilizam de forma ideológica uma narrativa enganadora, usando de falas prontas que são narradas por determinados políticos, para tira o foco da população do problema central que neste contexto pandêmico, é a Covid-19. Para Thompson (2011), este é um modo que certos doutrinadores políticos, utilizam em suas narrativas, formas simbólicas dentro de diferentes contextos de vida das pessoas, para as dominarem, o que ficou bastante evidente nos últimos 4 anos.

Esse engajamento evoca interlocutores dentro de uma mesma região de sentidos, sendo assim, de caráter monoglóssico, ou seja, vozes que não possuem elementos de dialogismo que permitam uma expansão de uma perspectiva, aberturas discursivas. Ela fala para pessoas do mesmo contexto, envoltas na sociedade civil, cuja bandeira política é a da direita, ocorrendo, aqui, a fragmentação postulada por Thompson (2011), haja vista que, os professores da educação pública brasileira, em certa medida, representam à esquerda política do país, por essa razão, são tão criticados e ridicularizados por grupos conservadores da direita.

Outro ponto a se destacar pelas vozes desses discursos, é que a grande maioria tem como visão o capitalismo, que na visão deles individualista, o dinheiro é pago a quem é merecedor por meio do esforço ou merecimento, ou seja, para receber algo, você tem que mostrar o seu valor. Isso porque eles atribuem valor e apego ao trabalho, assim como um certo desprezo pelo que diz respeito às lutas de classes e as minorias, posto que para eles, a meritocracia existe para dar tudo àquele que se esforçam, o que na visão deles esses grupos não fazem, além disso, eles não pensam que muitas vezes, o meio em que a pessoa ou grupo está inserida, tem muita influência. Com isso, as vozes desses discursos proferem avaliações de valor negativo que são contrárias as de Martin (2000), já que ele destaca a culpa ao governo pelo mal desempenho da economia, já o grupo em questão, impõe a culpa àqueles que na visão deles, “os docentes que não querem trabalhar”, prejudicando assim o desempenho dos alunos e consequentemente a economia do país.

Mediante estes pensamentos, Martin (2000), aponta que este tipo de discurso

vem com base em julgamentos que as pessoas que se acham moralistas, que se acham mais capacitadas e dentro da legalidade, considerando assim estes discursos como normais, contudo, o autor destaca que isso ocorre não somente por isso, mas também pela cultura, experiências e expectativas em que essas pessoas estão inseridas, assim como suas suposições e crenças, que no caso dos autores dos discursos, foi salientado pelas falas proferidas e estimuladas, por muitos políticos de direita do Brasil

Outrossim, esse ponto de vista proferido nas falas acima é, aliás, endossado pelo aspecto da gradação por força, constituído pelos adjetivos “vagabundos” e “donzelas”. O primeiro corresponde à característica de quem caminha sem rumo determinado, que perambula ou vagueia; andarilho. O segundo refere-se a quem é preguiçosa/o, que não ajuda em nada, que fica esperando os outros fazerem todos os serviços e quer tudo pronto na mão, sem nenhum esforço; dondoca.

Portanto, o discurso de que os professores “não querem trabalhar”, é reforçado pela intensidade do léxico “vagabundo” e “donzela”, que representam, dentro da análise sociodiscursiva da Linguística Sistêmico Funcional, termos graduados que intensificam, de forma negativa, o significado do discurso que está sendo exposto, sem contar que o termo “donzela” traz um significado depreciativo em relação a pessoa, seja homem ou mulher, posto que é um termo dado a quem vive protegido em redoma de vidro e não pode ser exposto, geralmente sendo utilizado como ofensa àqueles que eles consideram covardes.

Os léxicos “vagabundo”, e “donzela”, atribui aos professores caráter negativo e depreciativo. Como uma forma de desqualificar a identidade profissional na tentativa de naturalizar o discurso de que professor ganha sem trabalhar e, que por isso, são vagabundos e merecem ser punidos com cortes em seus salários. Nesse caso, nota-se a fragmentação operacionalizada pelo expurgo do outro e deferenciação.

Por fim, os discursos apresentados nesta categoria entram de acordo com a Vian Jr. (2010), na avaliação ou *tokens* de julgamento:

Para tanto, então, esses *tokens* supõem normas sociais partilhadas. Elas se apoiam em conexões convencionalizadas entre ações e avaliação, continua o autor, ou seja, elas dependem altamente da posição do leitor: cada leitor interpretará os *tokens* de Julgamento de um texto de acordo com o seu posicionamento cultural e ideológico (Vian Jr, 2010, p. 167-168).

Esse *Tokens*, corrobora com a observação feita por Martin (2000), quando este aponta a questão ideológica do autor do discurso, com os pensamentos proferidos por eles

nas redes sociais. O que também pode estar inserido na produção e circulação simbólica que Thompson (2011), fala acerca das sociedades modernas, que buscam se basear muito no que determinada mídia ou outros meios de comunicação revelam em seus canais, repassando em suas programações pensamentos dogmáticos e ideológicos acerca de determinado conteúdo, principalmente quando este, é relacionado a família tradicional, doutrinas e partidos políticos. Nesta temática foi possível identificar situações discursivas que reforçam a hegemonia, que se consolidam, neste sentido, nos discursos de controle, em desfavor de uma classe que luta por melhores de trabalho e contribui para uma educação de qualidade do país.

Com isso assinalado, partimos para a temática discursiva 02, ora intitulada “Segurança Sanitária”, onde esta discorre sobre a necessidade do distanciamento social e a não oferta das aulas presenciais, em tempos pandêmicos.

5.1.2 Segurança sanitária

Na categoria intitulada de segurança sanitária, serão apontadas as medidas tomadas mediante a situação pandêmica no mundo, destacando os diversos discursos proferidos que iam contra o estabelecimento das seguranças sanitárias estabelecidas, em destaque, a questão do distanciamento que levou ao estabelecimento das aulas remotas.

O que segundo Thompson (2011), esta atrelado ao pensamento ideológico, que na maioria dos discursos proferidos neste capítulo, é influenciado pelos meios de comunicação, que no caso em questão, são as redes sociais, já que estas são utilizadas como mecanismo de indução para determinados grupos dominantes, pregarem seus pensamentos ideológicos, principalmente, com aqueles que são contrários aos seus ideais políticos, o que fica evidente durante o período pandêmico, já que muitos dos discursos apontavam alguns professores com “esquerdistas”.

Sabemos que a pandemia da Covid-19 determinou uma nova configuração de mundo, no sentido de moldar novas conjunturas sociais e comportamentais, fosse no âmbito do trabalho, fosse no contexto dos serviços da educação. Todos os segmentos sociais e empresariais tiveram que se adaptar à realidade que havia emergido.

Em termos de educação, recorrer ao mecanismo de aulas remotas foi uma das alternativas encontradas a fim de que se pudesse, minimamente, reduzir os impactos socioeducacionais da pandemia. Entretanto, esse afastamento social e, consequentemente,

das aulas presenciais repercutiu no surgimento de discursos odiosos em relação aos professores, como se o respeito e cumprimento às regras sanitárias fossem um modismo criado por eles, pois não queriam trabalhar.

O que mais uma vez pode ser associado a um problema de interpretação destes grupos de ódio, que mais uma vez, na visão de Thompson (2011), veem os professores como meros personagens que nada fazem e que permanecem com as aulas remotas por puro comodismo. Estes discursos, são alimentados de forma geral, pela ideologia dominante daqueles que estão na hierarquia destes grupos de ódio, que se utilizam das redes sociais e outros canais de comunicação rápida, assim também como igrejas, como mecanismo de comunicação em massa para que assim, possam exercer seu poder de persuasão de suas ideias, para transmiti-las a todos que tem um pensamento igual ou parecido com o deles.

Além do tópico centralizado na volta às aulas sem o cumprimento das regras sanitárias, não se deve esquecer de mencionar os contrários a vacinação, que era atribuída a grupos anti vacinas e reforçada pelas falas do então presidente Jair Bolsonaro Fato este bastante salientado na categoria de Hegemonia, o que também enfatiza segundo o Tokens de julgamento nesta categoria, posto que na visão de Vian Jr. (2010):

O ponto é que esses significados aparentemente ‘factuais’ - ou informações -, têm a capacidade na cultura de evocar respostas de Julgamento, dependendo da posição de leitura social/cultural/ideológica do leitor (Vian Jr., 2010, p. 167).

Sendo assim, essa seara de interpretação revela, sobretudo, o movimento de subordinação impressos nas relações de poder. Os professores, por prestarem um serviço ao Estado brasileiro, são entendidos enquanto sujeito em condição de assujeitamento, haja vista que são pagos para prestarem serviço, apenas isso. Sua condição de humanidade, pais e filhos que são, não são colocados no crivo dessas reflexões.

Comprovemos os fatos descritos acima no exemplo abaixo:

Discurso 03:

“Não querem saber de trabalhar mesmo né? Vacinaram pra que? Se é pra ficar em casa, não deveria ter sido incluído em grupo prioritário, bando de folgados.”

Observe-se, no exemplo 03, a presença de uma sequência argumentativa

assentada no recurso do engajamento (Vian Jr., 2010). Inicialmente, o sujeito questiona os seus apoiadores acerca de uma problemática imediata em “Não querem saber de trabalhar mesmo né? Vacinaram pra que?”. Neste trecho, o subsistema do engajamento envolve o aspecto da heteroglossia, pois existe a consideração/possibilidade da interlocução de outras vozes ante a resposta do que se fazer. Isto posto, pode parecer que haverá diversos pontos de vista na discussão, como o direito de uma defesa, por exemplo, por parte dos professores, mas não é o que acontece a seguir.

Dentro dessa formulação, há uma relação de poder endossada pelo aspecto da gradação por força (Vian Jr., 2010) constituída pela expressão “bando de folgados”. Que representam, dentro da análise sociodiscursiva, como já citado, termos graduados que intensificam, de forma negativa, o significado do discurso que está sendo exposto. Além disso, temos, dentro do mesmo discurso, a presença da Atitude dada por meio de julgamento de estima social, haja vista que o termo graduado “bando de folgados” representa um julgamento pejorativo que rebaixa e inferioriza, socialmente falando, os professores.

Ainda dentro da mesma seção de temática discursiva, temos o exemplo 04, no qual identificamos, mais uma vez, para além de outros aspectos que analisaremos, o julgamento por estima social.

Discurso 04:

“Corta o salário. Corta cabelo. Corta salário. Chega dessa cambada fazer o que querem da educação pública.”

No excerto acima, temos o léxico “cambada” avaliando o comportamento dos professores como sendo algo negativo e sem rendimento. Avaliação essa que se dá por meio de julgamento de estima social, pois, mais uma vez, os professores da educação pública são ofendidos, inferiorizados, tendo sua capacidade profissional questionada (Vian Jr., 2010). No discurso acima, pode-se utilizar também o sistema de avaliatividade, centrando na valoração, posto que o grupo aponta a necessidade de corte salarial, que tem significação de valor que é pago pelo trabalho realizado, o que na visão deles, os docentes não estão fazendo. Ademais, o engajamento aparece pelo aspecto da monoglossia, uma vez que há uma sequência argumentativa formada pelo léxico “Corta, Corta, corta”, o que pode ser entendido enquanto uma alegoria que simboliza as relações de poder verticalizadas, de cima para baixo.

Esse “Corta. Corta. Corta” faz referência a uma política de poder vinda do Estado, enquanto instituição, ao mesmo tempo que sugere que a população aceite essas iniciativas de “Cortar”, como medida para o que deve ser feito e como deve ser feito. Mais do que isso: o que está sendo colocado, discursivamente, é a posição de um falante extremista na tentativa de definição de uma política pública para gerenciamento dos efeitos nocivos da pandemia, no cenário da educação brasileira, numa clara invasão de competência e exercício da supervalorização do poder econômico sobre o político.

Tanto nos discursos 3 e 4, notamos a operação de ideologia fragmentação operacionada pela estratégia expurgo do outro, já que em ambos os casos há uma clara tentativa de criação de inimigos contra o professor, que nesse caso, é a sociedade, isso pode ser comprovado, principalmente no discurso 3, acerca da vacina, pois já que estavam vacinados não teria mais desculpas para voltarem para a sala de aula, com isso, tentava-se provar que o docente estava com preguiça e usava a pandemia como prerrogativa para não irem ao trabalho sustentado pela expressão “bando de folgados”. Quando na verdade, os professores pensavam na segurança sanitária dos alunos, visto que a vacina ainda não tinha chegado para esse grupo.

A temática discursiva 03, “Estigma ideológico”, aborda sobre o fazer pedagógico do professor, de como ele é reduzido e estereotipado, discursivamente, a um movimento de “transmissão conhecimento”. A alguém que dá aulas, mas não ensina a pensar. Dito de outro modo, a temática discursiva em questão traz falas que defendem a ideia de uma escola sem partido, como veremos nos exemplos que seguem.

5.1.3 Estigma ideológico

A categoria do estigma ideológico, trouxe discursos que estigmatizam a profissão docente, assim como também as ideologias de um grupo que acreditam numa escola sem partido e sem doutrinação por parte dos profissionais da escola, principalmente por figuras como Paulo Freire e o comunismo. E essa ideologia serviu de forma simbólica para estabelecer e sustentar as relações do poder dominante por meio do discurso de controle, dessa forma, impedir as mudanças sociais silenciando a construção ideológica de interesse coletivo do grupo dos professores, alimentando assim, a ideologia do interesse da classe dominante. Thompson (2011).

A educação brasileira ainda é pautada/orientada pela perspectiva patriarcal-

colonial e, por essa razão, não consegue desenvolver políticas que ressignifiquem a reprodução do machismo, do racismo, da xenofobia, da misoginia e da intolerância religiosa. Se equivocam quando associam a educação atual com o modelo comunista ou marxista.

O que se vê é a repetição de *fake news* alimentados por um discurso de poder que retroalimentou e empenhou-se para naturalizar o desconhecimento do trabalho docente. Assim: “Se o controle do discurso é uma forma maior de poder, controlar as mentes das pessoas é outro modo fundamental de reproduzir a dominação e hegemonia” (Van Dijk, 2017, p. 26). Nesse sentido, o discurso de controle gerado pelo discurso de poder dominou a mente de uma parte da sociedade por meio dos mecanismos da ideologia e hegemonia, levando uma parte da sociedade a acreditar que o trabalho docente perdeu o prestígio em função do egoísmo da classe, isso foi simbolicamente mobilizado pela operação da ideologia reificação operacionalizada por meio da estratégia naturalização.

Se realmente o professor usasse seu espaço em sala de aula para doutrinar, como alegam aqueles que estão fora da escola, a situação da democracia em nosso país seria outra. Ter condições mínimas de segurança para trabalhar é o que qualquer profissional precisa. Aqueles que lidam com vidas, diariamente, não podem ser relapsos, mesmo que os pais não se lembrem de que quando há risco para os professores são seus filhos que estarão juntos na sala de aula.

Somado aos fatos descritos acima, vejamos, nos exemplos que seguem, como o professor foi atacado, mais uma vez:

Discurso 05:

“Garanto que os que querem fazer greve são gados do energúmeno do Paulo Freire.”

Neste trecho, o sujeito inicia com uma atitude de apreciação “Garanto” (Vian Jr., 2010) o que marca um juízo de valor ante os comportamentos dos professores que, na época, caso retornar as aulas presenciais fosse uma orientação interna do país, tencionavam, nas últimas das hipóteses, aderir a um movimento de greve, como uma resposta de resistência e militância à decisão do Estado. Essa avaliação é negativa, pois, logo na sequência, o falante compara os professores, por meio do recurso da gradação, a “gado” e “energúmeno”, atacando, aliás, Paulo Freire, expoente da educação pública brasileira. Idealizador de um modelo de educação decolonial, que desenvolvesse protagonismos e liberdade.

No trecho, ainda, o falante utiliza-se de um recurso de julgamento por estima social (Gomes, 2020) no qual, além de atacar os professores, comparando-os a “gados” e “energúmeno”, que é alguém tido como “imbecil” ou “vegetal”, desconsidera o legado deixado por Paulo Freire à educação, posto ter sido ele a trazer um ensino libertador para a sala de aula, onde buscou-se não apenas ensinar, mas também estimular a criatividade do aluno, mas talvez seja esse o problema dos críticos as teorias de Freire, já que ele também visou estimular o pensamento crítico do aluno, levando em conta estes tópicos, tem-se um possível entendimento do porque ele foi transformado em inimigo por aqueles que se intitulam ser da extrema direita, para isso, eles buscavam rebaixar a todos, tanto os professores quanto o Patrono da Educação Brasileira a algo sem importância e que poderia facilmente ser substituídos por exemplo, por alguém como Olavo de carvalho.

Discurso 06:

“Pra mim, numa altura dessas, 1,5 ano sem aula, e professor vir falar de greve? É um covarde que não quer trabalhar. Provavelmente ligado a partidos de esquerda e sindicatos da vadiagem.”

No trecho citado, temos o engajamento por monoglossia, expresso em “1,5 ano sem aula, e professor vai falar em greve?”, no qual impera um modo de proceder, além de aparecer quais sujeitos deveriam agir dessa forma. A pergunta feita pelo falante, como já citado anteriormente, dá a ideia de que o recurso da heteroglossia poderia se fazer presente, porém, percebemos que a pergunta feita é apenas uma pergunta retórica, colocada dentro do próprio discurso como uma forma de organização das ideias, mas que o falante não pretendia esperar resposta ou que outras vozes a respondesse. Esse mesmo trecho pode ser entendido como uma ocorrência de gradação por prototipicidade, constituída pelos léxicos “covardes” e “provavelmente”, que, por não poder quantificar as ideias, esse recurso de termos graduados atua no nível da experiência, cujos artifícios utilizados para intensificar a ideia são advérbios e adjetivos, como é o caso em questão.

Identificamos também, no discurso 6, o modo de operação fragmentação, mobilizado, especialmente, com a estratégia de expurgo do outro com esse recurso provoca diferenciação operado pelos léxcos “covarde” e “vadiagem”, atrelando os docentes a grupos, segundo o falante, provocadores da desordem, quando na verdade, os sindicatos são

instituições que acolhe o professor e os ajuda a lutar por seus direitos. São instituições reivindicadores de causas sociais por meio de greve asseguradas pela Constituição Federal.

Vale ainda salientar, que o fato do interlocutor do discurso apontar o tempo de 1,5 ano sem aula, reforça a distorcida valorização que é dada ao profissional que passou esse mesmo período se desdobrando para conciliar a vida profissional e pessoal, os problemas psicológicos decorrentes da incógnita que foi durante um bom tempo a pandemia imposta pela Covid-19 e as incertezas de uma possível infecção pelo vírus e ainda assim, fazer um bom trabalho durante as aulas remotas.

Na temática discursiva 04 “Invasão de Competência”, discorre sobre como os professores da educação pública brasileira teve sua identidade docente questionada e subjugada, no período da pandemia.

5.1.4 Invasão de competência

Para estar em uma sala de aula, os professores passaram antes pela sala de aula da faculdade ou universidade. Estudaram, foram aprovados em vestibulares, passaram no concurso e hoje tem a qualificação necessária para estar numa sala de aula de rede pública de ensino. Somado a esse fato, destacamos, ainda, que o planejamento pedagógico é fruto de um trabalho coletivo, seguido do individual. O tempo, na escola, destinado a isso é fruto de muitas lutas. Portanto, ser professor é mais que uma profissão. É uma conquista e, por essa razão, é preciso, desde já, que o profissional docente seja reconhecido, pois seu trabalho não é apenas na sala de aula, se estende para outros momentos e aspectos.

Nessa direção, a oferta de aulas remotas não foi uma escolha do professor, foi imperativo agir dessa maneira ou a situação poderia ter ficado pior. Isso posto, a energia de raiva que sentimos em cada fala coletada na tabela acima, representa a emoção negativa que muitos meios de comunicação transmitem, pois para as pessoas que não são abertas para as interações discursivas saudáveis e construtivas - ainda que se tenha pontos divergente ali - a violência é a linguagem escolhida. Quando, ante uma Nação, uma autoridade do país usa do seu cargo para menosprezar e desautorizar uma classe trabalhadora, esse representante público atua dentro do princípio de ingerência, haja vista que não respeita a democracia, já que insufla a população contra aquela classe. Por conseguinte, os problemas advindos de atitudes como essa são, muitas vezes, difíceis de serem contornados, para que voltemos à civilidade necessária ao convívio social pacífico (Melo, 2020).

Nota-se, portanto, no compartimento da autoridade em relação aos professores, quando ele insufla a sociedade contra aquela classe, o abastamento da operação de ideologia reificação operado pela estratégia naturalização, principalmente quando usa o cargo para rebaixar socialmente a classe docente, dessa forma a autoridade tenciona a naturalização do discurso de ódio contra os docentes atacando seu fazer pedagógico. Esse comportamento é uma forma de sustentar relações de poder que são socialmente assimétricas e assim, naturalizar ataques a quem tem o poder de enfrentar essa assimetria sistemática. Thompson (2011).

Discurso 07:

“E em duas horas fazem o plano de aula da semana toda, depois é só curtir a folga e esperar o salário cair na conta, e tivessem cortado ou diminuído o salário dos funcionários públicos que estão sem trabalhar, essa pandemia não teria durado 3 meses...”

Em “e em duas horas fazem o plano de aula da semana toda”, o sujeito inicia com o recurso da gradação por foco (Gomes, 2020) isso para intensificar a ideia crescente dos léxicos “duas horas” a “semana toda”. Seguindo para o termo “depois é só curtir a folga e esperar o salário cair na conta, e tivessem cortado ou diminuído o salário dos funcionários públicos que estão sem trabalhar, essa pandemia não teria durado 3 meses...” Nesse trecho, o falante já assume a posição de julgamento por meio do recurso sanção social de propriedade, haja vista que os professores são, diante da fala coletada, “obrigados” a cumprir regras, mesmo que essas regras não sejam passíveis de, diante do contexto pandêmico, serem cumpridas.

Discurso 08:

“Eles já não gostavam de estudar e os professores não gostavam de ensinar. Misturou tudo e deu nisso.”

No trecho em questão, tem-se a postura engajada da falante em relação à negatividade e positividade, já citado. O princípio da positividade se endossa diante da combinação entre os pares “alunos não gostavam de estudar e professores não gostavam de ensinar”, e a positividade seria a ideia de que “todos, agora, estão felizes, pois tanto aluno

quanto professor atingiram suas metas”. Esse engajamento evoca interlocutores dentro de uma mesma região de sentidos, sendo, assim, de caráter monoglóssico, ou seja, vozes que não possuem elementos de dialogismo que permitam uma expansão de uma perspectiva, aberturas discursivas (Vian Jr., 2010).

Dentro dessa formulação, a posição do falante traz consigo sentidos, representações, crenças que constituem o seu dizer e que, linguisticamente, aparecem para nós como algo já dado, meramente traduzido em discurso pela língua, quando na verdade é construído ideologicamente. Dito de outra maneira, é como se a estereotipagem atribuída à figura do professor e alunos fosse de comum acordo naquele contexto. Uma crença comum que seria constitutiva da posição dos sujeitos envolvidos dentro da categoria hegemônica do discurso.

Observemos nesse trecho, aliás, que o sujeito discursivo constrói uma avaliação legitimando a relação indissociável entre professor e aluno, como de atuação simultânea. Há o recurso da gradação por força (Vian Jr., 2010) na medida em que se constitui uma ordenação dos sujeitos: “Eles (os alunos” e os professores”. Além disso, a gradação também se encontra no pronome “tudo”, que representa um léxico de natureza resumitiva e, desse modo, intensifica a ideia em questão. Nesse mesmo fragmento, também temos a Atitude no aspecto da avaliação social (relativa a grupos) em “Misturou tudo e deu nisso”, trecho que também poderia ser compreendido como Engajamento, pelo aspecto da monoglossia, no sentido de que o agente discursivo dialoga com interlocutores pertencentes à mesma esfera discursiva, hipoteticamente, bolsonarista,

Em linhas gerais, observemos, para além dos aspectos e análises citadas, que há, conforme se pode perceber no quadro 09 – *Temática Discursiva*, uma supervalorização de léxicos como “bando”, “cambadas”, “vagabundos”, “imbecis”, similar ao que ocorre com a própria fala do ex-presidente Jair Bolsonaro, quando se referia aos professores da educação pública brasileira. Tal flutuação sinaliza a falta de uma linha condutora, de um rumo, de modo que o sujeito reproduz discursos do outro, o que demonstra falta de reflexão e discernimento do falante, que é “manipulado”, inconscientemente, a se engajar nos discursos a partir do bolsonarismo, da retomada e veiculação de sentidos e representações que pertencem a essa bolha ideológica.

Além disso, percebemos, ainda, que o modo de operação da ideologia, proposto por Thompson (2011) operante em todas as falas transcritas foi o de fragmentação, haja vista que os professores brasileiros foram divididos em duas categorias, os da rede privada, que

são avaliados como sérios e responsáveis. E os da escola pública, que são rotulados enquanto irresponsáveis e preguiçosos. Nessa direção de análise, os professores da educação pública brasileira, representa, para o poder hegemônico dominante, uma ameaça à dominação que se deseja impor. Assim, o magistério foi fragmentado em dois segmentos: “aqueles que trabalham e os que enrolam”.

Nos discursos analisados identificamos com abastamento, o modo de operação fragmentação, mobilizado, especialmente, com a estratégia de expurgo do outro, pois os discursos de ódio tentaram segragar o grupo de professores dos demais grupos sociais, provocando a diferenciação entre ambos. Também a operação de ideologia reificação foi constada, por meio da estratégia naturalização, visto que grande maioria dos discursos analisados tem objetivo de naturalizar a desqualificação do profissional professor, jogando a sociedade contra ele, assim, provocando a segregação do grupo docente. Segundo Thompson (2011), a ideologia como fragmentação pode ser visualizada na segmentação, na segregação de grupos ou de indivíduos que podem representar ameaça aos grupos hegemônicos, isto é, à própria hegemonia. Nesse caso, os professores representam essa ameaça porque são formadores de opinião. Isto justifica o motivo dos ataques constantes contra esses profissionais.

Diante das considerações colocadas, é preciso que estejamos atentos em relação a essas questões ideológicas e discursivas, que são socialmente construídas, pois a história que estamos construindo hora ou outra irá nos cobrar o compromisso ético, político e social com nós mesmos e, sobretudo, com aquilo que acreditamos e defendemos. Nesse sentido, a educação e os professores representam instituições sociais basilares, capazes de fomentar dinâmicas e posicionamentos sociais contra-hegemônicos, objetivando problematizar ou subverter discursos opressores e violentos. Assim, sintetizamos, na seção anterior, as análises do que identificamos nas falas transcritas neste estudo.

5.2 Vulnerabilidade social e protagonismo docente: análises do caminho decolonial

Levando em consideração os discursos de ódio coletados e apresentados, destacamos que os professores são e foram oprimidos pela história da educação brasileira. Segundo Resende (2019) discursos de ódio são ideias pré-concebidas que incitam a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias. Nesse seguimento, os discursos de ódio podem ocorrer na forma de manifestação

de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos. Discursos esses, por vezes, confundidos ou justificados como sendo movimentos ligados à liberdade de expressão.

Paulo Freire (1974) pontuou sobre educação bancária na obra *Pedagogia do Oprimido*. O autor defendia/defende um modelo de educação que liberta e que conta com a prática da liberdade. Assim, no modelo de educação defendida por ele, o homem tem a oportunidade de buscar, na ação, a reflexão sobre o mundo em que está inserido. Nesse contexto, a educação para a liberdade, somente ela e por meio dela, é que o sujeito consegue/conseguirá decolonizar os discursos opressores, que fragmentam e colocam à margem todos aqueles que, em certa medida, representam uma ameaça para a manutenção de estruturas de poder, além de a educação humanizar os próprios praticantes dos crimes cibernéticos.

Dito de outro modo, a educação gerada a partir de grupos e movimentos sociais decoloniais ocupa um espaço de múltiplas possibilidades e potencialidades, haja vista que é capaz de criar mecanismos de resistência capazes de romper com os enlaces do pensamento colonial, criando e apontando caminhos possíveis para a re-existência dos povos e comunidades violentados pelos processos da colonialidade perversa.

Sobre os movimentos da colonialidade, destacamos, ainda, que estes **continuam presente nas mais diversas formas**, sobretudo, nos discursos reproduzidos cotidianamente em nossa sociedade.

Sobre a colonialidade, de acordo com Quijano (2005) compreende-se como sendo a continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de **poder, saber e ser**. Nesse contexto, para o autor, a colonialidade do poder consiste na **identificação dos povos conforme certos fenótipos estabelecidos e impostos pelo pensamento Ocidental**. Isso posto, nessa abordagem de análise, percebe-se que a ideia de inferioridade ou risco à ordem tornaram-se os instrumentos de dominação mais eficazes, influenciando também outros aspectos que foram utilizados para a propagação da Modernidade e do pensamento eurocêntrico, como o gênero, a sexualidade, o conhecimento, as relações políticas, ambientais e econômicas.

Nessa direção, tomando como exemplo a profissão docente, hoje na sociedade, percebemos que esta carrega resquícios de colonialidade, haja vista o modo agressivo, opressor e intimidador com os quais os profissionais da educação são tratados, o que reforça o fato de que, para o poder dominante de bases eurocentrizadas, os professores representam uma ameaça e, por essa razão, devem ser “combatidos”.

Mas se há, ainda, discursos voltados para a colonialidade, é preciso decolonizar. Nesse sentido, os chamados estudos decoloniais surgem como movimento e proposta investigativa-crítica no final da década de 1990, a partir das pesquisas de Aníbal Quijano (1928-2018), sociólogo peruano, que se debruçou em estudar e pesquisar a respeito da colonialidade do poder. Para o autor, “a decolonialidade começa sua desconstrução ideológica justamente ao inverter uma série de discursos que servem ao propósito de conservar as relações de poder instituídas” (2005, p.34). Nesse seguimento, os professores, hoje, representam uma das principais ferramentas, no sentido de militância e resistência, capazes de, por meio de abordagens pedagógicas críticas-reflexivas em sala de aula, promover a desconstrução de ideologias do poder. Por essa razão, os profissionais docentes, mediante os discursos que veremos no próximo capítulo, são vistos como os “inimigos” da sociedade.

Nessa linha de reflexões tecida por Quijano (2005) romper com a colonialidade do poder tem sido o desafio do novo século. É nesse lugar de produção do conhecimento e criação de um modelo de educação para a liberdade, que o autor tem contribuído com suas críticas, análises e sugestões ao desconstruir e apresentar os mecanismos que fundamentaram e fundamentam o colonialismo do poder e a estratificação social, tomando como referência a compreensão de que “[...] no capitalismo mundial, são a questão do trabalho, da ‘raça’ e do ‘gênero’, as três instâncias centrais a respeito das quais se ordenam as relações de exploração/dominação/conflito” (Quijano, 2005, p. 84).

A esse respeito, a contribuição maior dos estudos de Quijano para esta dissertação é o fato de que, por meio dele, compreendemos que a colonialidade opera como uma estrutura de poder que se mantém mesmo após o término formal do processo de dominação colonial, e que tem a capacidade de reinventar e reproduzir-se no tempo. É preciso contrapor os discursos ideológicos que têm ameaçado à educação brasileira e, em especial, a figura do professor que foi, é e continua a ser um sujeito posto à margem e vestido, simbolicamente, de uma roupagem estereotipada, Fernando Cássio (2019). É necessário desconstruir esses discursos hegemônicos da formação decolonial do professor, dando espaço de fala e escuta ativa a classe, Resende, (2019).

5.3 Mudança social em percurso: perspectiva docentes pós-pandemia

Como foi pesquisado e analisado até então, o cenário político atual brasileiro não

tem contribuído para o fortalecimento da categoria docente, quando se pensa sobre a valorização da classe e ao desenvolvimento das escolas para ofertar aulas melhores e com qualidade.

A cada declaração de ataques nas mídias sociais, o professor sofria e ainda sofre com esses discursos de ódio disseminados nas redes, cenário eleito pelos internautas como um tribunal de julgamento do trabalho docente. Este contexto originou-se, principalmente, por pessoas ligadas à extrema-direita, que, hipoteticamente, foram condicionadas por autoridades correligionárias da política nacional, por terem relevância nacional, suas falas validaram muitos discursos de ataques à classe docente.

É possível notar a ação efetiva da ideologia que o conservadorismo impõe na sociedade contra a classe dos professores. Seguindo a teoria de Thompson (1999), para acionar essa ação, umas das operações da ideologia entra em cena - a fragmentação, que ocasiona diferenciação e expurgo do outro. Nesse processo, os políticos que incentivaram os discursos odiosos segmentaram os indivíduos, ao invés de unificá-los em coletividade no momento mais preciso, em que a união da sociedade era fundamental: na pandemia. Como consequência, a classe docente foi segmentada em função de uma imposição ideológica, deixando os professores jogados à margem da sociedade, com suas fragilidades expostas e entrada induzida para o grupo de vulnerabilidade social.

Nesse cenário, iniciativas do terceiro setor formaram uma espécie de rede de apoio a estes professores e que pretendem, de forma inteligente e cuidadosa, rebater estes discursos de ódio, ao tempo em que protegem e acolhem a classe docente. Destacamos iniciativas de algumas ONGs e grupos do terceiro setor que entenderam a gravidade do problema e buscaram formas de contribuir com a luta dos professores por reconhecimento, respeito e valorização. Em março de 2020, iniciaram-se as *Lives* do grupo chamado Vivescer³⁰, que se transformou num canal de fala e escuta de professores, semanalmente. Um espaço seguro de acolhida e esvaziamento das sensações ruins que acompanhavam o professor no período das aulas remotas. Escutar os professores foi uma maneira de entender esse movimento de desrespeito contra eles. Escutar essa classe com sensibilidade e solidariedade nos mostra que a arte de conversar é sobre saber escutar.

Ali surgiram diversos relatos de educadores que recebiam ataques de ódio em

³⁰ A Vivescer é uma iniciativa do **Instituto Península**, uma organização social que atua nas áreas de Educação e Esporte para aprimorar a formação de professores, porque acredita que eles são a base para uma educação pública de qualidade. <https://vivescer.org.br/> Acesso em: 22 Maio 2022.

suas redes sociais. A *Live* tomou uma proporção tão grande que, tendo começado de 2020 com pequenos grupos de 10 a 15 professores, terminou, em dezembro de 2020, com projeções simultâneas em diversas redes sociais com mais de 1.500 professores de todo o país. “A melhor forma de olhar para um problema é buscar solução através do diálogo, da cooperação e da solidariedade entre os indivíduos” (Santos, 2020, p. 05).

Neste sentido, faz-se necessário tornar as ações solidárias um recurso potente para a construção de cultura diversa de emancipação social dessa classe atacada por ditadores do ódio, por meio das redes sociais, sem nenhuma solidariedade com a saúde mental e sem compromisso com o trabalho desses professores de um Brasil assolado pela desigualdade social.

Mesmo com diversas situações desafiadoras na pandemia, pode-se afirmar que correntes solidárias cumpriram o papel de apoiar e fortalecer o corpo docente brasileiro. Nestes dois anos, temos grandes exemplos de boas práticas sociais voltadas para a forma como se estabeleceria a relação uns com os outros e a busca por mudança social. Assim como discursos de ódio sucumbem com o humano e o põe à margem, o discurso solidário potencializa e resgata o indivíduo para fazer parte. Assim:

Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos (Santos, 2020, p. 07).

A reflexão que fica é que, para as pessoas se solidarizarem com as causas dos professores, foi preciso acontecer situações inadmissíveis, o que também é esperado, visto que vivemos uma política partidária polarizadora. Mas o importante é ressaltar que, apesar de todas as intempéries em meio aos discursos de ódio disseminados, conseguiram-se construir relações saudáveis e empáticas. Além disso, toda a situação possibilitou a profissionais de outras áreas apoiar os docentes e mostrar que eles não estão sozinhos na luta por direitos e reconhecimento, mesmo com todos os insultos proferidos por determinados representantes políticos e seus simpatizantes que lançaram palavras de ódio nas mídias digitais, como pudemos constatar na tabela de temática discursiva no tópico anterior. A esse respeito, destaca-se:

(...) saber empiricamente se o potencial cognitivo, inerente aos sentimentos da vergonha social e da vexação, se torna uma convicção política e moral depende, sobretudo, de como está constituído o entorno político e cultural dos sujeitos atingidos - somente quando o meio de articulação de um movimento social está disponível é que a experiência de desrespeito pode tornar-se uma fonte de motivação para ações de resistência política (Honneth, 2009, p. 224).

Partindo dessa reflexão, é perceptível que toda luta de classe é motivada por um desrespeito a um direito ou outra situação que inflama um grupo. Na situação docente em tempo de pandemia, muitos movimentos de apoio à classe foram motivados pelos ataques de ódio à pessoa e ao trabalho do professor, como ponto de apoio e de resistência, dando suporte epistemológico e moral à classe docente na luta pelo reconhecimento e contra a injustiça social, que opera na sociedade imposta pelo opressor à categoria do magistério. Quando uma comunidade ou grupo social almeja uma mudança, a maneira de estabelecer relações sociais também muda, buscando novas formas para transformar, isso significa identificar novas práticas sociais como dispositivos para essa mudança.

A classe dos professores não é muito acolhida socialmente. Historicamente, o professor passar por um processo de desvalorização, romantização da carreira e precarização do trabalho. Na pandemia, a sensibilização às demandas dos professores só foi olhada mais sensivelmente, após a repercussão massiva dos diferentes desafios. Aprofundando esta análise, tem-se a pesquisa “Educação Não Presencial na Perspectiva dos Estudantes e Suas Famílias” ³¹ realizada pelo Datafolha, encomendada pelo Itaú Social, tendo como participantes um número superior a 1.300 pessoas. A pesquisa mostrou que deste número, 89% dos entrevistados passaram a respeitar mais os professores na pandemia do Covid-19. De acordo com o levantamento, 89% dos entrevistados reconheceram que os docentes têm um trabalho mais desafiador do que acreditavam, antes do início da pandemia. A mesma fatia, 89%, também disse acreditar que, para dar aulas, é preciso mais preparo do que imaginavam, antes da pandemia.

De acordo com a pesquisa, os esforços dos professores da rede pública do Brasil em promover uma educação de qualidade, durante as aulas remotas, melhoraram a percepção das famílias dos estudantes quanto à profissão docente. “Ao acompanhar mais de perto a educação dos seus filhos por meio da educação remota, os pais entenderam o quanto é importante olhar para dentro da escola e ser mais atuante. Na pesquisa, entendemos que o

³¹<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Educacao-nao-presencial-na-perspectiva-dos-estudantes-e-suas-familias-Onda-6.pdf>

professor foi fundamental nesta aproximação”, destacou a superintendente do Itaú Social, Ângela Dannemann.

Diante da importância do trabalho docente para uma sociedade mais justa e solidária, que vimos na pandemia, espera-se que a luta pelo reconhecimento passe a ser pauta não só dos professores, mas de toda a sociedade que viu de perto a intensa vulnerabilidade a qual está exposta o educador. Para validar essa pauta, uma pesquisa do Instituto Península, para celebrar o Dia dos Professores em 2021, apresentou que 77% dos professores acreditam que não são valorizados pela sociedade, mas a maioria sente orgulho da profissão³². O objetivo do estudo é sensibilizar as pessoas para o papel fundamental que o professor exerce na sociedade.

O estudo ouviu mais de 1,1 mil educadores de todas as regiões do país entre 17/09 e 05/10. Diante desta resposta, foi pensada uma Campanha chamada “Educação à Flor da Pele³³”, que foi uma maneira solidária de dar espaço de fala para que os professores pudessem exaltar sua voz que no curso da pandemia foram silenciadas. “Os docentes tornam-se domesticados e, muitas vezes, silenciados para atingir objetivos de uma ideologia (...) (Damaceno, 2013, p. 25). Partindo desse pensamento, tendo em vista as pressões de uma parte da sociedade no trabalho remoto dos professores, podemos afirmar que tentaram domesticá-los pelo silenciamento. Nesse sentido, quando o sistema de governo extremista e seus seguidores ataçavam o discurso de ódio em desfavor da classe docente, a silenciaram com objetivos ideológicos, a partir dos ataques nas mídias digitais, a fim também de desqualificar o trabalho desses formadores de opinião. Silenciamento é um caminho para se domesticar um indivíduo ou um grupo, pois quando alguém é domesticado ou ele adere a ideologia de quem o domesticou ou é neutralizado, por meio do silenciamento.

5.4 Novas vozes em contextos de ódio

O Instituto Península (2021) para dar visibilidade e legitimidade ao espaço de fala aos profissionais que sofreram a tentativa de silenciamento na pandemia, convidou um grupo de professores para personificar os sentimentos de milhares de professores do Brasil, chamando a atenção para pontos que são socialmente muito sensíveis e que, durante a

³²Pesquisa completa <https://www.institutopeninsula.org.br/84-dos-professores-concordam-que-cursos-presenciais-formam-docentes-mais-bem-preparados-para-o-inicio-da-profissao/>

³³ <https://www.institutopeninsula.org.br/educacao-a-flor-da-pele/>

pandemia do Coronavírus, ficaram totalmente invisibilizados. Com isso, os professores que foram ouvidos se apoiaram nas seguintes lexias: “Reconhecimento”, “Respeito”, “Amor” e “Carreira”. Esses vocábulos rebatem os adjetivos pejorativos que receberam nos discursos de ódio coletados, como foi observado no tópico anterior. Segue, abaixo, a representação da campanha:

Figura 8: Educação à flor da pele



Fonte: Instituto Península (2021).

Na figura acima, podemos ver os cinco (05) professores representando suas regiões. Assim, as 05 regiões do país (Norte, Nordeste, Centro–Oeste, Sudeste e Sul) foram bem representadas nesse ato político/social. Os docentes nessa manifestação “emprestaram” suas peles para darem voz e ouvido aos 2,2 milhões de professores, que entram todos os dias nos milhares espaços de ensino desse Brasil para transformar vidas e desenvolver futuras gerações, apostando na mudança social, ansiando por uma sociedade mais justa e igualitária. Pintados artesanalmente, os professores, por meio de seus corpos, mostraram também que esses profissionais precisam ser reconhecidos e valorizados como pessoa e profissional, para que outros possam se interessar e ver a carreira docente como possibilidade e não como uma questão de romantismo. Não se pode desconsiderar que determinados sentimentos, primeiramente, surgem introspectivo e de modo subjetivo, porém, quando esses sentimentos de abandono, injustiça social e menosprezo se comungam de forma relacional com outros

indivíduos se torna um ato político de resistência, o que caracteriza uma fecunda luta pelo reconhecimento.

(...) saber empiricamente se o potencial cognitivo, inerente aos sentimentos da vergonha social e da vexação, se torna uma convicção política e moral depende, sobretudo, de como está constituído o entorno político e cultural dos sujeitos atingidos - somente quando o meio de articulação de um movimento social está disponível é que a experiência de desrespeito pode tornar-se uma fonte de motivação para ações de resistência política (Honneth, 2009, p. 224).

Nesta perspectiva, quando uma comunidade ou grupo social almeja uma mudança, a maneira de estabelecer relações sociais também muda e busca novas formas para transformar, isso significa identificar novas práticas sociais como dispositivos para essa mudança.

A Campanha “Educação à flor da pele” traz, em seu contexto para o social, essa perspectiva de não ser um mero trabalho artístico sem significado, por isso busca identificar novas práticas, garantindo mudança de comportamento social e visibilidade para os docentes. Diante do contexto sociopolítico e cultural que o país vive, essa campanha é um ato político; é uma luta pela classe e uma resistência pela garantia de direitos, como também figura uma luta contínua pelo reconhecimento e valorização da classe docente. Para que esse reconhecimento se efetive, é imprescindível uma luta segura e solidária apostando numa sociedade que vislumbre uma mudança social (Bajoit, 2008; Pedrosa, 2020; Santos, 2010).

Reconhecimento da classe docente é, antes de tudo, a legitimação do espaço de fala desse profissional que a classe representa e também a compreensão de quem eles são, das suas lutas, das suas vontades e das suas conquistas. Assim, caminharemos, de fato, para uma mudança social e profissional da carreira do magistério. Porém, é preciso insurgir para agir e, dessa forma, provocar uma mudança.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar a construção de sentido em recortes de discurso de ódio que, durante a pandemia do COVID-19, foram veiculados na mídia social Facebook, especificamente na página Mídia Ninja, a partir de categorias da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, além disso, perpassou, ainda, por outros objetivos específicos, a saber: 1. Empreender análise discursiva crítica de ataques aos docentes durante a pandemia covid-19, delineando a invasão de competência de saberes; Apresentar panorama de práticas discursivas de ódio aos professores e professoras durante a pandemia de Covid-19, à luz da Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso; Analisar a materialidade linguística de discursos veiculados em rede social a partir do uso, posicionamentos e categorias de estigma e sanção social de professores.

Este estudo se ancorou na ASCD e em seus diálogos transdisciplinares. Sagrou-se, nesse sentido, como uma pesquisa transdisciplinar, dialogando com as ciências humanas críticas: Sociologia Crítica; Filosofia, Educação e Psicologia Social. Esses diálogos convergentes nos orientaram para um estudo com resultados que se conectaram com aos nossos objetivos e que nos ajudaram a responder às questões de pesquisa.

Situamos aspectos teóricos da ACD como suporte de busca para uma mudança social. Desse modo, o ponto de partida na identificação do problema, no mundo social, característico das pesquisas em ACD, foi substituído pela motivação de nos reportamos para um fenômeno do mundo social. Nossa motivação pela temática partiu dos seguintes pontos: a grave crise pandêmica na educação envolvendo toda a comunidade escolar; vivência pessoal como professor antes e durante a pandemia; interesse, como pesquisador, por problemas sociais; análise dos resultados de pesquisas de institutos educacionais, mostrando números de professores que sofreram com os discursos de ódio, principalmente quando esses profissionais estavam exercendo seu ofício remotamente.

O estudo começou mostrando uma enxurrada de declarações nas redes sociais que atacavam o professor de toda as maneiras, principalmente na tentativa de desprestigiar o seu trabalho. São declarações com teor de intolerância, de desprezo, de discriminações direcionadas a este coletivo com cunho excludente e constrangedor.

Ao ferir essa linha que separa a liberdade de expressão da intolerância às diferenças, os usuários das redes sociais ou pessoas no mundo físico acabam por fazer uso de um discurso de ódio, entendido como forma de opressão o alvo do discurso, pois o

discurso de ódio é articulado e proferido para estigmatizar e marcar um grupo. Assim, ele tem a capacidade de manter ou alterar um cenário, baseando-se numa separação que promove expurgo ao outro (Thompson, 2011). Para isso, se apropria de uma ideologia atraente para um determinado grupo, que articula meios de opressão.

Ao longo do estudo, as reflexões nos apontaram que o trabalho docente vem sendo sempre atingido por discursos raivosos e opressores, porém, a pesquisa também mostrou que esses ataques foram mais intensificados e encorajados com ideologias extremistas, ou seja, com a chegada da Extrema-Direita ao poder tornaram-se mais inflamados e muito recorrentemente e, principalmente, no momento mais crítico da pandemia, período no qual os professores foram/são fortemente alvos desse tipo de discurso, nas mídias digitais ou até mesmo no seu entorno de convivência física, encorajados por autoridades políticas ou seus simpatizantes por meio das redes sociais.

Chegamos a estes resultados socialmente reflexivos, por meio de quatro questões de pesquisa que nos orientaram, como também direcionaram para uma reflexão e entendimento do problema pesquisado.

a) A invasão de competência no trabalho docente afeta a vida profissional e pessoal do professor?

A invasão de competência para o professor é muito desafiadora e constrangedora, porque coloca em xeque sua prática docente e mexe com aquilo para o que mais se preparou durante sua formação: a sua ação pedagógica, além de distorcer sua identidade profissional.

Esse movimento, nas redes sociais, estimulou agressões e questionamentos sobre a vida profissional do docente e sua prática de sala de aula, visto que suas funções profissionais foram colocadas em dúvidas, por determinados grupos que tomaram, como palco de discórdia e julgamento, as mídias digitais, com o intuito de deslegitimar a identidade docente e suas atividades de trabalho, jogando, dessa maneira raivosa, a sociedade civil contra os profissionais do magistério, e que passaram a fazer os mesmos questionamentos e cobranças infundadas sobre a práxis docente.

O estudo apontou a gravidade do movimento invasão de competência e nos fez refletir o quanto ele foi severo, movido por *fakes news*. Infelizmente, por uma boa parte da sociedade, crendo nas falsas notícias, conseguiu silenciar e ocupar por um determinado tempo, durante o momento mais crítico da pandemia, o lugar de fala do professor, por meio

de julgamentos apoiados nos discursos de ódio. Dessa forma, as práticas de planejamento de aulas foram questionadas por pessoas que não entendem de educação e sem espaço de fala para tais questionamentos. Constatamos também que a invasão de competência gerou a invisibilidade social do trabalho da classe docente, do papel social e profissional do professor como um sujeito ativo, respeitado e acreditado pela sociedade.

b) Quais elementos linguísticos são operacionalizados para naturalizar o discurso de ódio contra os docentes?

Em conformidade com as análises realizadas e orientação do texto, a categoria apontada e acatada por esta pesquisa foi a avaliatividade e as seguintes subcategorias: atitude, gradação e engajamento. Porém, engajamento foi o mais mobilizado para que pudéssemos desvelar o ódio aos professores e entender esse movimento tão massacrante contra a classe docente. O subsistema engajamento por monoglossia foi constado nas análises como predominante, porque é tido como possibilidade fechada de interlocução, ou seja, nos discursos de ódio não foi visto abertura que desse precedente para outras vozes, outras opiniões, o espaço de fala para que os professores se defendessem não teve abertura concedida, nesse caso, a classe docente tornou-se sujeito passivo.

Conforme o direcionamento do texto, as escolhas lexicais presentes nos discursos de ódio em desfavor da classe docente analisadas têm base de sustentação na negatividade do trabalho do professor e foram postos em movimentos pelos substantivos e adjetivos pejorativos, como, por exemplo: *bando, cambada e vagabundos*, essas foram as lexis que apareceram predominantemente nos discursos de ódio analisados. A pesquisa mostrou, por meio das análises predominância massiva de julgamento acerca do trabalho do professor, um julgamento negativo de estima social, levando a entender que o professor é improdutivo, incompetente e sem prestígio social.

c) O discurso social de ódio impacta ou não a vida profissional e pessoal do professor durante a pandemia?

Ao analisar as questões de pesquisa e alinhando-as aos objetivos, ficou claro que os ataques à classe docente desvelaram sua vulnerabilidade social e jogaram luz nas fragilidades emocionais dos professores, colocando-os na classe de minorias, enquanto os jogavam à margem. Assim, esse movimento em desfavor do professor desgastou sua

identidade pessoal e profissional, contribuindo para acentuar severamente a desvalorização da classe docente.

Esta pesquisa nos direciona para uma reflexão acerca do papel social do professor, a desvalorização do seu trabalho e a desumanização do discurso desses profissionais perante a sociedade que, a partir dos discursos odiosos nas mídias digitais contra eles, percebemos que esses movimentos os tornaram grupos vulneráveis, vítimas de ódio e da tentativa de cancelamento no meio digital e do seu grupo de trabalho.

O estudo nos mostrou que o primeiro impacto do discurso de ódio é a limitação ao espaço de fala das minorias, neste caso, o professor. Apontou também que o discurso dessa natureza já impactava a atuação docente, antes da pandemia, sobretudo, no momento em que foi anunciado o retorno presencial das aulas. Foi nesse processo que se acentuou o aumento do ódio contra os professores, pois eles resistiam a esse retorno sem segurança sanitária. Portanto, depois dessa resistência, sua vida pessoal foi atacada, porque para os autores do discurso de ódio, os professores são hipócritas, resistiam à volta das aulas presenciais por motivo da falta de segurança sanitária, mas eram vistos frequentando barzinhos e praias nos finais de semana.

d) De que maneira uma pesquisa crítica pode contribuir socialmente com a problemática pesquisada?

Uma pesquisa numa perspectiva crítica é extremamente importante para a sociedade, pois, a partir de seus resultados, é possível buscar caminhos para uma transformação social, tendo em vista que ela joga luz nos problemas sociais pesquisados, contribuindo para a mudança social almejada. Acreditamos que a pesquisa em ACD contribui para desnaturalizar esses discursos hegemônicos analisados por esse estudo, gerando, dessa forma, uma sociedade ancorada e ativa, capaz de desafiar as estruturas cristalizadas, tidas como verdades absolutas.

A pesquisa em ACD é embasada por um campo transdisciplinar que se preocupa com as causas sociais. Como uma área transdisciplinar, esta pesquisa apontou para uma visão holística da linguagem, nos mostrou vertentes, as quais nos ajudaram a compreender o discurso como prática social e de poder e nos orientou para uma reflexão mais crítica e capaz de desnaturalizar esses discursos de ódio por meio da linguagem.

Esta pesquisa também teve como base a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso. A presença dessa corrente, neste estudo, trouxe uma

importância socialmente discursiva, pois, orientados por ela, buscamos por uma mudança social, porque ela aproximou o nosso objetivo, a realidade territorial da pesquisa: o Nordeste. Sabendo que a ASCD nasceu em território nordestino, nos deu tranquilidade de fala e campo de discussão, já que nosso território de pesquisa foi o Nordeste, que tantas vezes tem sua voz silenciada. Acreditamos que essa forma ativa de fazer pesquisa possibilitada pela ASCD encoraja os professores ou outros grupos de minorias, que se sentem provocados, a enfrentarem as injustiças sociais, lutarem pelo reconhecimento social e por uma sociedade mais justa e solidária.

O resultado desta pesquisa nos faz refletir que precisamos (re)pensar a formação decolonial da classe docente, preparando-a para lidar com as incertezas da vida pessoal e profissional do professor e, principalmente, pensando no futuro dessa profissão que foi odiosamente tão atacada nas mídias sociais. Essa formação precisa ser pensada para desnaturalizar discursos hegemônicos que tentam silenciar essa classe tão importante para formação da sociedade, fazendo, dessa forma, que essa sociedade compreenda que ser professor é uma profissão e, por isso, merece respeito, reconhecimento e valorização, porque reconhecer e enxergar esse profissional, bem como seu papel social significa, diante do resultado deste estudo, valorizar e legitimar o espaço de fala dessa categoria. Porém, a sociedade precisa compreender que essa valorização necessita ser mais que um lugar de fala, isso diz respeito a uma parte de quem somos e do que fazemos.

Embora tudo isso seja bastante relevante para a problemática pesquisada, ambicionamos que esse texto provoque algumas mudanças na vida social dos professores. Cremos que esta pesquisa, ancorada numa abordagem crítica e transdisciplinar, mobilizará a classe docente a buscar conhecimento numa perspectiva socialmente crítica, mirando o futuro, por meio de objetivos que orientam por um caminho de mudanças por justiça social, num viés decolonial, por intermédio do discurso. Assim, é preciso desconstruir os discursos hegemônicos que retroalimentam uma lente social de desaprovação pessoal e profissional que recaiu/recai sobre a classe dos professores, sobretudo, na pandemia, como foi constatado por esta pesquisa. Portanto, que em outros espaços, em outros momentos da história do profissional professor no Brasil do século XXI, mirando o futuro, tenhamos uma sociedade verdadeiramente independente, que saiba diferenciar notícias reais de *fakes news*, que tenha compreendido a importância do trabalho do educador e seja, de forma justa e igualitária, a defensora primeira dessa classe profissional tão essencial, sem a qual nenhuma outra teria formação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L.; PANIAGO, R. S; CUNHA, F. S. R. **Os impactos do coronavírus no saber fazer docente dos professores do ensino médio integral**. 2020, v. 16 n. 1. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/>. Acesso em: 8 maio 2021.

ALVES, Juliana Barbosa. **Análise crítica das manifestações da comunidade surda e simpatizantes sobre a temática do Enem 2017**. 2019. 50 p. Relatório (Iniciação Científica - PIBIC/CNPq), Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

ARENDT, Hannah. **Compreensão e política e outros ensaios**. Lisboa, Relógio d'Água, 1970.

ARENDT, Hannan. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1994.

BAJOIT, Guy. **El cambio social: análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas**. Madrid: Siglo, 2003.

BAJOIT, Guy. **Vers une théorie socio-analytique de la relation sociale**. Texto inédito cedido pelo autor, 2008.

BAJOIT, Guy. **Vers une théorie socio-analytique de la relationsociale**. 2012. Texto inédito, cedido pelo autor a Pedrosa.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf> . Acesso em: 22 nov. 2020.

BARBARA, Leila (org.) Delta. Vol 25, n. 3. **Tópicos de Linguística Sistêmico- Funcional na América Latina**. 2009.

BARBARA, Leila; MOYANO, Estela. (orgs). **Textos e Linguagem Acadêmica: explorações sistêmica funcionais em espanhol e português**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

BASTOS, Josane Aparecida Quintão Romero. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG**. Belo Horizonte, 2009. 149f.: il.

BATISTA JR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê; MELO, Iran Ferreira de (Orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em ambiente virtual: uma (Re) análise dos propósitos comunicativos**. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 463-487,

set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/>. Acesso em: 9 maio. 2021.

BOURDIEU, P., SAINT-MARTIN, M. As categorias do juízo professoral. In: Bourdieu, P. **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 13.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. 10.ed. Campinas: Papirus, 2010b.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo, metodologia da pesquisa na sociologia**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU; Pierre Jean-Claude PASSERON, **A reprodução**: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino, 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil** 1988. In: CAHAL, Y. (Org.). Constituição Federal, Código Civil e Código de Processo Civil. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002. (Minicódigo).

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica. 189 pp. 2019.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Traduzido por Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CABRAL, Sara Regina Scotta. ER, Cristiane; Conceitos básicos. In: **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

CANEN, Ana. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Currículo**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002, p. 174-195.

CARNEIRO, Juliana A. Soares; MALETTA, Ana Paula Braz; XAVIER, Gláucia do Carmo. O currículo e a sala de aula: compreendendo suas dimensões, possibilidades e desafios na perspectiva da inclusão. **Educação, cultura, linguagem e arte**. 3 ed. 2008.

CÁSSIO, F. (Org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

CARVALHO, Felipe. **2021 e a cultura do cancelamento**: ano em que mais se discutiu sobre rejeição online. 2021, CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/2021-e-a-cultura-do-cancelamento-ano-em-que-mais-se-discutiu-sobre-rejeicao-online/#:~:text=O%20cancelamento%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20uma,dedo%20aos%20erros%20de%20outro>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**. Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**. Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.

CNTE. **Trabalho docente em tempos de pandemia**: Relatório Técnico. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, 2020. Disponível em: <https://anped.org.br/>. Acesso em: 8 maio 2021.

CONNELL, Robert W. **Justiça, conhecimento e currículo na educação contemporânea**. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de (Orgs.). Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995, p.11-35.

CUNHA, João Paulo Lima. **“Kd o pai dessa criança?!”: uma abordagem sociológica e comunicacional do discurso de atores sociais pais de crianças com síndrome de down**. Tese (doutorado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2021.

DAMACENO, Taysa Mércia dos Santos Souza. **Sujeitos e atores sociais nas representações discursivas de docentes da rede estadual de ensino em Sergipe**: uma análise crítica em tempos de Ideb. 2013. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

EAGLETON, Terry **Ideologia**: Uma introdução/Terry Eagleton; tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

EGGINS, Suzanne. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Continuum. 2004.

FAGUNDES, S. W. **Racismo e sociedade**. Recife: Editoria Universitária, 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis as a method in social scientific research**. Methods of critical discourse analysis, organizada por Wodak e Meyer, 2. ed. Londres: Sage, 2005. p. 121-138. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 22 maio. 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse:** textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001 [1992].

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FOUCAULT, Michel **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

FOWLER, R.; HODGE, R.; KRESS, G.; TREW, T. **Language and control.** London: Routledge; Kegan Paul, 1979.

FOWLER, R. Representações sociais: a teoria e sua história. In: ARESCHI, P., JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais.** 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Pesquisa:** Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica. 2020. Disponível em: https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemiainforme-n1?utm_source=mailpoet&utm_medium=email&utm_campaign=Informe-1-primeiros-resultados. Acesso em: 03 mar. 2023.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FUZER, Cristiane & CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.** Campinas: Mercado de Letras. 2014.

GAMBETTA, Abella Leticia Beatriz. **O poder hegemônico das redes sociais:** uma análise crítica do discurso de quem "vai pra rua". Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades:** Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 mar./abr. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 10 maio 2021.

GOMES, Ingrid Chagas. **Linguística sistêmico-funcional: teoria de análise**. In: O subsistema de atitude no discurso de cinco professoras de letras que atuam fora da área específica de formação em Catalão-GO. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2020. p. 32-54.

GRAMSCI, A. **Caderno do cárcere**, volume 1. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade** (11. ed). São Paulo: DP&A.2006.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 3rd ed. Revised by Christian M. I. M. London: Matthiessen Arnould, 2004.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. 1985. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press.

HALLIDAY, Michael A. K. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. London: Edward Arnold.1994.

HALLIDAY, Michael A. K. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. London: Edward Arnold. 1994.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATHIESSEN, Chrstian. **An introduction to functional grammar**. 3rd. ed. London/New York: Arnold. 2004.

HALLIDAY, Michael A. K. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4th ed. London and New York: Routledge. 2014.

HALLIDAY, Michael A. K. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. 2.ed. London: Longman, 2006.

HALLIDAY, Michael A. K. Retrospective on SFL and literacy/Part 1. In: Rachel Whittaker; Mick O'Donnel; Anne McCabe (eds.). **Language and literacy: functional approaches**. London: Continuum, 1980.

HONNETH, Axel. **Luta pelo reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução Luiz Repa. São Paulo: Editora 34. 2009.

HONNET, M. **Comparative biology of the five Japanese species of the genus Vespa**. The Bulletin of the Faculty of agriculture MIE University 69:1-132, 2020.

IRINEU, A. **A realidade brasileira: estudo de problemas brasileiros**. 10. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

KRESS, G. Critical Discourse Analysis. In: W. G. (org.). **Annual Review of Applied Linguistics**, 1989.

KRESS, Gunther. 1993. Against arbitrariness: the social production of the sign as a

Foundational Issue in Critical Discourse Analysis. **Discourse & Society**, vol. 4 n. 2, p. 169-191.

MAGALHÃES, Izabel. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**/ Izabel Magalhães, André Ricardo Martins, Viviane de Melo Resende. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MAGALHÃES. I. **Introdução a análise de discurso crítica**. In: D.E.L.T.A. São Paulo: Educ, 2010.

MARTIN, J. R., & WHITE, P. R. R. **The language of evaluation: Appraisal in English**. London and New York: Palgrave/Macmillan, 2005.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. Bloomsbury Publishing, 2003.

MARTINS, I. dos S. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. ISSN 1678-460X DELTA, vol. 21 no. 2 São Paulo/SP July/Dec. 2005, Lael/PUC-SP. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 6 maio 2021.

MARTIN, Jim Robert. Beyond Exchange: Appraisal system in English. In: Hunston, S. & Thompson, G. **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Pres. 2000.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; BOTELHO, Gabriela Rodrigues. Isso vai dar samba: a perspectiva afrogênica e decolonial pela linguística aplicada. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, p. 120-137, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/28457/26806> Acesso em: 23 agosto. 2021

MEDEIROS, Bárbara Novaes; SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares. Discurso gerencial no controle de docentes em instituições de Ensino Superior privadas: uma análise crítica. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2019, v. 17, n. 2, pp. 294-304. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395173014>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. Companhia das letras, 2020.

MEURER, M Iran Ferreira de. **Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções**. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Melo_ADeACD.pdf. Acesso em: 10 jul. 2006.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em Política. **Cadernos de Letras da UFF**. Nº 34, p. 287-324, 2008. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2022.

MOLÓN, M, Izabel. **Teoria crítica do discurso e texto**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 113-131, 2001.

NEGRI, Stefania de Resende; SOUZA, Maria Inez Salgado de. **Afinal, existe um currículo**

democrático? 2008. Minas Gerais.

NOVA ESCOLA. **A situação dos professores no Brasil durante a pandemia.** 2020. Disponível em: <https://www.andes.org.br/>. Acesso em: 8 maio 2021.

OLIVEIRA, D. A; JUNIOR, E. A. P. **Trabalho docente em tempos de pandemia:** mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. 2020. <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/>. Acesso em: 5 maio 2021.

PACHECO, M. A. de C. P. **A redenção do anonimato na rede do Facebook:** Uma Análise De Discurso. Universidade De Brasília – UnB, 2013. Disponível: <https://bdm.unb.br/bitstream/>. Acesso em: 4 maio 2021.

PALÚ, P. SCHÜTZ, J. A. MAYER, L. **Desafios da Educação em Tempos de Pandemia.** Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2020. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br>. Acesso em: 6 maio 2021.

PARDO, M. L. 2019. **Descolonização do conhecimento nos estudos do discurso.** Em V. de M. Re-sende (org.). Decolonizar os estudos críticos do discurso, pp. 47-62. Campinas, SP: Pontes Editores.

PARDO, M. L. **Metodología de la Investigación en Lingüística:** Reflexiones y Propuesta. Universidade de Buenos Aires. Revista da ABRALIN, v.14, n.2, p. 271-288 jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/>. Acesso em: 22 maio 2021.

PARDO, Maria Laura. Metodología de la investigación en lingüística: reflexiones y propuesta. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 271-288, jul./dez. 2010.

PEDRO, Emília Ribeiro. (Org.). **Análise crítica do discurso:** uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD):** uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso PARTE 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social. 2012b. Disponível em: <http://www.ascd.com.br/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise crítica do discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA – **Cadernos do CNLF**, vol. IX, nº 03. – Rio de Janeiro, 2005, p.43-68.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Solidariedade em tempo de pandemia: uma leitura da análise crítica do discurso. In: I CIESD – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOCIODISCURSIVOS e VI SENAL – **Seminário Nacional de Alfabetização e Letramento**, n. I, 2020.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD):** uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso PARTE 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social. 2012b. Disponível em: <http://www.ascd.com.br/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **As identidades individuais, os sujeitos e seus discursos:** um estudo a partir da abordagem sociológica e comunicacional do discurso. VII SIGET-Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros textuais, 03 – 06 de setembro de 2013. Fortaleza: Ceará, 2013.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **As identidades individuais, os sujeitos e seus discursos:** um estudo a partir da abordagem sociológica e comunicacional do discurso. VII SIGET-Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros textuais, 03 – 06 de setembro de 2013. Fortaleza: Ceará, 2013.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Abordagem sociológica e comunicacional do discurso** (ascd): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. In: SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de; BARBOSA, Tatyana Mabel N. Práticas discursivas e ensino de língua(gens). Natal: Edurfn, 2014, p 15-58. Disponível em: www.ascd.com.br. Acesso em: 11 jun. 2021.

PEDROSA, C.E.F. Análise Crítica do Discurso e a proposta da corrente nacional: da abordagem às primeiras pesquisas. In: KALLARRARI, Celso; BESSA, Décio; PEREIRA, Aline S. (Org.). **Estudos linguísticos e formação docente**. Campinas: Pontes, 2016, v. 1, p. 69-100.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **A socioanálise e a abordagem sociológica e comunicacional do discurso:** caminhos de análise em Análise Crítica do Discurso. Trabalho apresentado na mesa-redonda da ABRALIN: Análise Crítica do Discurso e os caminhos de análise. VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA. Natal: UFRN, 30/01 – 02/02/2019.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Artmed, 1999.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad, poder, globalización & democracia**. Novos Rumos, Ano 17, nº 37, p. 4-28. 2002. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192/1812>. Acesso em: 25 nov. 2022.

QUIJANO, Aníbal. **“Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”**. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e representação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica:** o texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo. SP: Contexto, 2014.

RESENDE, Viviane de Melo. (Org.) **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

RESENDE, Viviane de Melo. Análise de Discurso Crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: (org.). RESENDE, V. M.; REGIS, J. F. S. **Outras perspectivas em Análise de Discurso Crítica**. Campinas: Pontes Editores, 2010.

RESENDE OTTONI, M. A.; MAGALHÃES, I. Pesquisas em análise de discurso crítica produzidas no Brasil de 2008 a 2017. **Revista Latino americana de Estudios Del Discurso**, 20 (2), 112–132. 2020.

RELATÓRIO DO PNUD, **lança luz sobre nova geração de desigualdades**. 2020. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/news/relat%C3%B3rio-do-pnud-lan%C3%A7a-luz-sobre-nova-gera%C3%A7%C3%A3o-de-desigualdades>. Acesso em: 13 dez. 2021.

RIBEIRO, Lidiane Vitor. **A inteligência coletiva praticada na Mídia Ninja**. 2019.

RODRIGUES J. M. C.; SANTOS, P. M. G. dos. **Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia**. ISBN 978-65-5621-095-7. Editora do CCTA João Pessoa, 2020. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/>. Acesso em: 10 maio 2021.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não violenta**. Traduzido da obra Non violent Communication: a language of life, segunda edição, 2006.

SANAER, S. A. Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. **Revista SOLETRAS**, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, n. 28, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br>. Acesso em: 22 maio 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Microfísica da violência, uma questão social mundial. **Cienc. Cult.** São Paulo, v. 54, n. 1, p. 22-24, June 2002. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000100017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MESESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Almedina, 2022, Parte I, Cap. I, p. 23-72.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**. Novos Estudos,

CEBRAP, p. 71-94, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo, Uruguay: Ediciones Trilce, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. In: **A gramática do tempo: para uma nova Cultura Política**. São Paulo: Cortez, 2020.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Violências, América Latina: a disseminação de formas de violência e os estudos sobre conflitualidades. **Sociologias** [online]. 2002, n. 8. pp. 16-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200002>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SANTOS, Paulo Sérgio da Silva. **A apropriação do poder hegemônico da ciência em revista de divulgação científica: estratégias sociodiscursiva**, 2017.

SANTOS, José; VASCONCELOS, Rita; NAPOLITANO, Suzane. A educação basilar em tempos de pandemia e o desvelamento da escola pública. In: SOUSA, André; ALVARES, Deborah; SOUSA, Ana. **Educação e pandemia: relatos e práticas pedagógicas**. Itapiranga: Schreiben, 2021.

SILVA, Isabela Lapa; SILVA, Viviane Rufino. **Breve Panorama Histórico e Introdução da Análise Crítica do Discurso**. Revista Ao Pé Da Letra, v. 19, n. 1, p. 53-77, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/234510/27719>. Acesso em: 9 jul. 2021.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de; OLIVEIRA, Marcelly Batista de. **Conservadorismo: ideologia e estratégia política das classes dominantes**. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social – ENPSS, 2018, UFES, Vitória/ES.

SOUZA, S. **Linguística e discurso**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2021.

STARLLES, Wender; MELO, Alexandre. **Manifestações de junho de 2013: relembre os fatos importantes**. Guia do Estudante, 2021. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/manifestacoes-de-junho-de-2013-relembre-os-fatos-importantes/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SYLVESTRE, Ana Paula Melo. **O eu e o outro online: discurso, poder e identidade nas redes sociais**. Brasília: UnB, maio de 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/>. Acesso em: 5 maio 2021.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5-24, jan./fev./mar./abr. 2014.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Violências e conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo, 2009.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente; MACHADO, Elisabeth Mazon. A violência na escola e os dilemas do controle social: uma proposta dialógica. **Rev. Bras. Segur. Pública**, São Paulo v. 13, n. 2, 106-125 ago/set 2019.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução de Carmem Griscietalli. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

TORTURA, A. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. 5. ed. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2019

VAN DIJK, T.A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2017.

VAN DIJK T. A. van. **Multidisciplinary critical discourse analysis: A Plea For Diversity**. 2001. Disponível em: <https://methods.sagepub.com/>. Acesso em: 22 maio 2021.

VAN DIJK, T. A. **The study of discourse**. In: (Edit). *Discourse as structure and process*. v. 1. London: Sage, 1998.

VAN DIJK. **Estructuras y funciones del discurso**. 12. ed. Madrid: Siglo Veintiuno Editores. 1998.

VAN DIJK, T. (Ed.) **Handbook of discourse analysis**. Vol. 4. Londres: Academy Press, 1985.

VAN DIJK, T.A. **Cognição, Discurso e Interação**. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN DIJK, T.A. **The uses of argument**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VAN DIJK T.A, **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, T.A. **On the context sensitivity of institutional interaction**. *Discourse & Society*, v. 11 (4), 2021.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. HOFFNAGEL, Judith; Falcone, Karina (Org.). São Paulo: Contexto, 2008.

VIAN JR., Orlando. O sistema de avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a. p. 19-29.

WALSH, Catherine, (ORG.) **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito, Equador: Ab ya-Ya la, 2013.

WHITE, Peter. **The language of evaluation**: appraisal in English. London & New York: Palgrave Macmillan. 2005.

WODAK, R. De qué trata el análisis crítico del discurso (ADC). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. *In*: R. Wodak & M. Meyer (orgs.). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003.

WODAK, Ruth. Do que trata a ADC - um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2013.

ZICA, Andreza. A **invisibilidade docente**. Instituto Casa viva educação e cultura. 2020. Disponível em: <https://institutocasaviva.com.br/a-invisibilidade-docente/>. Acesso em: 15 jul. de 2022.

ANEXOS

Anexo A – Corpus – Grupo: Hegemonia**Discurso 1**

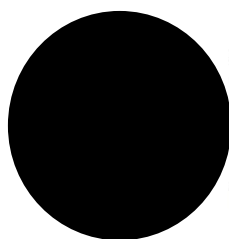
[Redacted] to, vc
é paga pra dar aula, tenho
certeza que não trabalha de
graça.
E ninguém te obriga a aguentar
filho de ninguém, isso foi uma
escolha sua né 🙄

Discurso 2

[Redacted]
Professor que não se sentir seguro, e
só pedir as contas e ficar em casa
pronto, a galera da iniciativa privada
nunca parou, mas a donzela do estado
e município não pode porque são reis, e
só pedir as contas e ficar em casa.

6 h Curtir Responder

Discurso 3

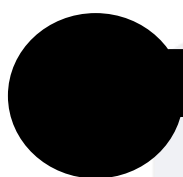


[Redacted name]

Se dependesse dos professores, não voltaria tão cedo. Estão com salários pagos. Cortem os salários dessa cambada de vagabundos!

Discurso 4

/ n Curtir Responder



E os únicos responsáveis por isso são os professores. Qdo o prefeito ou governador fala em voltar as aulas, os vagabundos do sindicato ameaçam de greve. Tem que demitir os que não querem trabalhar. Só assim p voltar as aulas presenciais.

9 h Curtir Responder

1

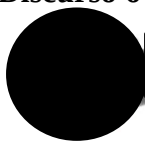
Discurso 5



Fernando Silva

Engraçado né, professores irem para o centro da cidade sabado passado fazer aglomeração em passeata pode, ir para churrasco em sitio, praia, buteco, também podem, mas ir trabalhar essa cambada não quer, vai vendo só!

Discurso 6



[Redacted name]

Quem trabalha no comércio mesmo sem nenhuma dose estão trabalhando, os médicos estão trabalhando, todo mundo está trabalhando, porque os professores são melhores que o resto da população

19 min

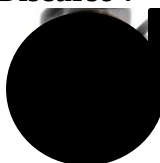
Curtir

Responder



Anexo B – Corpus – Grupo: Segurança Sanitária

Discurso 7



Greve sanitária, que ridículo. Educação é essencial! Professores egoístas querem ambiente 100% seguro! Voltem logo para as salas de aula!

Discurso 8

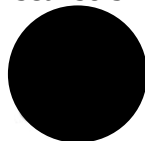


Não querem saber de trabalhar mesmo né? Vacinaram pra que? Se é pra ficar em casa, não deveria ter sido incluído em grupo prioritário, bando de folgados!

5 h Curtir Responder

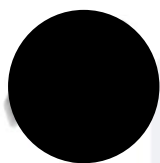
12

Discurso 9



Estavam pedindo emprego na 'manifestação', mas já desistiram da ideia, rs. Essa esquerda não sabe mais pra onde vai. Sindicatos...rs

Discurso 10



Parem de romantizar o sofrimento, seus imbecis.

43 sem Curtir Responder

2

Discurso 11

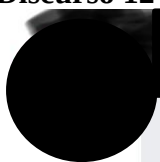


Não tem o que fazer e o que dizer, agora, estão na fase do delírio.

29 sem Curtir Responder

1

Discurso 12



Corta o salário.
Corta o cabelo.
Corta o salário.

Chega dessa cambada fazer o que querem da educação pública.

13 h Mais

Anexo C – Corpus – Grupo: Estigma ideológico

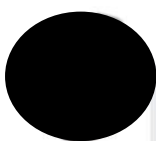
Discurso 13



Professor que não se sentir seguro, e só pedir as contas e ficar em casa pronto, a galera da iniciativa privada nunca parou, mas a donzela do estado e município não pode porque são reis, e só pedir as contas e ficar em casa.

6 h Curtir Responder

Discurso 14



Pra mim, numa altura dessas, 1,5 ano ja sem aula, e professor vir falar de greve? É um covarde que nao quer trabalhar. Provavelmente ligado a partidos de esquerda e sindicatos da vadiagem.

14 h Mais

Discurso

15



Fernando Castro

Garanto que os que querem fazer greve são gados do energúmeno do Paulo Freire

37 min Mais

Discurso 16

[REDACTED]

Sindicalista vagabundo não trabalha e nem quer q os outros trabalhem. Agora querem saber mais do que os infectologistas. Bando de canhota parasita

10 h Curtir Responder

Discurso 17

[REDACTED]

Os professores acham que são uma classe superior, a grande maioria fazendo militância política, ã estão nem aí com os alunos, bando de canalha hipócritas, o que falta é vergonha na cara

1 h Curtir Responder

2 

Discurso 18

[REDACTED]

Bando de militantes esquerdistas. E todos trabalhadores que estão atuando dia após dia durante toda a pandemia? Os professores não são melhores que os demais trabalhadores não. Bando de hipócritas!

Anexo D – Corpus – Grupo: Invasão de Competência**Discurso 19**

em duas horas fazem o plano de aula da semana toda, depois é só curtir a folga e esperar o salario cair na conta, se tivessem cortado ou diminuido o salário dos funcionários publicos que estão sem trabalhar, essa pandemia não teria durado 3 meses...

Discurso 20

A vida tem enfrentamentos, e professores estão aí para ensinar a melhor maneira de atravessar a dificuldade. Parar essa e toda a educação por pânico e histeria não é uma opção pedagógica.

Discurso 21

Deveriam era cortar o salário deles, que ai tomaria jeito e voltaria a trabalhar de verdade. Pq na escola da minha filha aqui em BH as professoras dela fizeram greve antes de começar a pandemia, ai emendou tudo é nem se dão o trabalho de mandar as atividades escolares .

9 h Mais

Discurso 22

5 h Mais



Quase 2 anos sem darem aulas e pode ter certeza se forem vacinados aonda inventarao outra desculpa pra nao voltar. Ficar em casa recebendo é muito bom. Pode começar o mimimi.

9 h Mais

Discurso 23

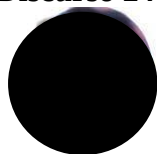


Eles já não gostavam de estudar e os professores não gostavam de ensinar. Misturou tudo e deu nisso

2 min Curtir Responder



Discurso 24



Jamais havetá aulas presenciais. Os professores descobriram que ganhar di heiro público em casa é melhor que ir ao trabalho. E ainda saobra tempo para o churrasco, o shopping, as idas as praias, as festinhas e etc. Eita cambada de mamadores!